

Quaresma e Campanha da Fraternidade



03

Quaresma: seguindo
as pegadas do Senhor,
caminhemos para a Páscoa!

Maria de Lourdes Zavarez

09

O sentido da condenação
e morte de Jesus

Paulo César Nodari

19

A Bíblia e o tráfico humano
na atualidade

Aíla Luzia Pinheiro Andrade, nj

25

Fraternidade e tráfico
humano: reflexão
socioteológica

J. B. Libanio, sj

31

Roteiros homiléticos

Celso Loraschi

Para que Cristo viva em nós!



O CD **Liturgia XVI – Páscoa Ano A** envolve os fiéis pelas melodias e letras, os hinos compreendem desde o Domingo de Páscoa até a grande solenidade de Pentecostes. Mais vida e alegria às celebrações e encontros dos fiéis.
18 faixas

O CD **Tríduo Pascal I** traz as músicas utilizadas na missa da Quinta-feira e na liturgia de Sexta-feira Santa e Sábado Santo. Conduzem o fiel ao clima de recolhimento e meditação próprios a esse momento singular do tempo litúrgico.
19 faixas



O CD **Tríduo Pascal II** contempla o tempo litúrgico da Vigília Pascal, para celebrar com ardor as solenidades. Músicas que compreendem desde a entrada do Círio Pascal na Igreja até o momento da comunhão.
15 faixas

PAULUS: 29 livrarias distribuídas por todo o Brasil.

VENDAS: Tel.: (11) 3789-4000 — 0800-164011 — vendas@paulus.com.br

SAC: Tel.: (11) 5087-3625 — sac@paulus.com.br

Visite nossa loja virtual

paulus.com.br



PAULUS

Caros leitores e leitoras,

Graça e Paz!

A cada ano a Quaresma abre o ciclo pascal, renovando em nós a consciência da necessidade de reafirmar nossa conversão, nosso batismo e buscar maior coerência com o evangelho. Não se trata simplesmente de repetir os mesmos ritos, mas de buscar progressivamente maior união com Cristo e com o mistério pascal. Não é apenas preparação penitencial para a Páscoa, mas para a vida como um todo.

Durante estes 40 dias, procuramos reviver a experiência do povo de Deus no deserto, que amadureceu sua fé em meio às dúvidas, hesitações, confiança e exercício contínuo de caminhada rumo à terra prometida, deixando para trás a escravidão do Egito, o que a ocasionava e todas as suas mazelas. E procuramos também reavivar em nós a experiência de Jesus, que, no jejum e na oração no deserto, supera as tentações e assume com determinação sua missão solidária em prol do Reino e de tudo o que ele significa.

Percorremos com Cristo o caminho que vai do deserto e das tentações e tensões à vitória, celebrada na Páscoa, sobre o mal e a morte. Assim, mais fortalecidos e iluminados pelo mistério pascal de Cristo, buscamos enfrentar as tentações, sofrimentos, escravidões, formas de idolatria esquemas que dificultam ou destroem a vida em nossa realidade atual.

Pelos exercícios quaresmais, pela dedicação de maior tempo à oração, à meditação, à caridade e ao jejum em contraposição às tentações de consumo e esbanjamento fomentadas pela cultura capitalista, buscamos fortalecer as razões de nossa esperança cristã de um mundo transformado, mais justo e solidário. O Concílio Vaticano II recorda que “a penitência quaresmal não deve ser apenas interna e individual, mas também externa e social” (SC 110).

A realidade atual permanece marcada pelo individualismo, pela aviltante desigualdade social – seja no contexto interno dos países, seja na disparidade entre eles –, pelo “capitalismo selvagem” e pela “tirania do dinheiro”. Até que ponto nos deixamos levar por essas negações da solidariedade, da fraternidade e da justiça do Reino, valores ensinados por Jesus? Que a Quaresma nos ajude a fortalecer-nos contra elas.

Em sintonia com o convite à conversão quaresmal e com a proposta penitencial deste período, a Igreja no Brasil apresenta cada ano um tema para a conversão social. Neste ano o tema da Campanha da Fraternidade é o tráfico humano. Talvez para a maioria de nós seja um tema distante e de pouca atenção. Mas, quando passamos a conhecer melhor o problema, somos tomados de perplexidade. O tráfico internacional de pessoas é a terceira atividade ilegal mais lucrativa do mundo, atrás apenas do tráfico de drogas e de armas, e há quem suspeite que já esteja superando essas outras duas formas de tráfico. Não é algo que acontece apenas em lugares distantes; em muitos casos, ocorre perto de nós. Em lugares como, por exemplo, a Grande São Paulo, têm sido constantes as descobertas de estrangeiros trabalhando em condições de escravidão em confecções de grifes bastante caras. Também em ricas fazendas espalhadas por todo o Brasil são constantemente descobertos grupos de trabalhadores escravizados.

Que em nome de Jesus de Nazaré, que deu a própria vida na cruz para nos resgatar de todo tipo de escravidão, nós, cristãos, nos conscientizemos e nos empenhemos de verdade em dar nossa colaboração para que todas essas formas de degradação e exploração de vidas humanas sejam superadas.

Pe. Jakson Alencar, ssp
Editor

Editora PIA SOCIEDADE DE SÃO PAULO
Diretor Pe. Claudiano Avelino dos Santos
Editor Pe. Jakson F. de Alencar – MTB MG08279JP
Conselho editorial Pe. Jakson F. de Alencar, Pe. Abramo Parmeggiani, Pe. Claudiano Avelino, Pe. Manoel Quinta, Pe. Paulo Bazaglia, Pe. Darci Marin
Capa Pe. Otávio Ferreira Antunes
Ilustrações internas Luiz Henrique Alves Pinto
Editoração Fernando Tangi

Assinaturas assinaturas@paulus.com.br
(11) 3789-4000 • FAX: 3789-4011
Rua Francisco Cruz, 229
Depto. Financeiro • CEP 04117-091 • São Paulo/SP
Redação © PAULUS – São Paulo (Brasil) • ISSN 1809-2071
vidapastoral@paulus.com.br
www.paulus.com.br
www.paulinos.org.br
vidapastoral.com.br

Vida Pastoral – Assinaturas

A revista Vida Pastoral é distribuída gratuitamente pela Paulus editora. A editora aceita contribuições espontâneas para as despesas postais e de produção da revista.

Para as pessoas que moram em cidades onde não há livraria Paulus e desejam receber a revista, as assinaturas podem ser efetuadas mediante envio dos dados para cadastro de assinante (nome completo, endereço, telefone, CPF ou CNPJ) e de contribuição espontânea para a manutenção da revista. Para os que já são assinantes e desejam renovar a assinatura, pede-se acrescentar aos dados também o código de assinante.

Para contato:

E-mail: assinaturas@paulus.com.br

Tel.: (11) 3789-4000

Fax: (11) 3789-4004

Para a efetuação de assinaturas, enviar dados e cópia de comprovante de depósito da contribuição para despesas postais para: Revista Vida Pastoral – assinaturas
Rua Francisco Cruz, 229 – Depto. Financeiro
04117-091 – São Paulo – SP

Contas para depósito de contribuição para despesas postais:

Banco do Brasil: agência 0646-7, conta 5555-7

Bradesco: agência 3450-9, conta 1139-8

Livrarias Paulus

APARECIDA – SP

Centro de Apoio aos Romeiros
Lojas 44,45,78,79
(12) 3104-1145
aparecida@paulus.com.br

ARACAJU – SE

Rua Laranjeiras, 319
(79) 3211-2927
aracaju@paulus.com.br

BELÉM – PA

Rua 28 de setembro, 61 –
Campina – (91) 3212-1195
belem@paulus.com.br

BELO HORIZONTE – MG

Rua da Bahia, 1136
Ed. Arcângelo Maleta
(31) 3274-3299
bh@paulus.com.br

BRASÍLIA – DF

SCS – Q.1 – Bloco I – Edifício
Central – Loja 15 – Asa Sul
(61) 3225-9847
brasilia@paulus.com.br

CAMPINAS – SP

Rua Barão de Jaguara, 1163
(19) 3231-5866
campinas@paulus.com.br

CAMPO GRANDE – MS

Av. Calógeras, 2405 – Centro
(67) 3382-3251
campogrande@paulus.com.br

CAXIAS DO SUL – RS

Av. Júlio de Castilho, 2029
(54) 3221-7797
caxias@paulus.com.br

CUIABÁ – MT

Rua Antônio Maria Coelho, 180
(65) 3623-0207
cuiaba@paulus.com.br

CURITIBA – PR

Pça. Rui Barbosa, 599
(41) 3223-6652
curitiba@paulus.com.br

FLORIANÓPOLIS – SC

Rua Jerônimo Coelho, 119
(48) 3223-6567
florianopolis@paulus.com.br

FORTALEZA – CE

Rua Floriano Peixoto, 523
(85) 3252-4201
fortaleza@paulus.com.br

GOIÂNIA – GO

Rua Seis, 201 – Centro
(62) 3223-6860
goiania@paulus.com.br

JOÃO PESSOA – PB

Praça Dom Adauto, S/N
Junto à Cúria – Centro
(83) 3221-5108
joaopessoa@paulus.com.br

JUIZ DE FORA – MG

Av. Barão do Rio Branco, 2590
(32) 3215-2160
juizdefora@paulus.com.br

MANAUS – AM

Rua Itamaracá, 21, Centro
(92) 3622-7110
manaus@paulus.com.br

NATAL – RN

Rua Cel. Cascudo, 333
Cidade Alta – (84) 3211-7514
natal@paulus.com.br

PORTO ALEGRE – RS

Rua Dr. José Montauray, 155
Centro – (51) 3227-7313
portoalegre@paulus.com.br

RECIFE – PE

Av. Dantas Barreto, 1000 B
(81) 3224-9637
recife@paulus.com.br

RIBEIRÃO PRETO – SP

Rua São Sebastião, 621
(16) 3610-9203
ribeiraopreto@paulus.com.br

RIO DE JANEIRO – RJ

Rua México, 111-B
(21) 2240-1303
riodejaneiro@paulus.com.br

SALVADOR – BA

Av. 7 de Setembro, 80
Rel. de S. Pedro
(71) 3321-4446
salvador@paulus.com.br

SANTO ANDRÉ – SP

Rua Campos Sales, 255
(11) 4992-0623
stoandre@paulus.com.br

SÃO LUÍS – MA

Rua do Passeio, 229 – Centro
(98) 3231-2665
saoluis@paulus.com.br

SÃO JOSÉ DO RIO PRETO – SP

Rua XV de Novembro, 2826
(17) 3233-5188
riopreto@paulus.com.br

SÃO PAULO – PRAÇA DA SÉ

Praça da Sé, 180
(11) 3105-0030
pracase@paulus.com.br

SÃO PAULO – RAPOSO TAVARES

Via Raposo Tavares, Km 18,5
(11) 3789-4005
raposotavares@paulus.com.br

SÃO PAULO – VILA MARIANA

Rua Dr. Pinto Ferraz, 207
Metrô Vila Mariana
(11) 5549-1582
vilamariana@paulus.com.br

VITÓRIA – ES

Rua Duque de Caxias, 121
(27) 3323-0116
vitoria@paulus.com.br



Quaresma: seguindo as pegadas do Senhor, caminhemos para a Páscoa!

Maria de Lourdes Zavarez*

Marcada por significativas celebrações, a Quaresma nos permite refazer a peregrinação pascal de Jesus. Descortina um caminho espiritual em que retomamos o nosso batismo, rumo à Páscoa, ponto alto do ano litúrgico, mistério fundamental de nossa fé. Cada celebração, neste tempo, deve ser forte experiência de êxodo, de passagem da escravidão para a liberdade, do individualismo para a solidariedade.

*Leiga, agente de pastoral com mestrado em Liturgia, membro da equipe nacional de articulação da Celebra – Rede de Animação Litúrgica; coordena o Curso de Pós-Graduação em Liturgia promovido pela Rede Celebra e pela Ifiteg em Goiânia, no qual também leciona; é professora do Curso de Atualização em Liturgia em SP, promovido pelo Centro de Liturgia D. Clemente Isnard em parceria com a Unisal. Colabora com a CNBB em publicações sobre liturgia. E-mail: lourdeszavarez@redecelebra.com.br

“Nada é mais alto do que o abaixamento da cruz, porque lá se atinge verdadeiramente a altura do amor.”

Papa Francisco, mensagem aos bispos brasileiros durante a JMJ, 2013

1. Quaresma: caminho catecumenal, de conversão e de reconciliação, rumo à Páscoa

Como sinal sacramental da salvação, a Quaresma abre progressivamente o ciclo pascal e, a cada ano, descortina-nos um caminho espiritual em que retomamos nosso batismo, rumo à Páscoa, ponto alto do ano litúrgico, mistério fundamental de nossa fé, cuja expressão máxima é a Vigília Pascal. A Quaresma começa na Quarta-feira de Cinzas e vai até a manhã da Quinta-feira Santa, com a celebração da bênção dos santos óleos. A celebração do Domingo de Ramos abre a Semana Santa. A Páscoa da Ceia na Quinta-feira Santa, à noite, dá início ao solene Tríduo Pascal.

Durante 40 dias, a Quaresma nos encaminha para a Páscoa, ajudando-nos a reviver



a experiência do povo de Deus, que amadureceu sua fé na travessia do deserto, e a experiência de Jesus, que, após intenso tempo de oração e jejum no deserto, assumiu sua missão com solidária e total entrega.

Neste “tempo favorável” de busca e aprofundamento de nossa vocação de discípulos(as) missionários(as) de Cristo, assumimos percorrer, com ele, o caminho que passa necessariamente pelas mais diversas tensões e tentações, caminho de total doação até a cruz, em fidelidade ao projeto do Pai. A cada passo, vamos recebendo o vigor, a iluminação, a ternura e a alegria do seu Espírito para proclamarmos a vitória da vida, com o dom cotidiano de nossa vida aos irmãos, enquanto lutamos contra todas as formas de idolatria, violência, exploração, injustiça e morte que, dolorosamente, persistem em nosso mundo, dominam, escravizam e degradam nossa condição humana frágil e pecadora.

Marcada por significativas celebrações, a Quaresma nos permite refazer a peregrinação pascal de Jesus. Cada celebração, neste tempo, deve ser forte experiência de êxodo, de passagem da escravidão para a liberdade, do individualismo para a solidariedade, do comodismo para a militância, da morte para a vida, para que possamos fazer de nossa vida uma Páscoa contínua:

- na Quarta-feira de Cinzas, abrindo-nos para sincera conversão e maior adesão ao evangelho com a imposição das cinzas;
- nos cinco domingos da Quaresma, sustentando-nos e conduzindo-nos progressivamente na caminhada até a Páscoa;
- no Domingo de Ramos, início da Semana Santa, fazendo-nos participantes do despojamento e da glorificação de Cristo;
- na Quinta-feira Santa de manhã, fechando a Quaresma com as bênçãos dos santos óleos.

Em adição a isso, há ainda celebrações penitenciais, vias-sacras, ofício divino, retiros espirituais e outras expressões celebrativas, muito abundantes neste tempo, reavivando a mística pascal das comunidades.

Caminho de renovação batismal

A Quaresma é originalmente, e por excelência, um tempo batismal. A liturgia da Palavra da Quaresma do Ano A constitui valioso itinerário de fé e de adesão crescente, consciente e livre à proposta de Jesus, seja do ponto de vista dos textos bíblicos, seja do ponto de vista dos textos dos prefácios, afinados com o evangelho de cada domingo, em vista da preparação dos catecúmenos para o batismo e de toda a Igreja para a renovação da consagração batismal na Vigília Pascal.

Nos dois primeiros domingos, apresenta-se Jesus como aquele que toma o caminho do deserto, onde vence as tentações do “ter”, do “poder” e da “fama” e, sustentado pela palavra da Escritura, opta decididamente pela vontade do Pai. Por isso, é glorificado, transfigurado por Deus no Tabor (na versão de Mt) antes mesmo de enfrentar a “hora das trevas”. Entramos com ele na grande travessia pascal, encontrando nele a força para passarmos pelas dificuldades e contradições da vida, transfigurando-as, acolhendo o sentido que elas oferecem como realização da aliança com nosso Deus.

Nos outros três domingos, acolhemos as grandes “catequeses batismais” de João e seus respectivos símbolos (caps. 4, 9 e 11):

- a) No terceiro domingo, na companhia da samaritana, discriminada por causa de preconceitos de religião, de raça e de gênero, fazemos a experiência de um encontro íntimo e transformador com o Senhor. Ele nos oferece a água da vida que sacia nossa sede e nos faz filhos e filhas de Deus, pelo batismo.

“Nos dois primeiros domingos, apresenta-se Jesus como aquele que toma o caminho do deserto, onde vence as tentações do ter, do poder e da fama.”



Somos convidados a vencer todos os tipos de discriminação, dar um passo novo no seguimento de Jesus, renovando nossa consagração batismal, e com ele oferecer ao Pai o culto filial em espírito e verdade.

b) Com o cego de nascença no quarto domingo, entramos em nossa própria escuridão e na escuridão do mundo que nos envolve para podermos experimentar a claridade da luz que nos vem de Jesus. Com nossos olhos ungidos e abertos, livres de nossa cegueira original, renovamos nosso empenho de viver como filhos e filhas da luz, vencendo, particularmente, a cegueira que nos impede de reconhecê-lo nos irmãos, sobretudo nos mais pobres, discriminados e excluídos, tanto pela sociedade como pela Igreja. Neste domingo da alegria (*Laetare*), somos animados a abandonar qualquer atitude de tristeza e desânimo para acolher a alegria e a consolação que o amor misericordioso de Deus nos oferece e nos propõe testemunhar.

c) No quinto domingo, lembrando a experiência de Lázaro, somos chamados a sair de nossos túmulos e do grande túmulo da iniquidade que devora nossas esperanças como povo, gerando desigualdades e escandalosa divisão entre cidadãos e “sobrantes e descartáveis”. Escutamos a voz do Senhor, que dá vida aos ossos ressequidos e nos convida a desatar as amarras e ataduras que nos impedem de caminhar e viver com dignidade, a nós e a tantos irmãos(ãs). Livres e desarmados de tudo o que nos prende, continuamos a aprofundar nossa vivência batismal. Com Marta e Maria, professamos nossa fé em Jesus, ressurreição e vida, para que, ressuscitados e em comunhão com ele, caminhemos para o Pai, levando transformadas toda a criação e toda a história.

Cada um desses aspectos do mistério que celebramos em cada domingo caracteriza toda a sequência ritual do dia e prepara mais diretamente para o batismo ou para a renovação das promessas na Vigília Pascal. As primeiras leituras, com textos do AT, narram fatos signi-

ficativos da história da aliança de Deus com a humanidade e suas relativas exigências atuais para a vida da comunidade cristã (pecado dos primeiros pais, vocação de Abraão e Sara, Moisés e a água da rocha, Davi e a visão dos ossos em Ezequiel), formando um todo catequético. Com textos de grande valor teológico das cartas de Paulo, as segundas leituras também apresentam ligação com as primeiras leituras, os salmos e os evangelhos.

d) No domingo de Ramos e da Paixão, iniciamos, com toda a Igreja, a Semana Santa. Recordamos a entrada de Cristo em Jerusalém para realizar a entrega de sua vida pela morte de cruz, fiel ao projeto do Reino. Com o povo da primeira aliança, que, durante a festa das Tendas, levava ramos nas mãos, significando a esperança messiânica, nós também, seguindo os passos de Jesus, renovamos nossa adesão ao seu projeto e, com nossos ramos nas mãos, o aclamamos Senhor da vida e da história. Escutando a narrativa da Paixão conforme a comunidade de Mateus e participando da liturgia da Paixão do Senhor, deixamos que o mistério pascal da paixão, morte e ressurreição de Jesus se realize mais intensamente em nossa vida.

Caminho de conversão e reconciliação

A Quaresma, no seu conjunto ritual, é um grande sacramento de conversão e reconciliação, mediante o qual participamos na fé do mistério de Cristo, que, vencendo as tentações, escolhe a atitude da compaixão e do amor incondicional, como servo humilde e sofredor, até a cruz. Mais do que uma preparação penitencial da Páscoa, a Quaresma constitui um ensaio da vida nova no Espírito, pelo qual toda a Igreja é convocada a deixar-se “purificar do velho fermento para ser uma massa nova, levedada pela verdade” (cf. 1Cor 5,7-8).

Tomando uma atitude contra o consumismo, o “jejum” como autodomínio sobre nossa alimentação, nossas palavras, nossos sentimentos, nossos atos, ouvindo e acolhen-



do sua Palavra sempre viva e eficaz, dedicando mais tempo à oração, vamos fortalecendo as razões de nossa esperança e, assumindo a prática do perdão, da justiça, da misericórdia, da solidariedade, o verdadeiro e mais agradável jejum: “desatar os laços da maldade, desamarrar as correias do jugo, dar liberdade aos encurvados...” (cf. Is 58,6-7), como compromisso de “volta ao primeiro amor” (Ap 2,4), selado na fonte batismal.

Nossa vida torna-se, então, uma oferta de louvor, um sacrifício espiritual que apresentamos continuamente ao Pai, em união com Jesus, o servo sofredor e pobre.

Conversão para a fraternidade

O Concílio Vaticano II recorda que “a penitência quaresmal não deve ser apenas interna e individual, mas também externa e social” (SC 110). Essa exigência, como passo fundamental na caminhada pascal, é assumida por nós na Campanha da Fraternidade, que sempre nos pede conversão e solidariedade em situações bem concretas de nossa realidade, ainda marcada por extremado individualismo, por competição desmedida, pela “tirania do dinheiro”, pelo “capitalismo selvagem” e pela “globalização da indiferença”, como nos alerta continuamente o papa Francisco. Neste ano, preparando-nos para a Páscoa, numa busca de coerência evangélica, a Igreja nos convida a pôr a fraternidade a serviço do *combate ao tráfico de pessoas*, com o lema inspirado na carta aos Gálatas, 5,1: “*É para a liberdade que Cristo nos libertou*”. Ações coletivas e concretas são necessárias para que esse mal seja extirpado de nosso mundo. A CF ilumina de modo particular os gestos fundamentais deste tempo litúrgico: a oração, o jejum e a misericórdia. “Nem a noite nos interrompa na prática da misericórdia!” (S. Gregório Nazianzeno).

Como sacramento pascal, a Quaresma nos chama à reconciliação e à mudança de vida, assumindo a busca da humanidade inteira por libertação, justiça, dignidade, re-

conciliação e paz. Alargamos ecumenicamente o coração, trazendo a Deus o clamor sempre mais forte do universo, que anseia por vida e liberdade, aguardando a plena manifestação dos filhos e filhas de Deus.

2. Alguns lembretes e sugestões para as equipes de celebração

a) Levando em conta a espiritualidade quaresmal, preparar o espaço celebrativo de acordo com certa sobriedade: cor roxa, sem flores (a não ser no 4º domingo, conhecido na tradição da Igreja latina como domingo da alegria, pela aproximação da festa pascal, e no Domingo de Ramos, com a cor vermelha indicativa do amor doado até o martírio). Como sinal de nossa abertura para o essencial, manter no ambiente um vazio necessário, despojado de enfeites e ornamentos supérfluos como cartazes, faixas, fitas, excesso de folhagens. Destacar apenas o altar, a mesa da Palavra, a cadeira de quem preside e a fonte batismal. Também silenciemos o canto do glória e do aleluia para retomá-los, exultantes, no início do Tríduo Pascal (Páscoa da Ceia, na quinta-feira santa) e na solene Vigília Pascal. Os instrumentos musicais se reservam apenas para o acompanhamento discreto dos cantos litúrgicos. O cartaz com o tema e o lema da CF-2014 poderá ser ampliado e colocado na entrada da igreja ou em lugar onde possa ser bem visualizado. Não é aconselhável fixá-lo no altar ou na mesa da Palavra.

b) A *cruz* também ganha destaque, podendo ser trazida na procissão de entrada, ser incensada em cada celebração e durante a Quaresma, com algum símbolo ligado à realidade ou sugerido pelo evangelho do dia.

c) Uma acolhida pessoal e amorosa seja feita a cada pessoa, e o abraço da paz seja um gesto intensamente vivido em cada celebração, especialmente com o sentido de perdão ou reconciliação fraterna.

d) O ato penitencial poderá receber também um destaque maior como anúncio da



misericórdia de Deus e de apelo à conversão, ligado com a realidade da comunidade e com a situação que nos torna responsáveis também pelo crime do tráfico de pessoas. É bom oferecer um tempo considerável para exame de consciência e usar gestos, como ajoelhar-se ou inclinar-se, ou o rito de aspersão, acompanhado de refrãos ou cantos apropriados. Nas celebrações da Palavra ou mesmo nas celebrações eucarísticas, o ato penitencial, em alguns domingos, poderá ser feito após a homilia, como resposta à interpelação que a Palavra de Deus nos faz.

e) Sugestão da bênção e aspersão com água para o tempo da Quaresma, sobretudo no terceiro domingo:

Quem preside põe-se de pé diante da fonte batismal ou bacia com água preparada junto à cruz e reza:

Ó Deus, fonte da vida, nós te bendizemos por esta água que criaste para fecundar a terra e para manter viva a tua criação. Que ela seja sinal da tua compaixão e do teu amor que se derrama sobre nós para chegarmos renovados à festa da Páscoa.

Que nossa conversão se manifeste no cuidado pelas pessoas, no respeito pela sua dignidade e pelo seu direito à liberdade. Por Cristo, nosso Senhor. Amém.

Segue a aspersão com água e um canto apropriado, por exemplo: “Lavai-me, Senhor, lavai-me...” (CNBB, *Hinário Litúrgico*, fasc. 3, p. 88-89); “Aspergi-me, Senhor...” (H3, p. 87).

f) Destacar a dimensão batismal, origem da própria Quaresma, como itinerário de fé e de adesão crescente ao projeto de Jesus. Nesse sentido, é desejável fazer dela um tempo de catecumenato, isto é, de preparação para os sacramentos da iniciação cristã (batismo, confirmação e eucaristia) que marcam a entrada de novos membros na comunidade. Os diversos domingos são associados com as várias

Formando líderes servidores **Seguindo os passos do Mestre Jesus**

Romério de Mello Santana



Este livro foi pensado para líderes ou futuras lideranças que queiram inspirar-se ou simplesmente conhecer o maior exemplo de líder e mestre que já existiu, Jesus Cristo.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





etapas de preparação. O primeiro domingo é consagrado à apresentação e acolhimento dos candidatos(as) para os sacramentos. O terceiro, quarto e quinto domingos são dedicados a abençoar os catecúmenos e invocar a força amorosa de Deus sobre eles, para que sejam libertados de todo o mal, como também a entregar-lhes o credo, os evangelhos e a oração do Senhor (o Pai-Nosso). (Há sugestões no *Ritual de Iniciação Cristã de Adultos*, p. 64-67, ou em CARPANEDO, P. e GUIMARÃES, M. *Dia do Senhor, ciclo pascal*, Apostolado Litúrgico, p. 52-53.) Mesmo onde não houver batismo na noite pascal, a retomada do espírito do catecumenato pode contribuir para que as comunidades, neste tempo, revigorem sua consagração batismal.

g) É importante que as homilias não percam sua dimensão orante, dialogal, mistagógica e profética, evitando um discurso racional, moralista ou apenas temático, que possa abafar a proposta pedagógica da Quaresma. Partindo sempre dos textos bíblicos, fazer a ligação com o tema da CF, com a vida da comunidade e com a própria celebração, momento em que a Palavra do Senhor se realiza como acontecimento pascal.

h) Os cantos da Quaresma devem nos ajudar a contemplar e viver o mistério pascal do Cristo em nossa realidade. O *Hinário Litúrgico 2* da CNBB e o *Ofício Divino das Comunidades* oferecem cantos bem apropriados para a liturgia, sobretudo para os salmos, a louvação quaresmal (uma versão cantada do prefácio), o rito de aspersão, o rito penitencial e também para outros tipos de celebrações próprias para este tempo, como via-sacra, celebração penitencial, retiros espirituais etc. O hino da CF seja entoado no final da celebração, como rito de envio em missão, e a oração da CF tem seu lugar mais indicado durante a oração dos fiéis.

i) É bom que, a cada domingo, a comunidade celebrante leve um compromisso bem concreto, brotado da celebração e proposto no

final da homilia, para ser vivido durante a semana. E, no domingo seguinte, seja retomado no início da celebração como sinal de vida e conversão ou como motivo para pedir perdão. Assim, a Quaresma será um caminhar pascal comunitário, progressivo e amoroso das trevas para a luz, da morte para a vida, da escravidão para a liberdade dos filhos de Deus. Cuidar para que esse compromisso leve a comunidade a gestos concretos em relação à realidade iníqua do tráfico de pessoas.

j) Entre as várias orações eucarísticas, aproveitar as da Reconciliação I e II, muito adequadas para o tempo quaresmal, assim como os prefácios próprios (p. 414-418).

k) Para a bênção final, o Missal Romano sugere, na página 531, várias “Orações sobre o povo”, acompanhadas pelo gesto de inclinar-se para receber a bênção. Seria bom aproveitá-las, assim como as orações de bênçãos próprias para a Quaresma (p. 521-522).

l) Toda essa vivência quaresmal só terá sentido se aparecer claramente como preparação para a Páscoa, que terá sua culminância com as celebrações do Tríduo Pascal e, sobretudo, com a Vigília Pascal, a “mãe de todas as vigílias”. Esta, por ser tão importante, merece ser cuidadosamente preparada para que a Páscoa do ano de 2014 seja profundamente vivida pela comunidade, como festa verdadeira e acontecimento inesquecível!

“Celebremos a Páscoa não com o velho fermento, nem com o fermento da malícia e da perversidade, mas com os pães sem fermento, isto é, na pureza e na verdade” (1Cor 5,8).

“Tudo quanto o Filho de Deus fez e ensinou para a reconciliação do mundo, podemos saber não apenas pela história do passado, mas experimentando-a na eficácia do que ele realiza no presente. [...] É nisso que consiste celebrar a Páscoa do Senhor com os ázimos da sinceridade e da verdade: tendo rejeitado o fermento da antiga malícia, a nova criatura se inebria e se alimenta do próprio Senhor” (Leão Magno, Sermão 12).



O sentido da condenação e morte de Jesus

Paulo César Nodari*

O projeto de Jesus se completa na sua morte, sinal de amor até o fim. Mesmo diante da dor extrema, Jesus não se desvia do desígnio do Reino de Deus. Ele assume a cruz com liberdade e revela seu amor incondicional por nós. Pelo seu sangue é selada a nova aliança e são desmascaradas as artimanhas da mentira e do poder opressor que se opõe ao Reino de Deus. A cruz, que significava destruição, torna-se reconstrução da condição humana.

.....
*Padre da Diocese de Caxias do Sul-RS, onde é vigário paroquial da Paróquia São Pelegrino; doutor em Filosofia pela PUC-RS; mestre na mesma área pela UFMG e graduado em Filosofia (UCS) e Teologia (PUC-RS). Atualmente é professor na Universidade de Caxias do Sul.
E-mail: paulocesarnodari@hotmail.com

1. Introdução

Para compreender o tema em sua amplitude, “condenação e morte de Jesus”, é preciso ter, diante dos olhos, alguns aspectos que por ora se podem denominar introdutórios, os quais, nesta reflexão, não têm o sentido de ser preliminares, mas, antes, exigência para a compreensão mais abrangente das razões da “condenação e morte de Jesus”.

Jesus é o dom gratuito do Pai

Sendo de condição divina, Jesus Cristo fez-se totalmente humano, esvaziou-se da condição divina para viver conosco (Fl 2,6-8). Deus revela-se como Deus muito humano. Nada do que é humano é indiferente a Deus. A grande Revelação de Deus é a humanidade. A humanidade de Jesus marca definitivamente a abertura e o acesso à vida de Deus. Agora, o encontro com Deus se dá não necessariamente no Templo, mas em Jesus Cristo. “Ninguém vai ao Pai senão por mim”,



diz Jesus (Jo 14,6). Deus se faz carne e vem habitar entre nós. Jesus Cristo se faz humano e servidor, manifestação da graça de Deus. O Pai vem ao encontro da humanidade pelo seu Filho e convoca todos para o seguimento de seu Filho, Jesus Cristo, a partir do anúncio e concretização do Reino de Deus. Por meio de sua pessoa e seu testemunho, Jesus é a irrupção do Reino de Deus em palavras e ações, nas dimensões do dom e tarefa, na perspectiva do “já” e “ainda-não”. O presente inaugura a plenitude de salvação futura, e o futuro penetra e esclarece o presente como tempo de decisão para alcançá-lo por meio da libertação dos males que oprimem os seres humanos.

Jesus vem em nome do Pai para fazer a vontade do Pai

Em Jesus Cristo se dá a irrupção do Reino de Deus. É o divino que invade a história. Jesus não prega a si mesmo, mas algo distinto de si mesmo, o Reino de Deus. Jesus foi fiel servidor do Reino. Ele é “servo de Deus”. Toda a sua vida deve ser compreendida à luz do Reino e este, por sua vez, só pode ser compreendido à luz da entrega total de Jesus. Em Jesus, portanto, revela-se um Deus descentralizado. Ou seja, tem-se a manifestação de um Deus que vive para fora, isto é, totalmente para o outro. Jesus apresenta-se como radicalmente livre das leis opressoras da época e aponta para o caminho da liberdade, tendo o Reino de Deus como o centro de sua pregação e de sua vida. “O tema do ‘Reino de Deus’ penetra toda a pregação de Jesus. Só podemos compreendê-lo a partir da totalidade da sua pregação” (RATZINGER, 2007, p. 70). É o ponto-chave de compreensão de toda a vida do Filho, dando sentido à missão histórica de Jesus e concretizando-a. Ele assume, na força e presença do Espírito

Santo, a radicalidade da pregação do Reino de Deus, pois ele não veio pregar a si mesmo, mas o Reino de Deus, sendo-lhe dadas pelo Espírito Santo energia e autoridade na pregação. No entanto, a sua autoridade não está de acordo com os moldes das autoridades humanas, pois gera conflitos não somente com seus inimigos

e adversários, mas também com seus conterrâneos. É autoridade que vem à tona por conta própria, ou seja, impõe-se por si própria. Impõe-se pela verdade. Se a presença do Espírito Santo faz Jesus ser fiel ao Reino de Deus, então, para conhecer Jesus, é preciso fazer a experiência que ele faz do Espírito

Santo, pois nele o Espírito Santo desceu, permaneceu, habitou, repousou em plenitude e encontrou-se à vontade como se estivesse em sua própria casa.

Jesus foi fiel à sua opção pelo Reino até o fim

Em Jesus Cristo, Deus se revela plenamente. Assim, não se pode compreender Jesus sem a perspectiva do Reino de Deus, nem o Reino de Deus sem Jesus Cristo. O Reino de Deus revela não só a pessoa de Jesus, que é a personificação do Reino, mas revela também em Jesus a face de Deus. O Deus de Jesus Cristo é o Deus do Reino. O projeto de vida de Jesus é o anúncio do Reino, dom de Deus que vem ao nosso encontro, porque somos pecadores e imperfeitos. “O tempo já se cumpriu, e o Reino de Deus está próximo. Convertam-se e acreditem na Boa Notícia” (Mt 1,15). Jesus resgata a linha mestra dos profetas e estabelece o núcleo em torno da justiça e da vida. “O Espírito Santo está sobre mim, porque ele me consagrou com unção, para anunciar a Boa Notícia aos pobres; enviou-me para proclamar a libertação aos presos e aos cegos a recuperação da vista; para

“O presente inaugura a plenitude de salvação futura, e o futuro penetra e esclarece o presente como tempo de decisão.”

libertar os oprimidos e para proclamar um ano de graça do Senhor” (Lc 4,18-19).

Jesus atua como servo (Fl 2,7). Ele testemunha e proclama com fidelidade o Reino. Mostra-o presente por meio de sinais, prodígios e milagres, que não revelam um Jesus “milagreiro”. Eles são sinais concretos que revelam a chegada do Reino de Deus. Evangeliza os pobres e se faz pobre com eles. Jesus quer garantir a vida aos que são incapazes de garanti-la por si mesmos e põem toda a força em Deus. Assim, o Reino de Deus é dos pobres não por privilégio, mas porque é o modo próprio de “ser de Deus”. Toda ação de Jesus é a promoção da solidariedade entre os homens e mulheres, denunciando as estruturas de morte e anunciando a vida que está nele. Jesus anuncia a prática do amor como dimensão protagonizante do Reino de Deus. O serviço de Jesus ao Reino se dá no amor que leva à vida e à comunhão de tudo e de todos em Deus. Sendo assim, por meio de seu sangue, assumido e derramado com liberdade na cruz, Jesus selou a definitiva aliança de amor.

O Filho do homem veio para dar a sua vida em resgate de muitos

Jesus não morrera, mas fora morto, tornando-se, assim, mártir, isto é, testemunha fiel da sua missão como resposta ao desejo de Deus. Jesus dá sua vida, gasta sua vida pelo Reino de Deus, porque é o Filho amado, o Predileto, o Eleito, o Primogênito, o Unigênito, o Enviado, o Administrador plenipotenciário do Pai. Tudo foi entregue às mãos do Filho pelo Pai. O Pai entrega ao Filho a missão do Reino. O Pai confia plenamente no Filho. Tem fé no Filho. Nele o Pai tem todo o seu benquerer. Assim, se o Pai tem fé no Filho, então a fé filial advém da fé paternal. O Filho torna-se companheiro, filho, adulto, amigo. O Filho adere à fé do Pai. Ele aprende a obediência por meio de seus sofrimentos, obediência esta não disciplinar, mas profética. O Pai dá ao Filho a grandeza de revelar o

Ofício de romaria

Reginaldo Veloso



176 págs.

O livro traz uma versão popular dos quinze Salmos de Romaria, para ser utilizada, sobretudo, no canto do Ofício. Proposta de oração, enraizada na grande Tradição orante da nossa Igreja.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





seu amor por toda a humanidade. Então, diz Jesus: “Quem vê o Filho, vê o Pai. Ninguém conhece o Pai senão o Filho e aqueles a quem o Filho der a conhecer” (Jo 14,1-6). O Filho é o revelador do Pai e o Pai é o revelador do Filho. “Meu Pai é vosso Pai e meu Deus é vosso Deus.” Assim, o caminho para o encontro com Deus é seu Filho, isto é, sua condição humana. Já não é preciso, por conseguinte, sair da condição humana para encontrar Deus. Para conhecer Deus, precisa-se conhecer o Filho. Portanto, se Deus se revela no Filho, então Deus, em Jesus Cristo, primeiro se revela como irmão e somente depois se revela como Pai. O encontro com o Pai se dá, pois, no Filho.

2. A condenação e morte de Jesus

A oração de Jesus

Na oração de Jesus no monte das Oliveiras, Jesus fala com o Pai. Percebe-se na oração de Jesus, primeiro, a experiência primitiva do medo, depois a turvação diante do poder da morte e, também, o pavor perante o abismo do nada, que o faz tremer, ou melhor, suar gotas de sangue (cf. Lc 22,44). Aquele que é vida sente advir sobre si todo o poder de destruição. Em Jesus vê-se o duelo entre luz e trevas, vida e morte. Manifesta-se não apenas uma angústia, mas o verdadeiro drama da escolha que caracteriza a vida humana. “Precisamente porque é o Filho, vê com extrema clareza toda a amplitude da maré imunda do mal, todo o poder da mentira e da soberba, toda a astúcia e atrocidade do mal, que se apresenta como a máscara da vida, mas serve continuamente à destruição do ser, à deturpação e ao aniquilamento da vida” (RATZINGER, 2011, p. 145). A cruz da obe-

diência livre e fiel marca a passagem da vontade do Filho à vontade do Pai:

Assim, a oração “não se faça a minha vontade, mas a tua” (Lc 22,44) é verdadeiramente uma oração do Filho ao Pai, na qual a vontade humana natural foi totalmente ar-

rastada para dentro do eu do Filho, cuja essência se exprime precisamente no “não Eu, mas no Tu”, no abandono total do Eu ao Tu de Deus Pai. Mas este “Eu” acolheu em Si a oposição da humanidade e transformou-a, de tal modo que, agora, na obediência do Filho, estamos presentes todos nós, somos todos arras-

tados para dentro da condição de filhos (RATZINGER, 2011, p. 150).

A condenação de Jesus

Jesus é condenado, fundamentalmente, porque atingiu o centro da vida do Templo. A aristocracia do Templo exerce uma liderança sobressalente na condenação de Jesus. O sumo sacerdote que se destaca é Caifás. Os sumos sacerdotes mantinham-se no poder à medida que faziam a vontade de Roma e buscavam manter a ordem. Jesus, com seu gesto no Templo, tumultua a ordem estabelecida. Ele se torna um perigo. “Sua atuação contra o templo é uma ameaça à ordem pública suficientemente preocupante para entregá-lo ao prefeito romano” (PAGOLA, 2011, p. 454). Jesus atreveu-se a desafiar publicamente o sistema do Templo. A ordem pública está em perigo. Não há perigo ao poder do império romano, pois o Reino anunciado por Jesus não é de violência e não dispõe de legião alguma. E, por sua vez, a essência do Reino de Deus é o testemunho da verdade e não o poder. A verdade do Reino de Deus desmascara a promiscuidade entre poder e mentira, a busca de poder e prestígio em nome de Deus

“Jesus é condenado, fundamentalmente, porque atingiu o centro da vida do Templo. A aristocracia do Templo exerce uma liderança sobressalente na condenação de Jesus.”



que havia na época. O Reino de Deus, pelo contrário, alicerça-se na verdade. Com Jesus, aparece a verdade como essência do Reino de Deus. “O mundo é ‘verdadeiro’ na medida em que reflete Deus, o sentido da criação, a Razão eterna donde brotou. E torna-se tanto mais verdadeiro quanto mais se aproxima de Deus. O homem torna-se verdadeiro, torna-se ele mesmo quando se conforma a Deus” (RATZINGER, 2011, p. 176). Para Jesus, “dar testemunho da verdade” significa realçar a vontade de Deus diante dos interesses do mundo e das potências do mundo:

A razão de fundo é clara. O reino de Deus defendido por Jesus põe em questão ao mesmo tempo toda aquela armadura de Roma e do sistema do templo. As autoridades judaicas, fiéis ao Deus do templo, veem-se obrigadas a reagir: Jesus estorva. Invoca Deus para defender a vida dos últimos. Caifás e os seus servos o invocam para defender os interesses do templo. Condenam Jesus em nome de seu Deus, mas, ao fazê-lo, estão condenando o Deus do reino, o único Deus vivo em quem Jesus crê. O mesmo acontece com o Império de Roma. Jesus não vê naquele sistema defendido por Pilatos um mundo organizado segundo o coração de Deus. Ele defende os mais esquecidos do Império; Pilatos protege os interesses de Roma. O Deus de Jesus pensa nos últimos; os deuses do Império protegem a *pax romana*. Não se pode, ao mesmo tempo, ser amigo de Jesus e de César; não se pode servir a Deus do reino e aos deuses estatais de Roma. As autoridades judaicas e o prefeito romano movimentaram-se para assegurar a ordem e a segurança. No entanto, não é só uma questão de política pragmática. No fundo, Jesus é crucificado porque sua atuação e sua mensagem sacodem pela raiz esse sistema organizado a serviço dos poderosos

do Império romano e da religião do templo. É Pilatos quem pronuncia a sentença: “Irás para a cruz”. Mas essa pena de morte está assinada por todos aqueles que, por razões diversas, resistiram ao seu chamado de “entrar no reino de Deus” (PAGOLA, 2011, p. 463).

Os atos que antecedem a crucificação

O centro da mensagem de Jesus é o Reino de Deus. Jesus apresenta a nova realza. E o centro desta é a verdade. “A instauração dessa realza como verdadeira libertação do homem é o que interessa” (RATZINGER, 2011, p. 178). Todavia, antes da sentença final, há ainda um interlúdio dramático, dividido em três atos. O primeiro ato é a apresentação que Pilatos faz de Jesus como candidato à anistia pascal. A questão toda é que só receberia a anistia quem fosse condenado por uma situação fatal. E em Jesus Pilatos não encontra nada de que o possa acusar a fim de ele ser condenado. Pilatos não consegue quebrar a lógica e o nexo entre poder e mentira. É incapaz de dizer não ao projeto perverso de opressão do povo pobre e dos que são condenados injusta e inocentemente. O segundo ato é a flagelação de Jesus. A flagelação era a punição alicerçada no código penal romano, infligida como castigo concomitante à condenação à morte (cf. RATZINGER, 2011, p. 180). É um ato que aparece durante o interrogatório, como prerrogativa do prefeito em virtude de seu poder, concedido pelo imperador. E o terceiro ato é a coroação de espinhos. Esta representava, na verdade, a zombaria contra quem quisesse ser rei. Os soldados se comprazem com isso, porque despejam toda a sua raiva contra os poderosos na vítima expiatória. Em Jesus condenado se apresenta o “*Ecce homo*” (RATZINGER, 2011, p. 182). A condenação com a finalidade de não causar rebuliço na ordem está acima da justiça:

“*Ecce homo*”: espontaneamente, essa expressão adquire uma profundidade



que ultrapassa aquele momento. Em Jesus, aparece o ser humano como tal. Nele se manifesta a miséria de todos os prejudicados e arruinados. Na sua miséria, reflete-se a desumanidade do poder humano, que desse modo esmaga o impotente. Nele se reflete aquilo que chamamos “pecado”: aquilo em que se torna o homem quando vira as costas a Deus e, autonomamente, toma em sua mão o governo do mundo.

Mas é verdade também o outro aspecto: não se pode tirar de Jesus sua dignidade íntima. Nele continua presente o Deus escondido. Também o homem açoitado e humilhado permanece imagem de Deus. Desde quando Jesus se deixou açoitado, precisamente os feridos e os açoitados são imagem do Deus que quis sofrer por nós. Assim, Jesus, no meio da sua paixão, é imagem de esperança: Deus está do lado dos que sofrem (RATZINGER, 2011, p. 182).

A morte de cruz caracteriza desprezo e humilhação

A fidelidade de Jesus ao Reino de Deus leva-o à superação de toda tentação de usar o poder do Espírito Santo como apropriação. Segundo Lucas, Jesus toma resolutamente a decisão de ir para Jerusalém. É decisão firme e resoluta (cf. Lc 9,51-52). Para Lucas, cada passo é definitivo e não há regresso. Jesus endureceu o rosto para Jerusalém. É o grande momento da decisão e da fidelidade. Jesus sabia do possível confronto em Jerusalém. Sabia que, por algum pecado ou ofensa religiosa, o profeta seria lapidado. Jesus podia ter esperado a lapidação, mas não a morte por crucificação. Nesse sentido, como conse-

quência, tem-se que Jesus nem sequer é morto com a dignidade de profeta. Morre crucificado. A crucificação era sinal de castigo aos escravos e tinha a intenção de aterrorizar a população e servir, assim, como ato público de exemplo de castigo (cf. PAGOLA, 2011, p. 465). Em outras palavras, Jesus não morre com sentido religioso, pois a cruz lhe tira o sentido religioso da morte. A morte de cruz de Jesus tem caráter de humilhação. A

cruz tira o mérito de Jesus como profeta.

“Em Jesus, aparece o ser humano como tal. Nele se manifesta a miséria de todos os prejudicados e arruinados.”

Na cruz, Jesus, pelo amor incondicional, prova sua realzeza e poder

A cruz não é só o sofrimento do Filho. É a dor do Pai que sofre a morte do Filho em seu amor. O óbvio começa a ser visto. O Filho sofreu a crucificação e morreu. Mas quem sofreu por último sua morte e sua perda foi também o Pai. Na perda do Filho, o Pai perdeu sua paternidade, todo o sentido do seu existir como Pai e como Deus. “A dor do Filho é a ‘dor’ do Pai. Este não é somente aquele que recebe o ato de entrega de Jesus; é ao mesmo tempo aquele que oferece e, em certo sentido, se oferece ao oferecer o Filho ao mundo” (ROCCETTA, 2002, p. 300). Atingido pela morte, na dor e na perda, o Pai, na presença do Espírito, também conhece e experimenta a morte do Filho amado, segundo a espantosa afirmação da tradição cristã: “Deus morreu”. O sofrimento de Jesus deve ser visto no sofrimento do amor de quem se abre à mortalidade e à dor dos outros. É o sofrimento que engrandece aquele que sofre. Alarga seus ombros e seu regaço, carregando sobre si a mortalidade do outro e sua dor (cf. SUSIN, 1997, p. 111-151). “A morte de Jesus é o ato supremo da sua liberdade e do seu amor. Vive a obediência total em união com o Pai. O Filho do Homem foi levantado para

atrair todos a si e ao Pai” (GRUPO FONTE, 2013, p. 154). O amor de Jesus pela criatura humana faz com que ele assuma incondicionalmente a realidade decaída e corrompida da criatura que se afastou do amor para resgatá-la em sua essência e entregá-la ao amor do Pai (cf. GRUPO FONTE, 2012, p. 140). Mesmo diante da dor extrema, Jesus não se desvia do desígnio do Reino de Deus. Vive a entrega à vontade do Pai com plena liberdade e gratuidade. “A cruz testemunha o imenso e eterno amor que flui do coração do Pai” (GRUPO FONTE, 2012, p. 140). O que o Pai quer não é que matem o Filho, mas que o Filho viva o seu amor até as últimas consequências. Jesus morreu como viveu, ou seja, morreu amando até o fim:

Deus não pode evitar a crucificação, porque para isso deveria destruir a liberdade dos seres humanos e negar-se a si mesmo como Amor. O Pai não quer o sofrimento e o sangue, mas não se detém nem sequer diante da tragédia da cruz e aceita o sacrifício de seu Filho querido unicamente por amor insondável para conosco. Assim é Deus (PAGOLA, 2011, p. 345).

A cruz revela o poder e as forças do mal

Na cruz, perpassa a infidelidade da humanidade ao projeto de Deus. A morte de Jesus realiza a radical experiência humana do abandono. Na cruz, Jesus experimenta o fracasso de seu projeto. Ele sente o abandono, até mesmo daqueles que o acompanharam durante toda a vida. É o escândalo e a humilhação máxima a alguém. Na cruz, Jesus sofre e morre. Para verdadeira compreensão do sofrimento de Jesus, é preciso, no entanto, elaborar algumas considerações a seu respeito: não é um sofrimento como pena, como pagamento de uma culpa por ele merecida ou que estaria a ele reservada, pois poderia atingir o cerne da vida de Deus; não é um sofrimento

CD A Deus, a glória pelos séculos

Pe. José Weber, SVD



Este CD traz canções sacras baseadas na riqueza teológica das Cartas de Paulo, como também da vivência cristã das comunidades paulinas.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





como castigo pedagógico com vistas ao futuro; não é um sofrimento apenas como constitutivo da finitude humana, uma vez que se poderia cair no perigo do destino trágico; não é apenas como consequência das condições históricas e sociais de injustiça, pois se poderia cair no sofrimento a nós destinado simplesmente pelos outros; não é apenas como o sofrimento do inocente, pois haveria o perigo do exagero na dose do sofrimento, tornando-o monstruosidade, e da inconsequente divinização do sofrimento:

**"O sofrimento é, em si,
desumano, destruidor,
angustiante, mas, integrado
no amor, é extremamente
divinizador."**

Sem dúvida, a primeira coisa que todos nós descobrimos no Crucificado do Gólgota, torturado injustamente até a morte pelas autoridades religiosas e pelo poder político, é a força destruidora do mal, a crueldade do ódio e o fanatismo da justiça. Mas precisamente ali, nessa vítima inocente, nós, seguidores de Jesus, vemos Deus identificado com todas as vítimas de todos os tempos (PAGOLA, 2011, p. 342).

O sofrimento de Jesus é expiatório

No sofrimento expiatório há a passagem da causa para alguém. Aqui geralmente este alguém é Deus. Esse é o sofrimento que salva, que santifica. É o sofrimento que gera a vida. É o sofrimento desde o outro e para o outro. É o sofrimento que não destrói. Engrandece e constrói. Não há amor sem dor. Ao invés de destruir-nos, resgata-nos. Esse sofrimento é o que nos reconcilia com Deus. Logo, o sofrimento é, em si, desumano, destruidor, angustiante, mas, integrado no amor, é extremamente divinizador. O sofrimento pelo outro, desde o outro e para o outro, é o sofrimento do amor. "O sofrimento e a dor, inerente à vida, fazem intuir que o dia da paixão e morte de Jesus, na cruz,

revela o que há de mais profundo no ser humano e de mais belo no coração de Deus" (GRUPO FONTE, 2013, p. 154). Jesus é o Servo Sofredor por excelência. Vive sua liberdade como esvaziamento (Fl 2,6-8), ou seja, esvaziou-se da sua propriedade. Esvaziamento significa dizer que o que é meu

passa a ser de outrem, fazer a experiência do ser acolhedor, ser hospitaleiro, entregar tudo, esvaziar-se da propriedade pessoal em vista da presença do outro. "Este 'fim', este extremo cumprimento do amar foi alcançado agora, no momento da morte. Jesus foi verdadeiramente até o fim, até o limite e para além do limite. Ele realizou a totalidade do amor, deu-se a si mesmo" (RATZINGER, 2011, p. 202). Na cruz realiza-se a entrega total de Jesus ao projeto do Pai e conduz-se a humanidade a Deus. Na cruz, configura-se nova forma de poder e realeza:

Desse modo é possível uma nova forma de obediência, uma obediência que ultrapassa todo o cumprimento humano dos Mandamentos. O Filho torna-se Homem e, no seu corpo, reconduz a Deus a humanidade inteira. Só o Verbo feito carne, cujo amor se cumpre na cruz, é a obediência perfeita. Nele, não se tornou definitiva apenas a crítica aos sacrifícios do templo, mas cumpriu-se também o desejo que ainda restava: a sua obediência "corpórea" é o novo sacrifício para dentro do qual ele nos atrai a todos nós e no qual, ao mesmo tempo, a nossa desobediência fica anulada por meio do seu amor (RATZINGER, 2002, p. 212).

Desse modo é possível uma nova forma de obediência, uma obediência que ultrapassa todo o cumprimento humano dos Mandamentos. O Filho torna-se Homem e, no seu corpo, reconduz a Deus a humanidade inteira. Só o Verbo feito carne, cujo amor se cumpre na cruz, é a obediência perfeita. Nele, não se tornou definitiva apenas a crítica aos sacrifícios do templo, mas cumpriu-se também o desejo que ainda restava: a sua obediência "corpórea" é o novo sacrifício para dentro do qual ele nos atrai a todos nós e no qual, ao mesmo tempo, a nossa desobediência fica anulada por meio do seu amor (RATZINGER, 2002, p. 212).

Da cruz como destruição à reconstrução da condição humana

A cruz representa destruição e morte violenta. Cruz significa desprezo, castigo e fim de



tudo. Porém se, por um lado, a cruz de Jesus é escândalo como sequência histórica de sua vida, é também, sobretudo, cruz redentora. A cruz em si não é salvadora nem, tampouco, redentora. “A cruz pela cruz não passa de uma maldição. Salvadora é a vida de Jesus” (RUBIO, 1994, p. 87). Em outras palavras, a cruz passou a ser salvadora por causa da vida de Jesus. “A cruz é salvadora porque constitui o resumo e a radicalização máxima da *entrega* de Jesus, vivida durante toda a sua vida” (RUBIO, 1994, p. 88). Tem-se a revelação de um Deus humilde e paciente, que respeita até as últimas consequências a liberdade humana. Deus não se revela como Deus imutável e majestoso, alheio ao sofrimento humano. Ele se revela como o Deus solidário ao sofrimento humano e às suas angústias. Vê-se, pois, um Deus identificado com todas as vítimas de todos os tempos (cf. PAGOLA, 2012, p. 341). Nesse sentido: “Com a cruz, ou termina nossa fé em Deus ou nos abrimos a uma compreensão nova e surpreendente de um Deus que, encarnado em nosso sofrimento, nos ama de maneira incrível” (PAGOLA, 2012, p. 343). Deus não responde ao mal com o mal. Do mal provém a redenção. A cruz, que significava destruição, torna-se reconstrução da condição humana (GRUPO FONTE, 2013, p. 154). “O mistério da cruz não está simplesmente diante de nós, mas envolve-nos, dando um novo valor à nossa vida” (RATZINGER, 2011, p. 213). Na cruz a morte é vencida, ou seja, a morte é transformada em vida.

A mensagem de Jesus crucificado é muito clara. Deus, que poderia ter aniquilado todas as formas de mal, preferiu *entrar nele* com a carne do seu Filho, em Jesus, proclamando o perdão e o retorno, e assumindo em si as consequências do mal, para redimi-lo na própria carne crucificada. É a *lei da cruz*, o princípio segundo o qual o mal não é eliminado, mas transformado em bem pelo exemplo e pela força

da morte de Cristo. Deste modo, a cruz se torna a *suprema lei do amor*, e quem quiser seguir o caminho de regeneração inaugurado por Jesus deve entrar no mal do mundo para dali tirar o bem da fé, da esperança, da caridade, do amor pelos inimigos. A lei da cruz é formidável. Ela tem uma eficácia soberana no reino do espírito e é aplicável a todas as vicissitudes humanas. É o mistério do Reino de Deus, é o mistério do Evangelho. Não é uma lei aceitável pela simples inteligência natural humana. Ela não pode ser demonstrada, caso prescindirmos da pessoa de Cristo. A inteligência natural humana a recusa, não é capaz de entendê-la sem o auxílio da fé (MARTINI, 1998, p. 231).

Jesus é o Cordeiro sacrificial único e eterno

O projeto de Jesus se completa na sua morte, sinal de amor até o fim. Jesus assume a cruz com liberdade e revela seu amor incondicional por nós. Ele é o “Cordeiro que tira o pecado do mundo” (Ap 5,12; Jo 1,29). Pelo seu sangue é selada a nova aliança. Nessa perspectiva, a morte de Jesus faz parte do grande projeto de Deus. “Por acaso não vou beber o cálice que o Pai me deu?” (Jo 18,11). É o grande mistério de, em Cristo, reconciliar todas as criaturas e libertar os seres humanos da escravidão e do pecado. Jesus, em seu amor redentor, assumiu-nos na condição de pecadores, tornando-se solidário a nós. “Deus não poupou seu próprio Filho, mas o entregou a todos nós” (Rm 8,23), a fim de que fôssemos reconciliados com ele pela morte de seu Filho (Rm 5,10). Este é o exemplo de supremo amor de Deus para conosco. Jesus é o “novo Adão”. Por meio dele todos se tornarão justos. Vista na perspectiva da ressurreição, a morte de Jesus é o novo êxodo, o início da nova Páscoa. O último dia de Jesus é o primeiro a partir do qual o mundo foi redimido. Da cruz de Cristo nasce novo mundo, baseado na vitória sobre o peca-



do, a qual possibilita ao ser humano chamar a Deus de Pai, e sobre a morte, pois este é o caminho para a ressurreição; na libertação da lei, pois esta foi submetida pelo amor, e na ruptura do reinado de Satanás, pois Cristo o venceu. Enfim, a morte de Jesus é o selo da nova aliança. É o sacrifício pascal único da nova aliança.

Depois dele, já não são necessários sacrifícios expiatórios, pois Jesus é o verdadeiro Cordeiro pascal. Todos os sacrifícios anteriores chegam à sua plenitude com a morte de Jesus na cruz (Hb 7,26). Na última ceia, Jesus disse que seu corpo seria entregue pelos pecados dos homens, seu sangue seria derramado para o perdão dos pecados e nele surgiria nova aliança (Lc 22,19s; Mc 14,26s). Jesus é a vítima do sacrifício que, com seu sangue, recoloca o ser humano em comunhão com Deus. Portanto, no sangue de

**“O Crucificado
desmascara as
mentiras, as covardias e
as artimanhas do poder
opressor.”**

Jesus na cruz é selada a nova aliança. Assim como no Antigo Testamento a aliança era concluída com um banquete e com a aspersão do sangue de animais sacrificados, a nova aliança, em Jesus Cristo, é firmada no sangue e realizada na ceia pascal, na qual ele mesmo

se oferece como Cordeiro sacrificial único e eterno. O Crucificado desmascara as mentiras, as covardias e as artimanhas do poder opressor. “A partir do silêncio da cruz, ele é o juiz firme e manso do aburguesamento de nossa fé, de nossa acomodação ao bem-estar e de nos-

sa indiferença diante dos que sofrem” (PAGOLA, 2012, p. 347). Assim sendo, a cruz se torna o início da vida nova. “A cruz se torna a prova plena, incompreensível e irrefutável, do amor de Deus Pai pela humanidade” (GRUPO FONTE, 2013, p. 154). ●

Referências

- GRUPO FONTE. *Manancial de vida*. Exercícios espirituais. Porto Alegre: Pacartes, 2013.
- _____. *O caminho de Jesus*. Exercícios espirituais. Porto Alegre: Pacartes, 2012.
- MARTINI, Carlo Maria. *Reencontrando a si mesmo*: há um momento em que devemos parar e procurar. São Paulo: Paulinas, 1998.
- PAGOLA, José Antonio. *Jesus*: aproximação histórica. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
- _____. *O caminho aberto por Jesus*. Petrópolis: Vozes, 2012.
- RATZINGER, Joseph. *Jesus de Nazaré*: da entrada em Jerusalém até a ressurreição. São Paulo: Planeta, 2011.
- _____. *Jesus de Nazaré*: primeira parte: do batismo no Jordão à transfiguração. São Paulo: Planeta, 2007.
- ROCCHETTA, Carlo. *Teologia da ternura*: um “evangelho” a descobrir. São Paulo: Paulus, 2002.
- RUBIO, Alfonso Garcia. *O encontro com Jesus Cristo vivo*. São Paulo: Paulinas, 1994.
- SUSIN, Luiz Carlos. *Jesus*: Filho de Deus e filho de Maria: ensaio de cristologia narrativa. São Paulo: Paulinas, 1997.



A Bíblia e o tráfico humano na atualidade

Aíla Luzia Pinheiro Andrade, nj*

A ação de Deus de libertar os escravos do Egito aparece como situação privilegiada para entender o tema da escravidão, tal como foi tratada pela Bíblia, e qual posicionamento se deve ter ao ler esse texto. A história de José no Egito, como narrativa exemplar, é o coroamento da reflexão bíblica sobre o tema da escravidão e nos motiva a uma ação eficaz de combate ao tráfico humano na atualidade.

*Graduada em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará e em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (Faje – BH), onde também cursou mestrado e doutorado em Teologia Bíblica e lecionou por alguns anos. Atualmente, leciona na Faculdade Católica de Fortaleza. É autora do livro *Eis que faço novas todas as coisas – teologia apocalíptica* (Paulinas).
E-mail: aylanj@gmail.com

Millhares de pessoas, todos os anos, são traficadas por máfias que as exploram na prostituição e no trabalho escravo. Esse diagnóstico aterrador de nossa época mobiliza ONGs, polícias federais de vários países e a ONU e até foi tema de filmes no exterior e de novela no Brasil. Já era tempo de a Igreja propor uma Campanha da Fraternidade que denunciasses essa situação.

A antiguidade do tráfico humano é atestada pela Bíblia e, não obstante a maior parte dessa literatura ter sido escrita em um contexto no qual a escravidão era tratada com normalidade, as Escrituras o denunciam em um relato amplo (Gn 37-50). Trata-se da história de José do Egito, a qual tem, coincidentemente, o mesmo enredo dos dias atuais. Por isso, esse relato bíblico servirá de base para nossa reflexão e poderá iluminar nossas ações no contexto hodierno.

1. Uma história antiga e nova

A finalidade do relato sobre José, o filho de Jacó vendido como escravo ao Egito, é



mostrar como um jovem hebreu deve permanecer fiel a Deus em qualquer situação e como o Deus da aliança pode agir discretamente nos grandes dramas da vida humana. Tudo isso com um realismo impressionante e desprovido de manifestações teofânicas ou de menções a grandes prodígios.

As narrativas bíblicas sobre os patriarcas mais antigos estão marcadas pelo culto, pela guerra santa, pelo carisma de pessoas especialmente eleitas e por manifestações extraordinárias do poder de Deus. O relato de José do Egito, ao contrário, é a história de uma pessoa comum, igual a tantas outras, que cultiva sonhos e anseios de uma vida melhor, que almeja a realização plena de seus carismas e capacidades pessoais. É uma história bem diferente das narrativas bíblicas anteriores, pois foi escrita em um ambiente intelectual e religioso bem diverso, a saber, a época da monarquia salomônica.

Naquele novo contexto histórico, houve um contato mais intenso entre os povos, maior trânsito de pessoas de um país a outro, considerável desenvolvimento do comércio ambulante por meio de caravanas, pois no reinado de Salomão foram realizadas muitas alianças de paz com os povos da região. Naquele ambiente também, por causa desses fatores, as pessoas estavam mais conscientes de suas capacidades intelectuais e havia quem sonhasse com uma vida melhor, com algo mais que cuidar dos rebanhos da família.

O relato bíblico sobre José do Egito é *sui generis* na Torá (Pentateuco). É uma narrativa que descreve a tempestade íntima dos personagens, seus dramas internos. Está focado mais nas situações psicológicas das pessoas que em ações extraordinárias realizadas por alguns escolhidos de Deus. Não menciona a vingança, a justiça feita com as próprias

mãos, embora isso não signifique que a culpabilidade seja subestimada, e sim que há mais serenidade diante dela.

A narrativa de José do Egito é uma história de sofrimento, na qual Deus, de forma discreta, escondida, vai agindo por meio da inspiração e da criatividade, ordenando todas

as coisas ruins para o bem e para a salvação.

É a história sobre um jovem que foi traficada como escravo para um país estrangeiro e ali vivenciou muitos sofrimentos, mas com o qual Deus estava, inspirando-o de modo que transformasse os acontecimentos ruins em algum

bem a favor daqueles com quem compartilhava a mesma situação. Nesse relato não se menciona um fatalismo do destino, mas os eventos históricos são interpretados como consequência das ações boas ou más praticadas pelas pessoas.

Além de descrever as situações psicológicas de José, o relato se preocupa em expor o drama moral da família dele, responsável pelo desencadeamento dos fatos desastrosos vivenciados por aquele que fora vendido como escravo.

A narrativa sobre José do Egito não é tão diferente das histórias atuais. As circunstâncias nas quais nasceu são marcadas pela competição: primeiramente o pai, Jacó, competiu com o irmão, Esaú, pela primogenitura, e a mãe, Raquel, competiu com a irmã, Lia, pelo amor do marido. Influenciado por essa situação familiar, José logo aprendeu a competir com os irmãos dele (STEVENS, 2006, p. 107; 172).

A grande tentação de José era ser o arquiteto da própria realização pessoal numa oposição aos demais irmãos, os filhos de Jacó. Essas pressões se traduziam externamente em boas roupas e sonhos de grandeza (cf. Gn 37,2).

"A narrativa sobre José do Egito não é tão diferente das histórias atuais. As circunstâncias nas quais nasceu são marcadas pela competição."



A situação familiar teve como consequência uma hostilidade tal que levou José a ser sequestrado pelos próprios irmãos e vendido como escravo ao Egito. Durante o tempo em que foi escravo, sofreu assédio sexual e calúnia que puseram sua vida em perigo.

José, longe de seus parentes, precisa construir novas relações sociais, as quais, a princípio, são desastrosas, já não por causa da inveja, mas porque a esposa de seu senhor se apaixona por ele e o assedia. Esse episódio provoca o desenvolvimento da trama (Gn 39-41), fazendo que José, na prisão, construa novos relacionamentos sociais: com o copeiro-mor e o padeiro-mor da corte do faraó.

Por causa do assédio e das armadilhas montadas por essa pessoa rica e influente – a mulher de Putifar –, José é tirado de um ambiente onde já estava estabelecido e é colocado na prisão. Mas, em meio aos sofrimentos, que vão se acumulando cada vez mais, ele não está abandonado por Deus, que age discretamente na história, fazendo o copeiro-mor e o padeiro-mor ter sonhos que seriam interpretados por José. Os sonhos de ambos são o que favorece o desenvolvimento da trama, forçando a situação para que José seja libertado.

Outra situação que mostra o agir discreto de Deus na história é a forma como José se reuniu com sua família (Gn 42,1-47,26). Houve um período de escassez, e os irmãos de José foram ao Egito para comprar alimentos. Os irmãos são forçados a encarar sua culpa, mas também são perdoados por José. O ápice da trama é o clímax da pressão psicológica e da liberação de todos os sentimentos. O pranto compulsivo mostra essa realidade.

2. As Escrituras mencionam, mas não aprovam, a escravidão

A Bíblia foi escrita num tempo em que a escravidão era aceita com naturalidade. Mas isso não significa que a Bíblia a apro-

ve. O Deus revelado nas Sagradas Escrituras é o criador e o libertador. Os dois eventos bíblicos, criação e libertação, destacam a ação exclusiva de Deus. São os fundamentos da fé judaica. Todo o sistema de bênçãos, orações, festas e rituais está alicerçado na fé em Deus criador e na memória do êxodo do Egito.

Esses dois eventos servem como fundamento das relações interpessoais e da ética. Se Deus é o criador, então todos os seres humanos são irmãos. E, sendo Deus o libertador, não há nenhuma justificativa para qualquer tipo de escravidão. Portanto, a Bíblia jamais justificou essa prática e, mesmo quando não a rejeitou explicitamente, o fez indiretamente por meio de várias leis.

Em nada a escravidão mencionada nas Escrituras se parece com a escravidão dos povos africanos nas Américas. Na Bíblia, é muito severa a punição por sequestrar, manter ou vender alguém, em outras palavras, por promover a escravidão sistemática, como a que aconteceu durante séculos nas Américas. Da mesma forma, as condições atuais de subempregos, trabalhos forçados, trabalho infantil, tráfico humano, tudo isso se enquadra naquilo que está previsto no texto bíblico como crime hediondo, punido com a pena capital (cf. Ex 21,16). Esse tipo de escravidão era praticada pelo Egito, e contra isso o próprio Deus se posicionou a favor dos escravos, libertando-os e condenando a escravidão para sempre.

Quando o Antigo Testamento menciona a existência de escravos na terra de Israel promovida pelo povo da aliança, principalmente durante o período da monarquia, está referindo-se à escravidão por dívidas. Em uma época na qual não havia projetos e organizações de ajuda social e humanitária, nem seguros de vida ou de patrimônio, nem previdências sociais, e em que era usual a imposição de altos impostos para manter a corte real, facilmente alguém podia cair na escravidão por dívidas.



O escravo mais comum era alguém que se tinha oferecido voluntariamente, ou tinha sido vendido por seus pais, para pagar uma dívida. Em alguns casos, o trabalho de um devedor era necessário para a sobrevivência da família, então escolhas difíceis tinham de ser feitas. Se um pai se tornasse escravo para pagar uma dívida, seria incapaz de sustentar a própria família; então, diante do risco de toda a família passar fome, muitas vezes um adolescente era dado ao credor em pagamento da dívida. A família iria sobreviver, e o menor oferecido como escravo teria ao menos suas necessidades básicas atendidas (cf. 2Rs 4,1).

Essa terrível situação é condenada por Deus por meio dos profetas:

Vendem por prata o justo,
e por um par de sandálias o pobre.
Pisam a cabeça dos necessitados
como pisam o pó da terra,
e negam justiça ao oprimido
(Am 2,6b-7).

A mesma condenação está no Pentateuco, que traz diversas leis a serem cumpridas pelos proprietários de escravos, um avanço para aquela época (cf. Dt 15,12-15; Lv 25,39-46). A Lei mosaica deu aos escravos o direito ao sábado (Ex 23,12), exigiu uma indenização significativa para o abuso (Ex 21,20.26-27.32), deu proteção específica para mulheres (Ex 21,7-11) e ordenou que todos os escravos fossem libertados no Ano do Jubileu (Lv 25,39-41). Muitas vezes, se um homem não tinha herdeiro, a sua propriedade passava para um escravo (Gn 15,2-3). Nessas concessões se observa a intolerância com a prática de um ser humano ser proprietário de outro.

**"As futuras vítimas da
escravidão se sentem
capacitadas para uma
vida melhor, sentem que
o futuro lhes reserva uma
oportunidade, que surgirá
como num passe
de mágica."**

As bases lançadas pela antiga aliança tiveram seu desfecho no Novo Testamento. Paulo de Tarso escreveu uma epístola com o propósito de restaurar o relacionamento de Filemon com seu escravo fugitivo, Onésimo, a quem aquele deveria receber "como companheiro e irmão no Senhor" (Fm 16). Se essa foi a instrução aos cristãos que viviam no contexto do império romano, numa época em que se via a escravidão com naturalidade, quanto mais severa não é a instrução aos cristãos de hoje, depois de toda a conscientização a respeito dos direitos humanos.

3. O tráfico humano na atualidade

A história do tráfico de pessoas é tão antiga quanto nova. Mas causa perplexidade o número altíssimo de vítimas que, apesar de grande conscientização a respeito dos direitos humanos, ainda são traficadas na atualidade.

O tráfico internacional de pessoas é a terceira atividade ilegal mais lucrativa do mundo, atrás apenas do tráfico de drogas e de armas. De acordo com um relatório da Organização das Nações Unidas, havia, em 2010, 140 mil mulheres traficadas na Europa e exploradas sexualmente. Juntas, elas fariam cerca de 50 milhões de programas sexuais por ano, a um valor médio de 50 euros cada, o que representa um lucro anual de 2,5 bilhões de euros, ou 6,5 bilhões de reais (SANCHES, 2012).

Conforme a maioria dos depoimentos de pessoas resgatadas da escravidão (SEVERO,



2012), geralmente o início de tudo está nos sonhos de grandeza alimentados pelas vítimas, no modo como a família delas está envolvida nesses sonhos, unindo-se a isso a falta de escrúpulos de pessoas oportunistas e gananciosas que se utilizam desses fatores para enriquecimento ilícito por meio do tráfico humano.

A oportunidade do traficante de pessoas para a escravidão surge pela porta dos sonhos das vítimas. A cada ano, grande número de pessoas são traficadas para a exploração de sua força de trabalho ou para a prostituição.

[...] as vítimas são homens, mulheres e crianças mantidos em condições análogas à escravidão, normalmente, em trabalho agrícola ou fabril [...]. “Tem aumentado também a frequência do tráfico internacional de jogadores de futebol, modelos e até de cozinheiros de restaurantes étnicos”, afirma a ministra Luiza Lopes, diretora do Departamento Consular e de Brasileiros no Exterior [...] (SANCHES, 2012).

As vítimas, geralmente, compartilham um mesmo tipo de situação familiar e econômica. São adultos que moram com os pais, estão desempregados ou em um subemprego. Essa situação gera acusações a respeito de despesas, cobranças de uma colaboração mais efetiva na renda familiar e extravasamento das tensões psicológicas pela procura frequente de ambientes de diversão, como boates e bares.

Tal situação econômica e familiar é responsável pelo surgimento de sonhos de uma mudança de vida. As futuras vítimas da escravidão se sentem capacitadas para uma vida melhor, sentem que o futuro lhes reserva uma oportunidade ideal, que surgirá como num passe de mágica. Seus anseios por uma vida melhor são o tema principal de suas conversas nos ambientes que frequentam. E então surge o traficante, que

será considerado como o Mágico de Oz,¹ alguém que com sua varinha de condão transformará radicalmente o espantalho em ser humano.

O traficante² se aproxima para fazer amizade. Narra a vida difícil que tinha e como a situação mudou radicalmente quando foi trabalhar no estrangeiro. Antes era pobre e sofrido, a família o humilhava, e agora tem casa, carro e dinheiro para se divertir à vontade. Tem o respeito das pessoas e desperta paixões.

A vítima não desconfia desse relato de enriquecimento fácil e rápido; fica hipnotizada com a narrativa. Seu pensamento está fixo na possibilidade de realizar seu sonho. O traficante dá provas de que está falando a verdade. A vítima tem acesso ao carro e à casa do traficante. Pessoas do círculo de amizade do traficante confirmam a história, para que a vítima se certifique de que tudo o que foi contado é verdade.

4. O papel solidário e profético da comunidade de Jesus

Atualmente, a maioria dos cristãos ainda ignora a situação do tráfico humano ou lhe é indiferente. Hoje o tráfico de pessoas é tão perverso quanto no tempo em que as Américas estavam sendo colonizadas. Há suspeitas de que as receitas provenientes do tráfico humano superem as do comércio ilegal de armas e de que, em breve, esse crime ultrapassará o tráfico de drogas para chegar ao topo das atividades ilegais no mundo.

É tarefa dos cristãos, em nome de Jesus de Nazaré, que deu a própria vida na cruz

1 No romance homônimo de L. Frank Baum, os personagens procuram o falso mágico achando que ele vai realizar seus sonhos, mas, na verdade, os personagens já têm dentro de si mesmos aquilo que mais procuram e não o sabem, pois acham que sua realização pessoal está em algo extraordinário e fora de si.

2 Homem, mulher ou homossexual.



para nos resgatar do pior tipo de escravidão que é o pecado, empenhar esforços para que os milhões de vítimas do tráfico sexual sejam libertados e as vítimas do tráfico de mão de obra voltem para junto de suas famílias.

Nos tempos bíblicos, a escravidão se instaurou por causa do pagamento de dívidas familiares. Hoje, a “necessidade” que gera a escravidão é muito mais ilusória e vil: a fabricação de produtos com baixo custo – para lucrar cada vez mais – e o sexo barato. A Bíblia se preocupa em promover práticas trabalhistas justas (1Tm 5,18) e relações sexuais saudáveis, sem exploração da pessoa humana (1Cor 7,2).

Apesar disso, há o silêncio da maioria dos cristãos que dizem praticar as Escrituras. Há convivência com a adoção ilegal, sem que se perguntem de onde a criança veio e se não teria sido raptada de seus pais. A maioria dos cristãos se cala quando se trata de multinacionais que usam mão de obra em condições de escravidão. Essa postura é uma antítese do cuidado bíblico para com os servos. Os cristãos, alicerçados na lei do amor (1Jo 3,16), são convocados a gastar suas energias em favor daqueles que estão escravizados; devem ajudar a levar vida plena, pois todos já foram libertados em Cristo.

E não podemos concluir este artigo sem uma palavra de esperança para as pessoas traficadas e para as famílias das vítimas. No fim da narrativa, José faz uma leitura positi-

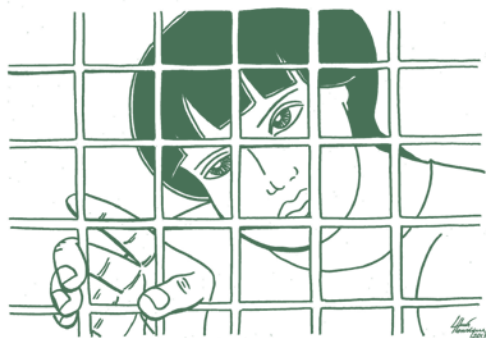
va dos acontecimentos dolorosos pelos quais passou (Gn 50), Deus havia convertido o mal em grande bem. Esse final convida as famílias de hoje, mesmo quando há vítimas fatais, a ver a ação discreta de Deus como companhia nos sofrimentos, como presença eficaz ao lado de quem sofre, na certeza de que a vítima não foi abandonada por ele em nenhum momento.

O Senhor disse: “Eu vi, eu vi a miséria do meu povo que está no Egito. Ouvi o seu clamor por causa dos seus opressores, pois eu conheço as suas angústias. Por isso desci a fim de libertá-lo da mão dos egípcios, e para fazê-lo subir daquela terra a uma terra boa e vasta, terra que mana leite e mel [...]. Agora, o clamor dos filhos de Israel chegou até mim, e também vejo a opressão com que os egípcios os estão oprimindo. Vai, pois, e eu te enviarei ao Faraó, para fazer sair do Egito o meu povo, os filhos de Israel” (Ex 3,7-10).

Os verbos empregados indicam a presença constante de Deus junto ao povo: eu vi, eu ouvi, eu conheço as angústias dele, eu desci, eu te envio. Que os seguidores de Jesus não desconsiderem esse apelo do Senhor, que conta conosco para novamente tirar seu povo da escravidão e da mão do opressor. ●

Referências

- SANCHES, Adriana. Tráfico humano: histórias reais que inspiraram a novela *Salve Jorge*. *Marie Claire*, Rio de Janeiro, n. 260, nov. 2012. Disponível em: <<http://revistamarieclaire.globo.com/Mulheres-do-Mundo/noticia/2012/11/trafico-humano-historias-reais-que-inspiraram-novela-salve-jorgex.html>>. Acesso em: 22 ago. 2013.
- SEVERO, Julio. *Tráfico sexual humano*: a moderna escravidão que não foi abolida. Disponível em: <juliosevero.blogspot.com.br/2012/01/trafico-sexual-humano-moderna.html>. Acesso em: 9 jul. 2013.
- STEVENS, R. Paul. *A espiritualidade na prática*: encontrando Deus nas coisas simples e comuns da vida. Viçosa: Ultimato, 2006.



Fraternidade e tráfico humano: reflexão socioteológica

J. B. Libanio, sj*

A CF-2014 escolheu como tema uma das formas de criminalidade atuais que envergonham a humanidade, o tráfico humano. Pretende-se com a campanha contribuir para reforçar a conscientização, a prevenção, a denúncia e o repúdio com relação a essa atividade ilegal, além de apelar tanto para o Estado como para toda a sociedade civil a fim de que se empenhem em coibir tal iniquidade.

*Doutor em Teologia pela Universidade Gregoriana de Roma. Há mais de três décadas vem se dedicando ao magistério e à pesquisa teológica. É vigário da Paróquia Nossa Senhora de Lourdes em Vespasiano, na Grande Belo Horizonte-MG. É autor de diversos livros publicados pela Paulus, bem como por outras editoras.
E-mail: jblibanio@faculdadejesuita.edu.br

Assusta-nos até onde chega a perversidade de traficar seres humanos como se fossem coisas. A humanidade, depois de tristes e violentos invernos de maldade, chegou, em 1948, à Declaração dos Direitos Humanos. O texto começa com uma série de considerandos. O primeiro soa solene: “Considerando que o reconhecimento da dignidade inerente a todos os membros da família humana e de seus direitos iguais e inalienáveis é o fundamento da liberdade, da justiça e da paz no mundo”. Antes de tudo, está a dignidade de cada ser humano, que goza de igualdade de direitos inalienáveis. Sobre ela se constroem a liberdade, a justiça e a paz.

Girando negativamente, a dominação, a injustiça e a guerra nascem da violação de tais direitos. O texto tira outra óbvia conclusão de que atos bárbaros, que ultrajaram a consciência da Humanidade, decorreram do desprezo e desrespeito de tais direitos.

A CF-2014 escolheu como tema um desses atos perversos, que nos envergonham



– o tráfico humano –, a fim de despertar e reforçar na consciência dos brasileiros o repúdio por tal prática. Além disso, apela tanto para o Estado como para toda a sociedade civil a fim de que se empenhem em coibir tal iniquidade, infelizmente ainda presente em nosso país.

1. O fato escandaloso

O tráfico humano se associa à escravidão. O Brasil aboliu-a, embora muito tardiamente, no fim do século XIX. No entanto, a boca ficou torta de tanto fumar cachimbo durante séculos e a escravidão se perpetua, sob diversas formas, ludibriando a Lei, a Justiça e a Ética.

Se o olhar se amplia para o mundo, esbarramos com números gigantescos das vítimas do tráfico humano, que as explora no trabalho forçado e no campo sexual. “Segundo a Agência das Nações Unidas contra a Droga e o Crime (ONUDD), todos os anos, 800 mil a 2,4 milhões de pessoas são vítimas do tráfico de seres humanos no mundo” (Global Report on Trafficking in Persons). A advogada citada na nota acrescenta que tais dados não revelam totalmente a realidade. O tráfico deve ter aumentado no mundo. Se falamos em termos absolutos, a Organização Internacional do Trabalho (OIT) estima que o número alcance a cifra de 20,9 milhões. Na América Latina e Caribe, calcula-se a cifra de 1,8 milhão, na proporção de 3,1 por mil, maior que a média global.

Se distinguimos os dois tipos de tráficos, laboral e sexual, o primeiro representa 78%, e o outro, 22%. Predomina escandalosamente a exploração feita pela economia privada em relação ao Estado (14,2 milhões contra 2,2 milhões). Especificando o tipo de

pessoas, ainda que o número de homens seja maior (74%), espanta-nos o das crianças (26%) e das mulheres (55%). São 44% os migrantes afetados, sendo 15% internos ao Brasil, enquanto 29% são de fora. No campo sexual, a exploração de migrantes estrangeiros atinge proporção muito maior, 74% (PLASSAT; LIMA). Na Europa, 13% das mulheres sexualmente exploradas são sul-americanas (UNODC).

Ainda na linha do fato, cabe incluir nessa maré de lama o tráfico de órgãos, removidos não somente de corpos clinicamente mortos, mas até cruelmente retirados de crianças vivas, normalmente pobres e submetidas de várias maneiras, desde a compra até o roubo. O quadro de crimes se amplia por força da criatividade per-

versa do coração humano. No referente à exploração sexual, por exemplo, uma pesquisa nacional de 2002 detectou dentro do Brasil 241 rotas de tráfico de exploração sexual, sendo 131 internacionais, 78 interestaduais e 32 municipais (Pesquisa Nacional sobre Tráfico de Mulheres, Crianças e Adolescentes).

2. Causas e processo de assédio moral

Na leitura das causas, os olhares variam segundo a peculiaridade do prisma do saber. Seleccionamos dois: um processual das causas empíricas e outro do significado teológico da situação estudada. Uma primeira pergunta: por que o ser humano chegou à vileza de escravizar outros semelhantes quando já se alcançou consciência mundial da hediondez do crime?

Se passarmos pelo crivo psicanalítico os “gatos”, os proprietários rurais mandantes, os gerentes criminosos de transnacionais, funcionários do próprio governo, administrado-



res de empreiteiras e outras pessoas envolvidas com o tráfico laboral, sexual e de órgãos, encontraremos, individualmente, traços neuróticos e psicóticos graves. No entanto, eles não explicam a amplitude do fenômeno. Avancemos com o olhar sociocultural.

Na raiz profunda, movem-se altos interesses econômicos que cegam as pessoas. Três dados pressionam o crime. Aí se juntam empreendimentos urgentes e vultosos, muitas vezes em rincões perdidos neste gigantesco país, com a carência de mão de obra barata e a ganância de lucros exorbitantes. A consciência moral se obscurece pelo tamanho economicamente sedutor do projeto. Um lado da moeda.

Doutro lado, defrontamo-nos com a vulnerabilidade de pobres em busca de sobrevivência. Uns habitam a região de longa data, outros vêm de países estrangeiros ou de outras regiões do Brasil. Quando os dois fatos se encontram, então o lance seguinte de aliciar trabalhadores de mil modos brota quase espontaneamente. Cale-se qualquer escrúpulo!

Os meios de aliciamento multiplicam-se conforme a natureza da fragilidade dos trabalhadores. Os aliciadores apresentam-lhes benesses de que eles tanto necessitam. Moram mal e eles acenam-lhes com alojamento. Prometem-lhes transporte, comida. Antecipam-lhes algum pagamento. Com dinheiro na mão, a submissão ao destino se faz irrecusável. Se são estrangeiros, legalizam-lhes a situação até mesmo com casamentos fictícios. Em caso de menores, forjam-lhes adoções sem nenhuma segurança de futuro.

Quando os meios da sedução não parecem suficientes, entram em jogo força, coação, violência, rapto, fraudes, assédio moral, ameaças. A sinonímia não termina nunca.

Alguns segmentos parecem os mais ameaçadores: o agronegócio, principalmente da soja, cana e eucalipto, a pecuária e as empreiteiras. Os primeiros ocupam páginas

elogiosas da imprensa capitalista porque o agronegócio ocupa mais de 22% do PIB nacional. Com finalidade tão maravilhosa, justificam-se os meios de arrebanhar e manter trabalhadores sob regime de escravidão. Há, sem dúvida, empreendimentos nesse campo que não lançam mão de tais recursos humanos, já que dispõem de maquinaria. Entretanto, alguns produtos, que constituem o agronegócio e predominam na exportação, requerem ainda muitos, como carnes, produtos florestais, o complexo soja (grão, farelo e óleo), o café e o complexo sucroalcooleiro (álcool e açúcar). A mandioca, o feijão e a laranja também estão entre os principais produtos agrícolas do Brasil.

Na grande mídia, soam altissonantes os megaprojetos. À guisa de exemplo, citemos a discutidíssima barragem Belo Monte. Já na região se sofrem os impactos sociais. “Em fevereiro de 2013, foi descoberto em Altamira um esquema de tráfico de mulheres, incluindo menores de idade, que eram mantidas em cárcere privado em uma boate localizada em um dos canteiros de obras da Usina de Belo Monte”; “Em uma segunda operação policial no mesmo mês, mais doze mulheres foram resgatadas de situação considerada de escravidão sexual em outros cinco prostíbulos da cidade. Todas as pessoas libertadas haviam sido aliciadas nos três estados da região Sul do Brasil, com promessas de ganhos altos para trabalharem perto da Usina Hidrelétrica de Belo Monte”. Outras consequências sociais advêm do crescimento populacional, do tráfico de drogas e de prostituição.

3. O avanço em humanidade

Em face dos fatos e do processo de escravização de seres humanos, brota doloroso grito do fundo da consciência humana. A cultura moderna revolucionou, em termos teóricos e de reflexão, a consciência da humanidade com respeito à liberdade e à



igualdade de todos os humanos. A Revolução Francesa rompeu com a monarquia absoluta e proclamou o tríplice lema: liberdade, igualdade e fraternidade. Isso aconteceu já em 1789.

Envergonha a humanidade constatar que, mais de 200 anos depois, a realidade do tráfico humano ainda existe, violando os três propósitos do início da democracia. O trabalho escravo de homens, mulheres e crianças unido ao tráfico sexual violentam barbaramente a liberdade. Eles vivem sob

o tácio de capatazes ou empreiteiros sem escrúpulos. O espaço da liberdade se reduz a algumas das necessidades básicas da vida. Mas não dispõem nem do tempo, nem das relações humanas, nem de outros campos de decisão pessoal. Ficam entregues ao arbítrio de outros.

Em tal situação, nem se fale de igualdade. Só existe entre os próprios oprimidos, mas não aquela que os franceses pretendiam com a Revolução, ao olhar para a nobreza reinante. O governo brasileiro proclamou solenemente a igualdade na Constituição Federal. Logo a primeira frase soa contundente: “Nós, representantes do povo brasileiro, reunidos em Assembleia Nacional Constituinte para instituir um Estado Democrático, destinado a assegurar o exercício dos direitos sociais e individuais, a liberdade, a segurança, o bem-estar, o desenvolvimento, a igualdade e a justiça como valores supremos de uma sociedade fraterna, pluralista e sem preconceitos, fundada na harmonia social e comprometida, na ordem interna e internacional, com a solução pacífica das controvérsias, promulgamos, sob a proteção de Deus, a seguinte CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERA-

TIVA DO BRASIL”. E no 1º artigo põe como fundamento do Estado Democrático de Direito “a dignidade da pessoa humana, os valores sociais do trabalho e da livre iniciativa”. Exatamente o que o trabalho escravo viola.

Estamos aqui no plano puramente ético. Toda infração contraria diretamente os valores fundamentais da vida humana. O tráfico de seres humanos nos situa aquém da humanidade. É terrível reconhecer que, no Brasil e no mundo em que vivemos, mesmo nos países mais desenvolvidos, temos situações que recu-

am a tempos anteriores às descobertas de humanidade que se fizeram na história e que se consagraram na modernidade e na Declaração da ONU a respeito dos Direitos Humanos.

Noutras palavras, retrocedemos a tempos bárbaros ou repetimos experiências facínoras de exploração do ser humano que infelizmente a modernidade presenciou no fascismo, no nazismo e no comunismo. Cabe então grito ético em alto e bom som. E toca ao Estado, enquanto o defensor dos cidadãos, e à sociedade civil, enquanto a expressão da consciência ética do país, assumir campanha incansável e intrépida contra a situação de escravidão humana ainda existente.

4. Papel histórico do cristianismo

O cristianismo histórico tem duas faces. Ele nasce do espírito da pessoa, mensagem e prática de Jesus. Pretende continuá-lo organizadamente na história. Em termos weberianos, institucionaliza e rotiniza o maravilhoso carisma de Jesus.

Sobre o tema da escravização das pessoas, Jesus teve posição revolucionária. Lutou



tenazmente contra três formas dominantes de opressão na religião judaica: a Lei, a segregação da mulher e a inferioridade da criança. A Lei surge como privilégio, revelação de Deus, norma para o povo judeu viver em comunhão com Deus e entre si. Mesmo o detalhamento, que hoje nos impressiona, visava a que o povo, no seu primitivismo, vivesse de maneira digna. Aconteceu, porém, o processo de tal rigorismo das prescrições legais, que abafou a liberdade dos judeus. E então Jesus lançou o protesto contra o legalismo dos fariseus e escribas (Mt 23,1-36).

Em relação à libertação da mulher, impressionam a liberdade e a força libertadora de Jesus. Viviam-se então em cultura extremamente machista. Apesar disso, a mulher ocupa lugar importante nos relatos evangélicos, especialmente de S. Lucas. Seguem a Jesus (Lc 8,2), Marta o hospeda (Lc 10,38), serve-o à mesa (Jo 12,2), mulheres contemplam-lhe a morte de longe (Mt 27,55s), testemunham sua ressurreição (Mt 28,1ss). Mais: a primeira testemunha da ressurreição foi uma mulher, Madalena (Mc 16,9).

Um fariseu convida Jesus para refeição. Embora fosse ambiente de enorme privacidade no mundo judaico, uma pecadora entrou, pôs-se atrás dos pés de Jesus, lavou-os com as lágrimas, beijou-os e ungiu-os, em cena escandalosa para o judeu. Fim de conversa: Jesus elogia-lhe o amor, perdoa-lhe e insinua crítica ao fariseu (Lc 7,36-50). Cura a intrusa e trêmula mulher hemorrágica e reconhece-lhe a fé: “Tua fé te salvou (Lc 8,43-48). Quando lhe lançam aos pés mulher surpreendida em adultério, desafia os acusadores e termina dizendo-lhe: “Nem eu te condeno”, libertando-a da tragédia de morte (Jo 8,4-11).

Em relação às crianças, Jesus revela também atitude original, inesperada e libertadora. Lucas descreve-nos cena comovente em que os discípulos repreendem as pessoas que trouxeram crianças para Jesus abençoar. Elas

eram consideradas pequenos animaizinhos. Jesus toma dupla atitude: admoesta os discípulos e chama as crianças para perto de si, abençoa-as e diz as belíssimas palavras: “Deixai as crianças vir a mim e não as impeçais, pois a pessoas assim é que pertence o Reino de Deus. Eu vos digo: quem não receber o Reino de Deus como uma criança não entrará nele” (Lc 18,15-17; Mt 19,13-15).

O cristianismo histórico, no seguimento de Jesus, em muitos momentos, chegou até às fronteiras do heroísmo na defesa dos pobres, dos direitos humanos. Estão aí a demonstrá-lo maravilhoso martirologio e riquíssima hagiografia.

Infelizmente, o mesmo cristianismo histórico mostrou também face oposta. Não cabe, neste artigo, descrever os momentos escuros da Igreja institucional e dos fiéis no desrespeito dos direitos humanos.¹ À guisa de exemplo, basta lembrar a Inquisição, que executou milhares de pessoas consideradas hereges.

Em lúcido e corajoso ato, João Paulo II, na Quaresma do início do milênio, presidiu a ato litúrgico na Basílica de São Pedro em que os presidentes dos dicastérios romanos pediram perdão pelos pecados de violação dos direitos humanos praticados por pessoas da Igreja ao longo dos séculos. E entre eles, naturalmente, estava a atitude complacente diante da escravidão dos negros e dos índios no processo evangelizador.

5. Novo momento da Igreja

Depois do Concílio Vaticano II (1962-1965) e na América Latina, especialmente depois do encontro dos bispos em Medellín (1968), a Igreja católica tem assumido nítida defesa dos direitos humanos e vigorosa batalha contra o trabalho escravo. Por isso, ela

¹ González Faus (1998) apresenta parte desse quadro triste da ação da Igreja magisterial.



tomou uma de suas faces, o tráfico humano, como tema da CF-2014.

A respeito do trabalho escravo, a Comissão Episcopal Pastoral para o Serviço da Caridade, da Justiça e da Paz da CNBB manifestou-se por ocasião do dia nacional de combate ao trabalho escravo, constatando que, “infelizmente, o trabalho escravo ainda é uma realidade presente no Brasil, não só no meio rural, mas também em atividades urbanas. A miséria, a impunidade e a ganância constituem-se em fatores geradores e mantenedores deste crime que violenta a dignidade humana”. Ela recorda que “a Igreja Católica, ao longo dos anos, tem-se empenhado para que esta prática seja definitivamente erradicada”. Alude ao trabalho da “Comissão Pastoral da Terra (CPT) e do Mutirão Pastoral de Superação do Trabalho Escravo, aliados aos esforços de outras pastorais e de tantos agentes de pastoral que procuram conscientizar a sociedade e denunciar os casos de trabalho escravo”. Constata, porém, que se trata de “um processo difícil e lento. No ano de 2012, foram contabilizados 189 casos, com 2.723 trabalhadores libertados”. A Campanha da Fraternidade de 2014 espera contribuir para “maior conscientização, prevenção e denúncia desta atividade ilegal”. Por meio dela, a Igreja católica manifesta-se solidária “com todas as vítimas, do campo e da cidade, bem como aos seus familiares”. Une-se a “todas as pessoas e instituições que têm se empenhado no combate ao trabalho escravo”.

“A miséria, a impunidade e a ganância constituem-se em fatores geradores e mantenedores deste crime que violenta a dignidade humana”.

vo”. Reitera “o apelo ao Estado brasileiro para que se comprometa efetivamente na defesa e proteção das pessoas vitimadas e também dos que combatem este mal, e que crie políticas públicas que ataquem os fatores geradores: a miséria e a impunidade” (COMISSÃO JUSTIÇA E PAZ).

Conclusão

No Brasil, o panorama presente permanece com nuvens escuras em relação ao trabalho escravo e à exploração sexual da mulher e de menores.

O turismo sexual é preocupação constante no país, envolvendo até mesmo menores. Com a Copa de 2014 e as Olimpíadas de 2016, eventos que aumentarão o afluxo de turistas ao Brasil, é preciso redobrar o cuidado. A experiência nos ensina que, em eventos semelhantes, a massa de turistas provoca onda de demanda de oferta sexual. Nesses momentos, a expectativa de ganhos extraordinários desperta a ganância de empreendedores nesse campo. Teme-se pela prostituição de menores, prática que recorre, não raro, à falsificação de idade para escapar das garras da Justiça. A sede de prazer, que devora turistas, e a sede de lucros de quem promove prostíbulos podem ser impulsionadas nesses períodos. Só a atenção e a consciência da sociedade e a ação do Estado evitam que piore ainda mais a situação de tantos e tantas que vivem sob a garra do tráfico sexual e laboral. A CF-2014 está aí para acordar-nos para tal situação. ●

Conheça nossa página na internet
vidapastoral.com.br



Roteiros homiléticos

Também na internet:
vidapastoral.com.br

*Mestre em Teologia Dogmática com
Concentração em Estudos Bíblicos,
professor de evangelhos sinóticos e
Atos dos Apóstolos no Instituto
Teológico de Santa Catarina (Itesc).
E-mail: loraschi@itesc.org.br



Celso Loraschi*

8º DOMINGO DO TEMPO COMUM

2 de março

Deus Pai-Mãe cuida de suas criaturas

I. Introdução geral

As leituras deste domingo nos apontam para o amor de Deus que se manifesta em seu cuidado para com todas as criaturas. De maneira especial, o coração materno de Deus se volta para os seus filhos e filhas que se encontram em situação de sofrimento. A primeira leitura, tirada do livro do profeta Isaías Segundo, é dirigida aos israelitas que sofrem no exílio da Babilônia e se sentem abandonados até pelo próprio Deus. A segunda leitura, da primeira carta aos Coríntios, revela o sofrimento de Paulo originado por falsos acusadores. E o Evangelho de Mateus recolhe o sofrimento da comunidade cristã preocupada com sua sobrevivência. A Palavra de Deus vem ilumi-



nar o sentido dessas diversas situações com base na certeza do amor atento e fiel de Deus para com seus filhos e filhas. A Palavra nos é dada para que possamos entrar na dinâmica do Espírito de Deus que promove e defende a vida sem exclusão.

II. Comentário dos textos bíblicos

1. I leitura (Is 49,14-15): A ternura de Deus

O grupo profético de Isaías Segundo (Is 40-55) atuou no meio dos israelitas exilados na Babilônia, ao redor do ano 550 a.C. O pequeno texto deste domingo nos informa do sentimento que tomava conta do espírito dos exilados. A situação parece caracterizar-se como “sem saída”. De fato, passaram-se já vários anos desde que foram arrancados de Judá, terra da qual sentem imensa saudade. O início do exílio aconteceu em 587 a.C., com a invasão do exército babilônico em Jerusalém e a consequente destruição da cidade e do Templo. O tempo vai passando e não há perspectivas para a volta. A tendência é deixar-se abater pelo desânimo. Sentem-se abandonados e esquecidos pelo próprio Deus.

Nestes momentos difíceis é que se percebe a importância do movimento profético. A profecia é dom de Deus. É palavra eficaz que não apenas denuncia as injustiças causadas pelos poderosos, mas, sobretudo, revela a solidariedade e o socorro de Deus aos sofredores. O movimento de Isaías Segundo (ou Dêutero-Isaías) faz ecoar o projeto de um “novo êxodo”. Assim como no passado Deus suscitou a organização dos escravos no Egito e os conduziu à terra da liberdade, também suscita agora a possibilidade da libertação dos exilados. O antigo êxodo originou o povo de Israel, com o qual Deus fez

aliança, comprometendo-se a defendê-lo e amá-lo. Apesar de frequentemente o povo eleito romper o pacto sagrado, Deus jamais quebra a aliança. Ele é fiel, apesar de ser rejeitado. Ele ama, apesar de ser abandonado. Ele vê o sofrimento de seu povo, ouve o seu clamor, conhece as suas dores e desce para libertá-lo (Ex 3,7-10).

Os exilados, conforme anuncia o profeta, estão enganados ao dizerem que Deus os abandonou. Devem refazer a sua teologia. Com imagens tiradas do cotidiano de uma família, Deus se revela como a mãe que não consegue esquecer-se dos filhinhos que ela amamentou ou deixar de ter ternura pelo fruto de suas entranhas. E, se tal mulher existisse, Deus Pai-Mãe jamais esqueceria nem abandonaria os seus filhos.

2. II leitura (1Cor 4,1-5): A luz que vem do Senhor

Os quatro primeiros capítulos da primeira carta aos Coríntios retratam as divisões existentes na comunidade cristã. Havia grupos diversos, formados por meio da adesão a líderes como Apolo, Paulo e Pedro; até Jesus Cristo era considerado como um líder entre os outros. As discussões provavelmente giravam em torno de qual desses líderes, em suas pregações, manifestavam maior sabedoria e eloquência. Paulo era amado por muitos e criticado por outros. Causava-lhe sofrimento o fato de cristãos se sentirem atraídos pelos anunciadores e não pelo anunciado: Jesus Cristo e seu evangelho. Por isso, advertiu-os de que “ninguém pode colocar outro fundamento diferente daquele que foi posto: Jesus Cristo”. E, falando a respeito da obra de cada um dos evangelizadores, ressaltou que “será descoberta pelo fogo; o fogo provará o que vale o trabalho de cada um” (1Cor 3,11.13).

No texto deste domingo, Paulo ensina que a comunidade cristã deve acolher os evangelizadores como “simples operários de Cristo e administradores dos mistérios de



Deus”. Sendo julgado em comparação com outros pregadores, Paulo comporta-se com coerência e autenticidade. Sua consciência de nada o acusa, mas nem por isso se sente justificado. O verdadeiro julgamento vem do Senhor. Ele, a luz na qual transparece toda a verdade, põe às claras o que se encontra nas trevas. Toda intenção que se encontra no íntimo de cada pessoa será revelada um dia.

Paulo, como operário de Cristo e bom administrador dos mistérios de Deus, não busca projetar a si próprio. Convicto da missão que recebeu do Senhor, está disposto a ser fiel até o fim, fundamentado não na sabedoria humana, e sim na luz do Senhor. É admirável constatar em Paulo sua capacidade de transformar todas as situações de conflito e sofrimento em oportunidades de renovar a confiança na graça e na bondade de Deus.

3. Evangelho (Mt 6,24-34): A providência divina

Este texto faz parte do “Sermão da Montanha” (Mt 5-7). A comunidade de Mateus faz a memória dos ensinamentos de Jesus, refletindo sobre a própria realidade ao redor do ano 85. Constata-se que a ideologia dominante exerce influência também sobre os cristãos. O fetiche da riqueza exerce forte atração, mesmo no coração de pessoas pobres. É justo e necessário o trabalho em prol da vida digna de cada pessoa, da família e da comunidade. O evangelho, porém, alerta para a preocupação inquietante que tolhe a confiança na providência divina. Deus é bom e generoso. É o criador de todas as coisas e também é quem cuida de suas criaturas e as sustenta. Essa verdade está comprovada ao longo de toda a história da humanidade, conforme testemunham os relatos bíblicos. Mas também os relatos bíblicos testemunham que os seres humanos tendem a deixar-se arrastar pela cobiça, pela autossuficiência e pela ganância. Por causa disso, originaram-se muitos males no mundo, prejudicando a vida das

Deus e sua criação

Doutrina de Deus, doutrina da criação

Renold Blank



No centro desta obra, encontra-se uma reflexão sobre Deus que documenta, em estreita relação com a Bíblia e, principalmente, com Jesus de Nazaré, o interesse de Deus pelos seres humanos.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





peças e a harmonia de toda a criação.

Jesus, o Filho de Deus encarnado, participando da história humana, vem resgatar a proposta do Reino de Deus. Da contemplação das maravilhosas obras divinas espalhadas na natureza e do trabalho cotidiano dos habitantes da região onde ele se criou, Jesus extrai os elementos para explicar a dinâmica desse Reino. Relaciona as aves do céu com o trabalho do homem agricultor que semeia, ceifa e recolhe os frutos no celeiro para alimentar a sua família; relaciona os lírios do campo com o trabalho da mulher que tece a roupa para vestir a todos em sua casa.

O alimento e a veste sintetizam as necessidades básicas para a vida e a proteção de todos os homens e mulheres. Ora, o Pai do céu sabe muito bem do que seus filhos e filhas necessitam. E nada lhes faltará, desde que pratiquem a fraternidade e a justiça: “Buscai em primeiro lugar o Reino de Deus e a sua justiça e todas estas coisas vos serão dadas em acréscimo” (6,33). É a frase-chave para a compreensão de todo o texto. É a chave que abre o caminho possível para a nova sociedade que respeita os bens da criação, vive o presente com simplicidade e alegria e trabalha de forma criativa e pacífica, sem a preocupação inquietante com o acúmulo. Toda comunidade cristã, como a de Mateus, é chamada a ser sinal deste Reino de Deus.

III. Pistas para reflexão

– *Deus Pai-Mãe nunca abandona os seus filhos e filhas.* Há situações em nossa vida, como a dos israelitas exilados na Babilônia, que parecem “sem saída”. Sentimo-nos abandonados e esquecidos, questionando-nos: onde está Deus? No entanto, a Palavra nos lembra, de forma sempre nova, que Deus nunca nos esquece nem nos abandona. Ele cuida de nós com a ternura de mãe, ama-nos e nos protege como seus filhinhos muito amados. Podemos imaginar os efeitos positi-

vos, no meio do povo exilado, destas palavras do profeta: “Mesmo que uma mulher se esquecesse dos que ela amamentou e não tivesse ternura pelo fruto de suas entranhas, eu não te esqueceria nunca”. O mesmo Deus dos exilados é o nosso Deus.

– *Deus julga a cada um com amor e justiça.* Considerando a experiência concreta vivida na comunidade cristã de Corinto, Paulo não se deixa abater pelos que o subestimam, comparando-o com outros pregadores. Também nós, a exemplo de Paulo, podemos transformar as situações de sofrimento em oportunidade de graça benfazeja, de renovação da nossa confiança em Deus, cuja luz brilha nas trevas. Paulo nos ensina a viver nossa missão neste mundo “como simples operários de Cristo”. Isso significa renunciar à pretensão de poder e de prestígio social, ser autênticos e coerentes com a fé que professamos e fazer tudo como servidores uns dos outros.

– *Deus cuida de nós e de todas as suas criaturas.* Talvez mais do que em outros tempos, vivemos ansiosos, com uma infinidade de preocupações. O evangelho deste domingo nos adverte de que não podemos servir a dois senhores. Sempre é tempo de nos perguntarmos seriamente como administramos nossa vida, nossos trabalhos, nosso tempo... Jesus nos oferece a proposta do Reino de Deus, que se fundamenta na fraternidade, na simplicidade, no respeito à natureza, na solidariedade e na confiança em Deus, que sabe muito bem do que necessitamos. É justo o esforço em busca das condições necessárias para uma vida digna. Porém quantas coisas supérfluas nos amarram e nos impedem de ser verdadeiramente livres e solidários! Para onde poderá nos levar o ritmo da vida atual? Que frutos estamos colhendo com essa busca ansiosa de ter sempre mais bens materiais, poderes, prazeres, prestígio social...?



1º DOMINGO DA QUARESMA

9 de março

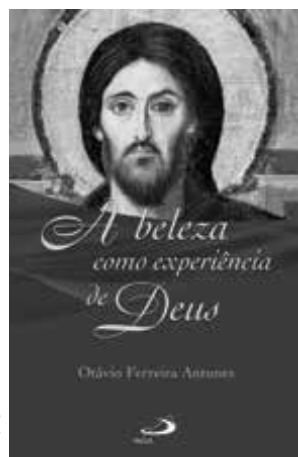
Não só de pão vive o ser humano

I. Introdução geral

Iniciamos o período da Quaresma com a disposição renovada de mergulhar em Deus, deixando-nos iluminar por suas palavras, questionando-nos sobre nossas atitudes e comprometendo-nos com uma nova vida. Somos fruto da iniciativa amorosa de Deus. Ele nos modelou a partir do barro e deu-nos a vida, insuflando em nós o seu sopro divino. Presenteou o ser humano com uma habitação especial, um jardim que produz toda espécie de frutos. Para conservar o estado de bem-estar e alegria, ordenou-lhe que não tocasse na “árvore da ciência do bem e do mal”. Porém a rebeldia dos homens e das mulheres, representados por Adão e Eva, originou toda espécie de males (I leitura). Deus, no entanto, não abandona as suas criaturas. Ele é criador e também libertador. Por isso, como máxima expressão do seu amor, enviou o seu Filho, Jesus Cristo, para nos libertar de todos os males, com suas consequências. Se pelo pecado de Adão entrou a morte no mundo, pela graça de Jesus Cristo nos é dada a redenção (II leitura). Para isso, Jesus assumiu plenamente a condição humana, sofreu toda espécie de tentações durante toda a sua vida. Não caiu, porém, nelas. Permaneceu fiel à vontade do Pai, alimentando-se permanentemente de sua palavra e cultivando a sua intimidade pelo silêncio e pela oração (evangelho). Portanto, a palavra e o exemplo de nosso irmão maior, Jesus Cristo, devem tornar-se o pão nosso de cada dia, que nos sustenta na caminhada desta vida e nos mantém na fidelidade ao projeto de Deus.

A beleza como experiência de Deus

Otávio Ferreira Antunes



168 págs.

O objetivo desta obra é mostrar que a arte como comunicação das experiências mais profundas do ser é, mais do que mero instrumento secundário, a própria contemplação do mistério divino.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





II. Comentário dos textos bíblicos

1. I leitura (Gn 2,7-9; 3,1-7): Da argila da terra Deus criou o ser humano

A figura de Deus apresentada nesse relato da criação é a de um oleiro com incrível capacidade artística. Percebe-se a intenção dos autores de ressaltar a origem do ser humano, que tem íntima ligação com Deus e com a terra que ele criou. O próprio nome Adão vem de *adamah*, termo hebraico que designa a terra. É a palavra que deu origem ao *homem*, entendido aqui como nome genérico da raça humana. Homens e mulheres são seres originados do *húmus* da terra. A terra, portanto, Deus a fez e a usou como “mãe” da humanidade. Ela é fonte de vida, é fértil e produz todas as espécies de frutos.

Deus é pai, amigo e conselheiro dos seus filhos e filhas. Dá-lhes as instruções necessárias para que possam viver sobre a terra em íntima comunhão com ele e, como decorrência, em solidariedade com todas as coisas. Por isso, Deus pede que não comam do fruto da “árvore da ciência do bem e do mal”. Em outras palavras: os seres humanos devem respeitar a soberania de Deus sobre todas as coisas e submeter-se ao seu desígnio. Tudo o que ele faz é muito bom.

A narrativa busca explicar o motivo do sofrimento pessoal e dos males sociais. A origem de todas as coisas está fundamentada na bondade divina. Foram feitas para o bem dos seres humanos. Por que, então, o sofrimento? Os autores do texto expressam profunda consciência crítica sobre a opressão. Esta constitui a causa de todos os males. Ao tomarem a figura da serpente como a provocadora da violação da ordem divina, apontam para a sagacidade do poder em “dar o bote” para morder e alienar a consciência humana.

Certamente, o grupo que está por trás do

texto conhece muito bem as consequências da monarquia israelita. Analisam a realidade social, denunciando a ambição de grandeza e de sabedoria do regime monárquico, que pretende ser “igual a Deus”, usurpando o poder divino e revelando o domínio sobre os bens e as pessoas. Mas, como diz o adágio popular, “o rei está nu”. A nudez revela que a fraqueza e a condição de mortalidade fazem parte da pessoa. De que lhe adiantam as pretensões de poder e de posseção? Confrontado honestamente com o desígnio divino, o ser humano, pretensamente poderoso, sente-se envergonhado. É claro, pois a conquista e a manutenção do poder envolvem mentiras, enganação, usurpação de bens... Deus, porém, é justo e verdadeiro. Diante dele, nenhuma “folha de figueira” cobre essa nudez, a transparência de sua verdade, por mais que a pessoa busque justificativas.

2. II leitura (Rm 5,12-19): O novo ser humano em Jesus Cristo

Um dos temas dominantes na carta aos Romanos é a justificação pela graça. Para São Paulo, o pecado entrou no mundo trazendo a morte. Esta deve ser entendida não apenas em seu aspecto físico, mas também como realidade pessoal e social, proveniente do egoísmo humano. É herança da transgressão de Adão, representante dos seres humanos. Essa condição de pecadores nos torna incapazes de nos redimir. Nenhum mérito humano possibilita a salvação. Ela nos é dada por pura graça de Deus, que se revela plenamente em Cristo Jesus.

Com a Lei, ficou explícito em que consiste o pecado. Com Jesus, a Lei foi superada e, sem ela, o pecado já não é levado em conta. Isso acontece porque a graça de Deus foi deramada sobre todos nós, pecadores, redimindo-nos do pecado. Se o pecado de Adão trouxe a morte, a fidelidade de Jesus Cristo trouxe a vida definitiva. Se a rebeldia do ser humano diante do Criador trouxe a condenação



para todos, o dom gratuito de Jesus Cristo para todos trouxe a justificação. Se a transgressão do ser humano é fonte de morte, a graça de Deus, por meio de Jesus, é fonte de vida plena. A graça nos reconcilia com Deus e resgata a nossa integridade. Pela graça, é-nos dada a vida eterna.

São Paulo nos convence de que o pecado foi instrumento que possibilitou a manifestação da misericórdia divina. A transgressão do “primeiro Adão” não conseguiu impedir o fluxo da graça. Pelo contrário, fê-la fluir ainda mais abundantemente. Essa certeza nos torna abertos para acolher o perdão gratuito de Deus e nos incentiva a mergulhar sempre mais em sua graça. Deus nos criou por amor e também por amor nos liberta do mal e da morte. O ato de expiação de Jesus, o novo Adão, anulou definitivamente o poder do pecado.

3. Evangelho (Mt 4,1-11): Jesus vence as tentações

Desde o início do seu ministério, Jesus enfrenta o embate com propostas diabólicas que buscam desviá-lo de sua missão de defender e promover a vida digna das vítimas do poder em sua tríplice dimensão. O “diabo”, a antiga serpente, inimigo do plano de Deus para a humanidade (cujas expressões se encontram tanto dentro de cada um de nós como nas próprias estruturas sociais), convida Jesus a seguir outro caminho, procurando fazê-lo abandonar a missão que iria realizar como Messias sofredor. Em toda a sua vida (este é o sentido dos “40 dias e 40 noites”), Jesus foi tentado a dar preferência a uma lógica criada segundo intentos egoístas. Teve a possibilidade de ou apresentar um falso messianismo, satisfazendo as expectativas dos seus contemporâneos, ou de optar pela realização da vontade do Pai, assumindo o serviço de libertação junto às pessoas excluídas.

A *primeira tentação* indica a dimensão econômica do poder. Jesus, como ser huma-

no, sentiu-se certamente atraído pela proposta de orientar a sua vida para o acúmulo de bens e para o desfrute dos prazeres que eles podem oferecer. Podia até mesmo ancorar-se na “teologia da retribuição”, tão presente nos ensinamentos oficiais dos doutores da Lei, legitimando a riqueza e o bem-estar físico como bênçãos divinas. Porém Jesus vai por outro caminho. Ele empenha todo o seu tempo e sacrifica a própria vida no cumprimento da missão que o Pai lhe deu em favor do resgate da vida digna sem exclusão. Ao responder que a pessoa vive não só de pão, mas de toda palavra que sai da boca de Deus, aponta para a perspectiva essencial que deve conduzir todos os nossos passos. A palavra de Deus constitui a fonte e a autoridade das quais emana todo ensinamento capaz de realizar as aspirações mais profundas de cada um de nós; é alimento capaz de satisfazer a fome do coração humano, desejoso de inteireza e autenticidade.

A *segunda tentação* refere-se à dimensão religiosa do poder. O “pináculo”, para além da parte física mais alta do templo, representa os elevados cargos que um judeu poderia galgar na hierarquia religiosa. Esse caminho de poder, pela via religiosa, proporcionaria a Jesus prestígio e proteção muito especiais. A pessoa envolvida na “auréola” de uma espiritualidade legitimada pela ideologia do sistema religioso oficial, como era o caso do templo de Jerusalém, sente-se assegurada pela “blindagem” que seu *status* religioso proporciona. Jesus poderia apegar-se à sua condição divina e mostrar “sinais do céu”, como queriam os fariseus e saduceus. Poderia “forçar” a providência de Deus, solucionando magicamente os problemas humanos. A resposta de Jesus de não tentar o Senhor Deus informa-nos de que a lógica humana deve submeter-se à lógica divina e não o contrário. A vontade do Pai, de forma desconcertante, manifesta-se no caminho da obediência de seu Filho até a morte de cruz. Com isso, cai



por terra toda a presunção de querer usar a Deus para a vanglória humana.

A *terceira tentação* indica a dimensão política do poder. Equivale à tentação da idolatria por excelência: adoração a Satanás. É posicionar-se como um ser divino, com o poder de agir, de forma absoluta, sobre pessoas e bens. É a tentação de querer alcançar a felicidade suprema pela autoafirmação e pelo domínio sobre os outros. Jesus, com certeza, confrontou-se com essa possibilidade de orientar toda a sua vida no sentido de galgar cargos políticos que lhe conferissem força e fama social. As multidões queriam fazê-lo rei... O posicionamento de Jesus, ao rejeitar essa tentação, transforma-se no caminho de superação de todo domínio e também de todo servilismo. Coloca a Deus como o único Ser digno de adoração. Jesus propõe nova ordem social como realização da vontade do Pai e orienta toda a sua missão para a organização dessa nova ordem. Revela, assim, a verdadeira origem do reino de justiça, fraternidade e paz: é dom de Deus e serviço abnegado dos seus filhos e filhas.

III. Pistas para reflexão

– *Deus é criador e libertador.* Em seu desígnio de amor, criou o ser humano em íntima união com a mãe terra. Em sua providência generosa, garante as condições de vida digna para todas as pessoas. Deu-nos a missão de cuidar de todas as coisas, sem cair na tentação de “comer do fruto da árvore da ciência do bem e do mal”, isto é, de entrar na ideologia do poder, que tende a dominar as pessoas e se apossar do que é de todos. É preciso respeitar e promover o princípio da soberania de Deus sobre todas as coisas e administrá-las com justiça, evitando toda espécie de exploração.

– *Não cair em tentação.* Durante toda a nossa vida, somos tentados a abdicar do compromisso com o projeto de Deus, dei-

xando-nos levar por propostas diabólicas. Jesus nos ensinou o caminho de superação das tentações do poder em sua tríplice dimensão: econômica, política e religiosa. É claro que a economia, a política e a religião podem ser meios privilegiados para a construção do reino de justiça, paz e fraternidade no mundo, desde que sejam organizadas como serviço dedicado e honesto ao próximo, principalmente às pessoas mais necessitadas.

– *Ser portadores da graça divina.* Com sua obediência radical à vontade do Pai, Jesus nos trouxe a graça da libertação de todos os males e a vida em plenitude. Seguindo seus passos, podemos ser portadores da graça divina, defendendo e promovendo o direito à vida digna sem exclusão. A Campanha da Fraternidade nos aponta sugestões práticas.

2º DOMINGO DA QUARESMA

16 de março

Transfiguração: a vida que triunfa sobre a morte

I. Introdução geral

Seguir a Deus é assumir atitude de permanente êxodo. Abraão, nosso pai na fé, foi chamado por Deus a pôr-se a caminho para a terra prometida. Foi provocado a deixar as seguranças para entrar na dinâmica do plano de amor de Deus, visando a uma “terra sem males”, uma sociedade de justiça e paz. Obedecendo ao chamado divino, Abraão e sua família tornaram-se portadores da bênção divina para todo o povo (I leitura). O cristão, continuamente, corre o risco de se equivocar a respeito de Jesus e de sua proposta. Como Pedro no episódio da transfiguração, tende a cons-



truir o “ninho” de proteção e de bem-estar, negligenciando as implicações do seguimento de Jesus no caminho da cruz e da morte (evangelho). É bom prestar atenção nos conselhos de Paulo a Timóteo: são expressões de amor e de solidariedade a quem passa por situações conflituosas. Timóteo é encorajado a persistir no testemunho de Jesus Cristo, participando de seus sofrimentos pela causa do evangelho (II leitura). Neste tempo propício de penitência e conversão, somos convidados a ouvir o chamado que Deus nos faz para ser santos; é tempo propício para aprofundar a vocação que dele recebemos e discernir o que é essencial do que é ilusório.

II. Comentário dos textos bíblicos

1. I leitura (Gn 12,1-4a): A fé que se transforma em caminho

A Bíblia nos apresenta a figura de Abraão como o pai do povo de Israel. Sua fé e confiança em Deus tornam-se a principal herança para as futuras gerações. Abraão é representativo de grupos seminômades, que, por natureza, não se submetem à dominação do poder político, como o exercido naquela época (em torno de 1500 a.C.) pelas cidades-estado. São caminantes, sempre em busca de terra fértil que proporcione pastagens para a sobrevivência dos seus rebanhos e, consequentemente, de suas famílias e clãs.

A experiência que Abraão possui de Deus está intimamente ligada ao estilo de vida dos pastores. A garantia da terra e o senso de liberdade são fundamentais. A presença de Deus se dá onde se encontram as famílias. Ele caminha com os pastores, conduz os seus passos e lhes dá a terra de que necessitam. A terra é promessa e dom de Deus, porém é necessário que Abraão esteja disposto a romper com as seguranças que impedem a caminha-

Identities e fronteiras étnicas no cristianismo da Galácia

José Luiz Izidoro



176 págs.

O autor examina a Carta aos Gálatas, como um esboço sobre o início do movimento cristão na perspectiva das culturas, religiões, etnias e sociedades, no que concerne à formação de identidades cristãs no interior do cristianismo paulino.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





da na direção que Deus lhe aponta.

Confiar no Deus da promessa é ter a certeza de um mundo sem exploração e sem fome. Essa promessa é motivadora para os movimentos populares, especialmente em época de opressão, como aquela exercida pelo Egito e, posteriormente, pela monarquia israelita. Abraão torna-se a “memória perigosa” que desacomoda os oprimidos, proporcionando-lhes inspiração para a resistência e a mobilização em vista de uma nova sociedade.

2. II leitura (2Tm 1,8b-10): A santa vocação

A segunda carta a Timóteo faz parte das tradicionalmente conhecidas “cartas pastorais” (junto com 1Tm e Tt). São dirigidas aos animadores de Igrejas cristãs, num tom pessoal. Os autores atribuem essas cartas a Paulo. Foram escritas algum tempo depois de sua morte, no intuito de iluminar e fortalecer a missão desses “pastores” junto às comunidades.

Timóteo havia sido um companheiro de Paulo. Participou da segunda e terceira viagens missionárias. Era uma pessoa de confiança e dedicado à evangelização. Paulo podia contar com ele para enviá-lo às comunidades a fim de levar instruções e animar a fé dos cristãos. Após a morte de Paulo, continuou a missão de ministro da Palavra, revelando-se importante liderança. A tradição o venera como bispo de Éfeso. Etimologicamente, Timóteo significa “aquele que honra a Deus”.

O texto da leitura de hoje indica uma situação difícil pela qual está passando Timóteo. O intuito é confortá-lo e animá-lo à perseverança. Timóteo é convidado a participar solidariamente dos sofrimentos pelos quais Paulo também passou por causa do evangelho. Quem assumiu a missão de servir à Palavra não pode sucumbir às dificuldades nem manifestar-se timidamente. A

tribulação é inerente ao anúncio do evangelho quando feito com autenticidade. Como aconteceu com Jesus, também acontece com os seus discípulos. Nessa mesma carta, encontramos o alerta: “Todos os que quiserem viver com piedade em Cristo Jesus serão perseguidos” (3,12).

A confiança plena na graça de Deus deve ser característica da pessoa que evangeliza. Deus nos salvou gratuitamente em Jesus Cristo. Ele nos chama com uma santa vocação para servi-lo e amá-lo. A santidade nos faz andar cotidianamente na intimidade divina, como o fez Jesus. A pessoa santa é portadora da graça e irradiadora da boa notícia de Jesus, o Salvador, que venceu a morte e fez brilhar a vida. A missão de Timóteo e de toda pessoa seguidora de Jesus é anunciar, de modo permanente e corajoso, esse projeto salvador de Deus, concebido desde toda a eternidade e revelado plenamente em Jesus Cristo.

3. Evangelho (Mt 17,1-9): A transfiguração de Jesus

A narrativa da transfiguração de Jesus está permeada de elementos simbólicos teologicamente muito significativos. Vemos Jesus subindo à montanha com Pedro, Tiago e João. Todos participam de uma experiência mística inédita. Moisés e Elias também se fazem presentes e dialogam com Jesus.

Lembremos, especialmente, que a comunidade de Mateus é formada de judeus que vivem a fé cristã. Portanto, é importante que a tradição judaica seja respeitada e aprofundada agora em novo contexto. Assim, a montanha tem um significado especial de manifestação de Deus. Basta lembrar o dom da Lei de Deus a Moisés no monte Sinai. Assim também a expressão “seis dias depois”, bem como a presença da nuvem. Lemos em Ex 24,16: “Quando Moisés subiu ao monte, a nuvem cobriu o monte. A glória do Senhor



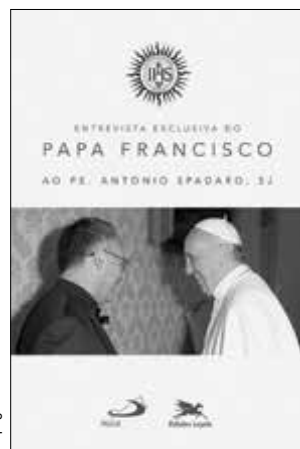
pousou sobre o monte Sinai, e a nuvem o cobriu durante seis dias”. Como vemos, há íntima relação entre a transfiguração de Jesus e a experiência religiosa de Moisés. É um momento extraordinário de manifestação divina. Moisés e Elias representam a Lei e os Profetas, caminho que aponta para o Messias. Jesus é o cumprimento da promessa do Pai revelada na Sagrada Escritura.

Podemos considerar como centro dessa narrativa a declaração de Deus: “Este é meu Filho amado, nele está meu pleno agrado: escutai-o!” Essa voz que vem do céu declarando a filiação divina de Jesus também se fez ouvir no seu batismo (Mt 3,17). É, sem dúvida, a confissão de fé da comunidade cristã, representada nesse momento por Pedro, Tiago e João. De fato, os discípulos, no barco, reconhecem Jesus caminhando sobre as águas e salvando Pedro de sua fraqueza de fé: “Verdadeiramente, tu és o Filho de Deus” (14,33). Na ocasião em que Jesus pergunta o que dizem dele, Pedro responde: “Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo” (16,16). É no momento da morte de Jesus que o centurião e os guardas declaram: “De fato, esse era Filho de Deus” (27,54). O anúncio da verdade sobre Jesus não foi feito aos que detinham o poder político ou religioso. Também não foi feito em algum centro ou instituição importante. Dirigiu-se, sim, a um grupo de gente simples, num lugar social periférico.

O imperativo “escutai-o” enfatiza a perfeita relação entre a profissão de fé em Jesus como “Filho de Deus” e a atenção cuidadosa ao seu ensinamento. O elemento fundamental do ensino de Jesus é que ele terá de passar pelo sofrimento e pela morte, na perspectiva do “Servo sofredor” anunciado pelo profeta Isaías (cf. 42,1-9). Não é por acaso que Mateus insere o relato da transfiguração logo após o primeiro anúncio de sua paixão e morte e o convite ao discipulado: “Se alguém quer me seguir, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e me siga” (16,24). Portanto, os dis-

Entrevista exclusiva do Papa Francisco ao pe. Antônio Spadaro, sj

Antonio Spadaro



40 págs.

O livro retrata a entrevista exclusiva que o Papa Francisco concedeu ao padre Antonio Spadaro, sj, na casa de Santa Marta, no Vaticano.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





cípulos deverão compreender que o caminho para o seguimento de Jesus, Servo de Deus, implica “descer da montanha” e assumir as consequências, conforme o testemunho do Mestre. Porém esse não é um caminho derrotista. A vida triunfa sobre a morte. A glória de Deus se manifestará plenamente na ressurreição. A transfiguração é um sinal antecipado da realidade da Páscoa.

III. Pistas para reflexão

– *Pôr-se à disposição de Deus.* As leituras deste domingo nos apontam a dinâmica do projeto libertador de Deus: deixar as seguranças que nos engessam para nos pormos a caminho da terra que Deus deseja para a humanidade. A exemplo de Abraão e sua família, nós também podemos assumir a fé e a total confiança em Deus, que sustenta e guia os nossos passos na verdade, na justiça e no amor. Essa é a melhor herança que podemos deixar às futuras gerações.

– *Assumir a missão de evangelizar.* Timóteo, “aquele que honra a Deus”, assumiu a missão de anunciar o evangelho de forma corajosa e perseverante mesmo nas situações difíceis; também nós podemos ser anunciadores da boa notícia de Jesus em nossas famílias, na comunidade e na sociedade. Isso acontece pela coerência entre fé e vida, pelo testemunho de doação alegre, também pela constância no testemunho de diálogo e de fraternidade. Assim, estaremos respondendo à “santa vocação” a que fomos chamados pela bondade de Deus.

– *A vida é um permanente caminhar.* Jesus foi a grande manifestação de Deus para a humanidade. Pedro, Tiago e João foram agraciados com uma experiência maravilhosa, participando da transfiguração de Jesus. Também em nossa vida, Deus nos concede momentos de muita luz, consolo e força. Tendemos, porém, a buscar e a nos acomodar ao que nos garante bem-estar, prazeres, sensações agradáveis... Não podemos es-

quecer que seguir Jesus implica “descer da montanha” do egoísmo e da acomodação. Seguir Jesus é entregar-se pela causa da vida digna sem exclusão, alicerçada na justiça e na igualdade. Para isso, conforme nos convoca a Campanha da Fraternidade, faz-se necessário o cuidado com a dignidade de todos os seres humanos, o cuidado de evitar a exploração e o tráfico humano.

3º DOMINGO DA QUARESMA

23 de março

Adoração em espírito e verdade

I. Introdução geral

Deus é a fonte de todos os bens. Acompanha com carinho os seus filhos e filhas na caminhada desta vida. Fornece-lhes alimento e força a fim de que seu projeto de vida digna para todos se realize no mundo. É preciso caminhar com a certeza de conquistar a terra prometida por Deus, onde a justiça e a paz se abraçam. O povo de Deus não pode cair na tentação de voltar atrás e acomodar-se dentro de sistemas que exploram e matam. Deus caminha com seu povo e o liberta das opressões. Os conflitos e as dificuldades fazem parte do processo de construção de um mundo novo (I leitura). Jesus é “Deus-conosco”, a água viva que sacia a nossa sede de plenitude. Ele nos ensina o caminho de superação dos legalismos e nacionalismos que dificultam a aproximação e o diálogo entre pessoas e povos. Ele nos proporciona a possibilidade de reconhecer o rosto de Deus nas tradições e culturas diversas e, assim, adorá-lo “em espírito e verdade” (evangelho). São Paulo, na carta aos Romanos, demonstra que a fé em Deus torna a pessoa justa. Isso acontece por meio de Je-



sus Cristo, que entregou sua vida por amor a todos nós, pecadores (II leitura). Por ele, caminhamos na esperança que não decepciona, pois ele nos salvou gratuitamente.

II. Comentário dos textos bíblicos

I leitura (Ex 17,3-7): Deus caminha com seu povo

O povo de Israel caminha pelo deserto, em processo de libertação da escravidão do Egito. O tempo passa, as dificuldades aumentam. O entusiasmo dos primeiros momentos do êxodo dá lugar a reclamações. Aparece a tentação do desânimo e da volta ao regime anterior. De fato, a água é elemento essencial para a sobrevivência do povo. Como não reclamar numa situação dessas?

O povo põe-se na dependência da liderança. Jogam as dificuldades aos pés de Moisés e o condenam por tirá-los do Egito. Moisés poderia argumentar que ninguém os obrigou a sair de lá. Porém não os condena e dirige-se a Deus para expor-lhe o problema que os aflige. Deus sempre ouve a oração quando acompanhada do empenho pelo bem comum. Junto com as demais lideranças (os anciãos), Moisés testemunha a ação gratuita de Deus em favor dos que murmuram. Estes estão em processo de aprendizagem. Ao chegarem à terra prometida, organizados em tribos, saberão organizar uma sociedade nova de forma participativa e administrá-la de forma corresponsável.

A vida itinerante caracteriza-se por inseguranças, perigos, cansaços... A formação do povo de Israel deu-se num processo de caminhada, de tensões entre grupos e de descoberta de princípios orientadores para uma convivência pacífica. A utopia da terra prometida conservou-lhe a resistência e o ânimo para caminhar. Isso seria impossível sem a fé na providência divina.

A rocha representa a impossibilidade radical do ser humano de encontrar, por si só, saídas para suas crises e problemas de toda ordem. É a ilusão de achar que tudo se pode solucionar com os recursos inventados pela lógica humana. Porém, somente a fé em Deus possibilita as verdadeiras soluções que garantem vida para todos os povos. Somente a certeza de sua presença viva faz que a história humana se torne história de libertação. Deus é fonte de vida. É generosamente providente: oferece gratuitamente todos os recursos necessários à vida de seus filhos e filhas.

Evangelho (Jo 4,5-42): Jesus, a água viva

Como sabemos, os samaritanos são considerados inimigos históricos dos judeus. São um povo de raça mista e possuem outra concepção religiosa. Para um judeu, ser chamado de “samaritano” era enorme ofensa. A origem dessa hostilidade remonta ao tempo da invasão assíria no Reino do Norte, em 722 a.C., quando a cidade de Samaria foi destruída, e boa parte da população, deportada. A região foi povoada por colonos assírios que se casaram com hebreus. Mais tarde, no período pós-exílico, o sistema religioso do templo de Jerusalém excluiu os samaritanos.

Jesus passa pela região de Samaria, na cidade de Sicar (antiga Siquém), onde fora enterrado Josué, o sucessor de Moisés. Jesus está fatigado e senta-se à beira do poço que era do patriarca Jacó. Na tradição judaica, o poço representa a garantia da água oferecida por Deus ao povo, como a água jorrada da rocha durante o êxodo. O poço é figura do culto e da Lei judaica, cuja autoria era atribuída a Moisés. Da observância da Lei e do culto brotava a água viva da Sabedoria. A ideia dominante era que o poço da água viva era o próprio templo de Jerusalém.

Jesus está em caminhada. Chega ao local do poço à “sexta hora”, o que corresponde ao meio-dia. É a mesma hora em que Jesus vai



ser condenado à morte (19,14). É o final de sua caminhada. Com sua morte, Jesus se torna o Caminho para todos os que o seguem. Jesus, ao sentar-se no poço, está na verdade revelando que ele mesmo é o poço da água viva. Toma o lugar da Lei, do culto, do templo... João vai dizer que Jesus, ao morrer, vai ser traspassado por uma lança e do seu lado sairão sangue e água (19,34).

A mulher representa o povo samaritano com sua tradição religiosa. Os seus “cinco maridos” são uma referência aos cinco deuses cultuados pelos antepassados (cf. 2Rs 17,29-32). Jesus oferece à mulher o verdadeiro culto, que é ele próprio. De fato, quem toma a iniciativa do diálogo é o próprio Jesus, que pede água. Corresponde à atitude do próprio Deus da aliança, que sempre busca o seu povo, apesar de suas infidelidades. A samaritana (o povo impuro e marginalizado), não os líderes religiosos de Jerusalém, reconhece Jesus como o Messias, fonte de onde jorra água para a vida eterna.

A grande novidade de Jesus é a proposta de total mudança de mentalidade com relação a Deus: ele o chama de Pai. E, como Pai de todos, não necessita de determinado lugar para ser cultuado: nem na Samaria, nem em Jerusalém. A mudança de mentalidade também significa entrar numa nova relação com o próximo, a qual derrubará as barreiras entre judeus e samaritanos. Ambos os povos poderão adorar a Deus já não com rituais fixados pela rigidez legalista, mas “em espírito e verdade”.

Sendo Deus a fonte de todo amor e de toda vida, Pai de todos os povos, deseja ser adorado de modo verdadeiro em todos os lugares. Ele busca pessoas que o adorem com lealdade. Jesus, o Filho, viveu o amor desta maneira: na fidelidade ao Pai, deixou-se conduzir pelo Espírito da Verdade. Do coração de todos os que seguem Jesus brotam rios de água viva, pois saberão amar como ele amou.

II leitura (Rm 5,1-2.5-8): A nova condição humana

Paulo, nos capítulos anteriores ao texto da liturgia deste domingo, procurou convencer os judeus de que a justificação se dá pela fé, sem a necessidade das obras da Lei. Percebe-se que, mesmo no interior da comunidade cristã, há pessoas de origem judaica, apegadas à tradição legalista, com dificuldades de aceitar a doutrina da graça divina.

A partir do capítulo 5, vemos Paulo debruçado sobre os traços que caracterizam uma pessoa que, pela fé em Jesus Cristo salvador, passou a ser nova criatura. Ele parte da certeza de que fomos justificados pela fé, de forma definitiva. Aceitar essa verdade é entrar numa nova condição humana conferida pela graça de Deus. O primeiro efeito desta é a paz com Deus. Podemos viver agora permanentemente sob abundantes bênçãos divinas. É um estado de bem-estar e alegria. A graça nos confere inteireza pessoal e capacidade de relacionamento fraterno com o próximo.

A paz que provém da fé e é graça de Deus, concedida plenamente em Jesus Cristo, também nos liberta do medo da condenação. Aproxima-nos de Deus de tal modo que podemos amá-lo e glorificá-lo em tudo o que somos e fazemos. Portanto, o estado de graça nos conserva na harmonia com nós mesmos, com os outros, com a natureza e com Deus. O ser humano, assim, está revestido de imortalidade já nesta vida mortal.

O pecado já não tem poder sobre a graça. A inimizade com Deus foi definitivamente derrubada pela reconciliação que Jesus, pela sua morte, trouxe à humanidade pecadora. Essa regeneração do gênero humano o torna capaz de viver na vontade divina, na certeza da realização plena. Vive-se, então, na esperança que não decepciona. Ela firma nossos passos e não nos deixa na confusão, nem na dispersão, nem na timidez, nem no desapon-



tamento. Ela se alicerça na certeza do amor sem limites de Deus, derramado em nossos corações pelo Espírito Santo e não por meritocracia. Tanto judeus como gentios recebem o dom da reconciliação e da paz. O amor de Deus derramado sobre todos os povos é força ativa, capaz de mudar o mundo.

III. Pistas para reflexão

– *Deus liberta o povo da escravidão do Egito.* Caminha com ele pelo deserto. Mesmo quando o povo se queixa e duvida da presença de Deus, este não o condena nem o abandona. Ouve a oração de Moisés e das outras lideranças e faz nascer água da rocha. Sacia a sede do povo para que este não desanime na caminhada para a terra prometida. Essa caminhada de 40 anos é lembrada pela Igreja, de modo especial, neste tempo da Quaresma. É preciso caminhar com perseverança, confiando na presença de Deus. Ele ouve nossas preces, perdoa-nos e nos acompanha na caminhada de nossa vida. É tempo de superar os queixumes e arregaçar as mangas para que a terra que Deus nos deu seja realmente a casa de todos, conforme nos interpela a Campanha da Fraternidade, sem que ninguém seja escravizado, vendido como mercadoria ou explorado.

– *Jesus tomou a iniciativa de ir ao encontro dos samaritanos, inimigos dos judeus.* Estabelece um diálogo com a mulher, representante do povo da região da Samaria. Do diálogo nasce a mútua compreensão. Por meio do diálogo, Jesus se revela: ele é a fonte de água viva. Para manter a intimidade com Jesus, bebemos de sua palavra e nos alimentamos de seu corpo na eucaristia. Além de nos saciar, tornamo-nos fonte de água viva. Como fez a samaritana, tornamo-nos discípulos missionários, portadores da boa notícia da salvação de Deus para todos.

– *Uma vez reconciliados com Deus, é impossível não irradiar seu amor.* Assim fez são

Jesus e a logoterapia

O ministério de Jesus interpretado à luz da psicoterapia de Viktor Frankl

Robert C. Leslie



Esta prática, estudada à luz de princípios psicológicos atuais, torna evidente que a metodologia usada por Viktor E. Frankl ilustra inúmeros princípios revelados pela psicoterapia contemporânea.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





Paulo, a ponto de entregar-se totalmente como ministro da reconciliação. Muitos caminhos que o mundo moderno nos oferece dificultam a compreensão e a acolhida da graça divina e a paz entre pessoas e povos. Vivemos dispersos, divididos, confusos, inseguros, apegados aos bens materiais, à fama, ao que nos satisfaz momentaneamente... Somente a paz que vem do amor de Deus é capaz de construir a família humana e nos realizar verdadeiramente. Para isso, precisamos resgatar o valor do silêncio, da meditação da palavra de Deus, da oração pessoal, familiar e comunitária, da contemplação, do cuidado e da promoção dos direitos comuns.

4º DOMINGO DA QUARESMA
30 de março

A luz que vem de Deus

I. Introdução geral

Os textos bíblicos deste domingo refletem sobre a luz divina que se manifesta na história humana. Deus se revela ao mundo de modo original e surpreendente. É soberano em suas decisões e não se deixa levar pelas aparências. Nas pessoas pobres e frágeis, ele manifesta a grandeza de seu amor. Escolhe Davi, um humilde pastor, para governar o seu povo com justiça (I leitura). Deus envia seu Filho ao mundo como expressão máxima de sua bondade. Jesus solidariza-se com as pessoas necessitadas e oferece-lhes vida saudável e íntegra: cura a cegueira, liberta o ser humano de toda espécie de opressão e ilumina o caminho dos que se encontram desorientados (evangelho). O texto da carta aos Efésios incentiva a comunidade cristã a viver como filhos da luz, renunciando às obras próprias das trevas e praticando cotidianamente

a bondade, a justiça e a verdade (II leitura). Deus é luz. Portanto, quem vive em Deus se torna uma pessoa iluminada: é autêntica e livre, pois nada tem a esconder ou do que se envergonhar.

II. Comentário dos textos bíblicos

1. I leitura (1Sm 16,1b.6-7.10-13a): Deus não leva em conta as aparências

Na tradição bíblica, Davi é um dos personagens mais lembrados pelo povo. Ao redor de seu nome criou-se verdadeiro movimento. É a figura do governante “segundo o coração de Deus”, rei que segue a justiça e não despreza os pobres. A primeira leitura deste quarto domingo da Quaresma narra a eleição de Davi.

Samuel foi um dos últimos juízes de Israel. Viveu a fase conflituosa de transição entre o tribalismo e a monarquia. É um homem de Deus. Sofre muito quando o povo pede a mudança de regime (cf. 1Sm 8). Conforme o mandato divino, busca reconhecer, entre vários irmãos, qual seria o escolhido para governar o povo. Após analisar os sete filhos de Jessé, Samuel declara que nenhum deles havia sido chamado por Deus. O menor deles, ausente por estar cuidando do rebanho, é o eleito. A unção é o meio pelo qual se confere uma missão sagrada. É significativa a transmissão do cargo realizada por Samuel. Tendo a função de juiz de Israel, transmite a Davi o que ele próprio considera ser a vontade divina. O governo deve ser realizado sob a autoridade de Deus.

A eleição de Davi é uma narrativa popular que transmite importante conteúdo teológico e sociológico. Deus não se deixa conduzir pelas aparências. Ele conhece o coração de cada pessoa e, por isso, chama os que se



encontram em último lugar para realizar o seu plano na história. Como dirá Jesus: “Muitos dos primeiros serão últimos, e muitos dos últimos, primeiros” (Mt 19,30). Sociologicamente, é um texto de denúncia ao poder monárquico e de valorização dos caminhos alternativos que emergem com a mobilização dos pequenos e marginalizados.

2. Evangelho (Jo 9,1-41): Jesus é a luz do mundo

O Evangelho de João aprofunda a identidade de Jesus narrando sete sinais. Um deles é a cura de um cego de nascença. Esse sinal reflete o debate existente nas comunidades joaninas entre os cristãos e o grupo de judeus apegados ao legalismo religioso. Conforme podemos perceber no texto, a cegueira era considerada um castigo divino, seja pelos pecados da pessoa, seja pelos de seus antepassados. Um dos agravantes muito sérios para o cego era o seu impedimento de ler a Sagrada Escritura e estudar a Lei, sendo, por isso, considerado um ignorante da vontade de Deus.

Segundo o mesmo Evangelho de João, Jesus veio “para que todos tenham vida, e vida em abundância” (10,10). Sua prática não está atrelada à ideologia da pureza dos líderes religiosos judaicos. Ele conhece suas intenções e seus interesses: “São cegos guiando outros cegos” (Mt 15,14). Diante da pergunta sobre “quem pecou”, Jesus procura “abrir os olhos” dos próprios discípulos, pois também eles estão contaminados com a ideologia dos doutores da Lei. Em vez de achar um culpado, Jesus põe a situação da cegueira em relação direta com o plano de Deus, que resgata a dignidade do ser humano. As “obras de Deus” são realizadas agora por Jesus, a Luz do mundo. Acontece em Jesus o que foi anunciado pelo profeta Isaías, quando este se referiu ao “Servo de Javé” como “luz das nações” (Is 49,6).

Jesus, em caminhada, vê o cego de nascença e toma a iniciativa de curá-lo. Ele o faz

Querigma e mistagogia Caminhos à Iniciação Cristã

*Centro Catequético Diocesano
Diocese de Osasco*



104 págs.

Esta obra propõe um olhar particular sobre o tema da iniciação cristã. Os autores resgatam o anúncio cristão nos moldes da Igreja primitiva como modelo para o novo anúncio.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





por meio da junção de dois elementos: a terra e a saliva. Formam o barro, que lembra a criação do ser humano, conforme descreve o livro do Gênesis: “Deus modelou o homem do barro” (2,7). A ação de Jesus visa recriar a pessoa, oferecendo-lhe nova vida. Conforme o pensamento da época, a saliva transmite a energia vital da pessoa. Portanto, a energia divina de Jesus possibilita a cura.

A graça divina, porém, não exclui o empenho humano. A cura e a libertação que Deus oferece não se dão de modo mágico. O cego deverá seguir a palavra de Jesus e lavar-se na piscina de Siloé, que significa “Enviado”. É convidado a aceitar livremente a luz que Jesus lhe oferece. Seguir o caminho apontado por Jesus significa entrar no processo de conquista de liberdade e autonomia. De fato, o cego recuperará a visão e também a capacidade de pronunciar livremente as próprias palavras, já não oprimido pelo legalismo dos fariseus e também já não dependente de seus pais, representativos da tradição que buscava “segurar” sob sua guarda os filhos de Israel. A conquista da visão verdadeira passa por processos de conflitos e crises, pois mexe com as concepções dominantes. Uma pessoa livre, conduzida por profundas convicções, torna-se ameaça para o poder constituído, pois este procura impor “obrigações”, mantendo a consciência do povo alienada.

O cego de nascença, junto com a recuperação da vista, recebe de Jesus o dom da fé e torna-se seu discípulo. No relato de sua cura aparece, várias vezes, o verbo “nascer”. Demonstra íntima ligação com o episódio do encontro de Nicodemos com Jesus, que lhe indica o caminho do “novo nascimento”. Podemos, então, discernir em que consiste a recuperação da verdadeira visão: é renascer, pela fé, acolhendo a Jesus e deixando-se conduzir pela sua palavra: “Se permanecerdes na minha palavra, sereis verdadeiramente meus discípulos, e conhecereis a verdade e a verda-

de vos libertará” (Jo 8,32). A tradição cristã vai interpretar o ato de lavar-se na piscina de Siloé como o símbolo da regeneração cristã pelo batismo.

3. II leitura (Ef 5,8-14): Viver como filhos da luz

São Paulo, em seus escritos, dedica-se de modo muito especial à tarefa de aprofundar a vida nova que provém da fé em Jesus Cristo. O texto da carta aos Efésios é reflexo dessa teologia paulina. Demonstra a preocupação de manter a comunidade cristã no caminho do amor, “do mesmo modo como Cristo amou e se entregou por nós a Deus” (5,1).

Existem dois caminhos: o das trevas e o da luz. O caminho das trevas era bem conhecido pelos cristãos de Éfeso. Pelo que se constata ao ler o texto, muitos deles, antes de sua adesão a Jesus Cristo, experimentaram um modo de viver alicerçado no egoísmo, na avareza, na fornicção e em outras coisas vergonhosas que expressam uma vida nas “trevas”.

O caminho da luz se manifesta por uma vida em Cristo. Ele não só andou como filho da luz, mas revelou-se a Luz verdadeira. Ele não somente assumiu atitudes de amor, mas é a essência do amor. A pessoa unida a ele também é filha da luz: sabe discernir “o que é agradável ao Senhor” e produz “frutos de bondade, justiça e verdade”. Quem se decide a seguir Jesus não só rompe com as “obras infrutuosas das trevas”, como também exerce a função profética de denúncia dessas obras. O que é mau e feito às ocultas deve ser trazido à luz, a fim de que se torne manifesto ao público e seja corrigido para o bem de todos. Quem segue Jesus jamais pode ser cúmplice da maldade, da corrupção, da mentira...

Jesus nos fez participantes da sua própria natureza divina. Portanto, tal como viveu Jesus – a Luz de Deus no mundo –, também nós temos a graça de viver de tal modo, que a luz divina brilhe no mundo por meio da inteireza do ser e da retidão do agir.



III. Pistas para reflexão

– *Viver na luz de Deus* é o tema central das leituras deste domingo. Pelo relato da eleição de Davi, conforme o primeiro livro de Samuel, Deus chama as pessoas não com base nas aparências. Ele não segue o padrão dominante da sociedade. A unção de Davi aponta para o nosso batismo. Fomos ungidos: revestidos de Cristo. Fomos eleitos por Deus, que concede a cada um de nós uma missão segundo os diferentes dons. Deus quis contar com Davi para que assumisse a missão de servir ao povo como um governante justo. É uma indicação muito importante para quem assume cargos de responsabilidade social. Deus conta conosco para levar adiante o seu plano de amor e justiça no mundo. Ele é a Luz que brilha nas trevas. A salvação que ele oferece à humanidade depende da resposta que damos ao seu chamado.

– *Jesus é a Luz do mundo*. Caminhou neste mundo fazendo o bem, curando as pessoas e dissipando as trevas. A cura do cego de nascença vai além do sentido físico. É libertação das influências das ideologias dominantes. Somos cegos quando entramos no jogo da ambição de poder e deixamos de servir humildemente o próximo; quando nos consideramos superiores aos outros e quebramos a fraternidade; quando acumulamos para nós mesmos o que Deus ofereceu para a vida de todos... Jesus curou o cego misturando a sua saliva com a terra. A terra que Deus nos deu é sagrada, manifesta a sua bondade, oferece recursos para uma vida saudável. Podemos ampliar esse sentido, estabelecendo relações com o tema da CF: “Fraternidade e tráfico humano”.

– *Viver como filhos da luz*. Deus nos concede a liberdade de escolha: caminhar na luz ou nas trevas. São bem conhecidas as obras das trevas: corrupção, mentira, violência, hedonismo e tudo o que prejudica o ser huma-

no e a natureza. É tempo de revisão de vida e de conversão: Deus nos oferece a oportunidade de sair das trevas para a luz. O discípulo missionário de Jesus escolhe o caminho da verdade, da justiça e da bondade; assume o risco de ser autêntico e se empenha na construção de outro mundo possível.

5º DOMINGO DA QUARESMA

6 de abril

O Espírito de ressurreição e vida

I. Introdução geral

Deus se revela por meio da palavra profética. Na primeira leitura, Ezequiel anuncia vida nova para os que se encontram sem esperança, no túmulo do exílio da Babilônia. Deus ama prioritariamente o povo em situação de sofrimento. Está junto aos exilados e promete-lhes a volta à terra de Israel, devolvendo-lhes a liberdade. O dom do Espírito de Deus revigora o coração do povo e lhe suscita vida (I leitura). A revelação plena de Deus se dá na pessoa de seu Filho, Jesus. Ele é o caminho da vida por excelência. Pelo relato da ressurreição de Lázaro, a comunidade cristã afirma que Jesus é a ressurreição. Quem vive e crê nele jamais morrerá (evangelho). Deus se revela também por meio do testemunho dos seguidores de Jesus, como o de Paulo. Escrevendo aos romanos, orienta-os para uma vida nova proveniente da fé em Jesus Cristo. É a vida no Espírito. Ele habita em cada pessoa e suscita vida aos corpos mortais (II leitura). Os três textos enfatizam a vitória da vida sobre a morte como dom de Deus. O seu Espírito nos faz novas criaturas: transforma, reanima, fortalece, ressuscita...



II. Comentário dos textos bíblicos

1. I leitura (Ez 37,12-14): Porei o meu Espírito em vós

Na tradição judaico-cristã, profecia é tempo de graça: tempo que se faz pleno porque Deus se comunica e interpela seu povo, recordando a sua aliança e demonstrando o seu amor. Ezequiel profetizou junto aos exilados na Babilônia ao redor do ano 580 a.C. O povo encontra-se mergulhado em profunda crise. Está longe da terra que Deus lhes concedeu conforme a promessa feita a Abraão. Sente-se abandonado por Deus e sem esperanças de futuro. A situação realmente parece desesperadora. Nesse pequeno texto, aparece três vezes a palavra “túmulos”. Deus, porém, não se conforma com a morte de ninguém. Por isso, suscita o profeta Ezequiel para anunciar novo tempo: vai infundir nos exilados o seu Espírito, que lhes dará força e coragem para se reerguerem das cinzas.

Em nome de Deus, Ezequiel anuncia um novo êxodo. No primeiro êxodo, Deus libertou o seu povo da escravidão do Egito e lhe deu a terra prometida. Deus também vai livrá-los do domínio da Babilônia e serão reintroduzidos na terra de Israel. O jugo estrangeiro será quebrado, e o povo disperso (parecendo ossos secos espalhados num vale) poderá voltar a se reunir em sua própria terra, onde habitará com segurança. Isso acontecerá pela intervenção gratuita de Deus. Ele desperta para a vida os que se encontram em situação de morte. Faz sair os esqueletos dos seus túmulos. Reanima os “cadáveres ambulantes”. O seu Espírito penetra nos corpos sem vida. O povo disperso e abandonado toma consciência de que é amado por Deus e, por isso, descobre-se como capaz de mobilizar-se para a reconquista da terra de liberdade.

2. Evangelho (Jo 11,1-45): Jesus é a ressurreição e a vida

A narrativa da ressurreição de Lázaro corresponde ao último dos sete sinais de libertação realizados por Jesus no Evangelho de João. Os relatos dos sete sinais procuram levar os cristãos a refletir sobre o sentido profundo dos fatos da vida humana: a falta de vinho numa festa de casamento (2,1-12), a doença do filho de um funcionário real (4,46-54), o paralítico à beira da piscina de Betesda (5,1-18), a fome do povo (6,1-15), o barco dos discípulos ameaçado pelas águas do mar (6,16-21), o cego de nascença (9,1-41) e, finalmente, a morte de Lázaro. Todos eles visam apresentar Jesus como o Messias que veio para resgatar a vida plena para os seres humanos. Em cada sinal, percebe-se um propósito pedagógico: a representação de um caminho novo apontado por Jesus para derrubar todas as barreiras que impedem a pessoa de realizar-se plenamente.

Jesus é o “Bom Pastor” que dá a vida por suas ovelhas (cf. 10,11). Ele é o verdadeiro caminho para a vida com dignidade e liberdade, vencendo as causas de todos os males. Vence a própria morte: é a vida definitiva. Somente os que creem em Jesus, com convicção, compreendem e acolhem essa verdade. Portanto, a finalidade principal dos sinais é levar os discípulos à fé autêntica. Ao informar que Lázaro havia morrido e, por isso, iria ao seu encontro, Jesus diz aos discípulos: “É para que vocês creiam” (11,15). Também lemos no final do evangelho: “Jesus fez ainda muitos outros sinais, que não se acham escritos neste livro. Esses, porém, foram escritos para que vocês creiam que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenham a vida em seu nome” (20,30-31).

As personagens que aparecem no relato – Marta, Maria e os judeus – refletem dife-



rentes concepções a respeito de Jesus. Primeiramente, podemos observar o comportamento de Marta. Sabendo que Jesus chegara a Betânia, “saiu ao seu encontro” e a ele se dirigiu, chamando-o pelos títulos cristológicos de “Senhor” e “Filho de Deus”. Diante da promessa da ressurreição, declara-lhe convictamente sua fé: “Sim, Senhor, eu creio que tu és o Cristo, o Filho de Deus que vem ao mundo”. E vai anunciar à sua irmã Maria, que, por sua vez, imediatamente segue ao encontro de Jesus, mas não consegue declarar a fé nele como fez Marta. Está ainda angustiada e paralisada diante da realidade da morte. Já os judeus apenas seguem Maria, sem ter consciência de ir ao encontro de Jesus nem muito menos fazer-lhe alguma confissão de fé.

São três modos de comportar-se diante de Jesus. O comportamento de Marta é o retrato das pessoas que têm fé em Jesus Cristo, o Filho de Deus, Salvador da humanidade. Para os que acreditam nele, a ressurreição é uma realidade não apenas para o futuro, mas para o presente. Toda atitude em favor da vida é sinal de ressurreição e gesto de glorificação a Deus, criador e libertador.

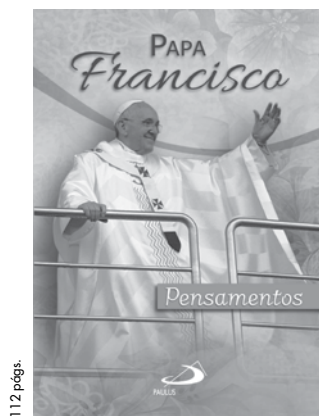
Os autores do evangelho fazem questão de mostrar o rosto humano de Jesus. Ele participa da dor das pessoas que sofrem, comove-se e chora. Sua comoção, porém, pode ser traduzida como impaciência com a falta de fé tanto de Maria como dos judeus. E, para além das lamentações, Jesus reza ao Pai para que, diante desse sinal definitivo da ressurreição, “eles acreditem” nele como enviado de Deus.

Lázaro (cujo nome significa “Deus ajuda”) está enterrado há quatro dias. O “quarto dia” refere-se ao tempo depois da morte de Jesus; é o tempo das comunidades que creem em Jesus morto e ressuscitado. Portanto, é o tempo da graça por excelência, que deve ser vivido de forma totalmente nova. Lázaro e as comunidades cristãs são

Papa Francisco

Pensamentos

Antônio Lúcio da Silva Lima (org.)



O livro traz pensamentos do Papa Francisco, guia para todos os cristãos em sua busca pessoal por Deus. “Senhor, tu és um escândalo: o escândalo da Cruz”.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





chamados a sair dos túmulos do medo, da acomodação, do egoísmo e da tristeza; são chamados a “desatar-se” das amarras dos sistemas que oprimem e matam. As pessoas de fé autêntica, seguidoras de Jesus, são verdadeiramente livres. O “quarto dia” é o tempo da ressurreição, dom de Deus.

3. II leitura (Rm 8,8-11): Vida nova no Espírito Santo

Viver no Espírito de Cristo é o que propõe São Paulo aos romanos. Somente no capítulo 8, aparece mais de 20 vezes a palavra “espírito”. A vida no Espírito Santo contrapõe-se à vida segundo a carne, ou seja, aos instintos egoístas. Toda pessoa carrega dentro de si essas duas tendências, que lutam entre si permanentemente. Aquelas que foram regeneradas em Jesus Cristo estão mergulhadas em seu Espírito. Por isso, possuem a luz e a força do próprio Jesus, que realizou a vontade de Deus e redimiu a humanidade. Ele nos justificou pela graça e nos tornou novas criaturas, participantes de sua natureza divina.

Estar com o Espírito de Cristo, porém, não significa anulação da tendência para o pecado. A tensão à santidade deve ser permanente. É uma questão de opção fundamental pelo mesmo modo de pensar e de agir de Jesus. Ele mesmo advertiu que “ninguém pode servir a dois senhores”. Paulo lembra que os cristãos não podem viver segundo a carne e segundo o Espírito ao mesmo tempo. Não se pode viver na liberdade e na escravidão ao mesmo tempo.

Na carta aos Gálatas, Paulo escreve: “Foi para sermos livres que Cristo nos libertou” (5,1). Ele nos libertou da escravidão do pecado por pura graça. Portanto, somente na graça de Jesus Cristo vivemos a autêntica liberdade. Somente no Espírito de Jesus nos libertamos da escravidão das obras dos instintos egoístas. E, para não haver dúvidas sobre os dois caminhos que se opõem entre si, Paulo fala a res-

peito das obras que caracterizam cada um deles. “As obras da carne são manifestas: fornicção, impureza, libertinagem, idolatria, feitiçaria, ódio, rixas, ciúmes, ira, discussões, discórdia, divisões, invejas, bebedeiras, orgias e coisas semelhantes a estas... Mas o fruto do Espírito é amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, autodomínio” (Gl 5,19-23).

Uma vez que aderimos, pela fé, a Jesus Cristo, a ele pertencemos e seu Espírito habita em nós. Esse Espírito é o agente das obras que agradam a Deus. Podemos, então, contar com a plenitude de sua graça. Assim, morreremos para as obras do egoísmo e permaneceremos na vida. Pois o mesmo “Espírito daquele que ressuscitou Cristo Jesus dentre os mortos dá a vida aos nossos corpos mortais”. Temos a graça de viver desde agora a vida eterna, pois em Cristo fomos divinizados.

III. Pistas para reflexão

– *O Espírito de Deus move a história.* Como foi revelado ao profeta Ezequiel, não há situação que não interesse a Deus. Ele intervém na história humana para transformá-la em história da salvação. Concede seu Espírito para libertar o ser humano de toda espécie de escravidão e conduzi-lo à liberdade. O Espírito de Deus nos faz sair dos “túmulos” da desesperança, do medo, da acomodação... Deus não se conforma com o abandono e a morte de ninguém. Ele é o Deus da vida em plenitude. As crises e dificuldades de nosso tempo são desafios que podem ser enfrentados como fez o povo exilado na Babilônia: na confiança em Deus e na esperança ativa.

– *Jesus é a fonte da verdadeira vida.* Como “Bom Pastor”, ele se interessa pelas necessidades de todos nós. Oferece sua amizade e sua companhia permanente. Conta conosco para continuar sua obra. Os sinais que ele realizou são indicativos para a missão das comunidades cristãs. A ressurreição de Lázaro aponta para o



novo modo de ser Igreja, organizada de forma participativa e corresponsável. Uma Igreja composta de pessoas redimidas pela graça, ressuscitadas em Cristo. Cada um de nós é chamado a declarar sua fé de modo prático, na certeza de que o bem pode vencer o mal e de que a morte não tem a última palavra. Nesse sentido, é importante que prestemos atenção nos apelos da Campanha da Fraternidade deste ano.

– *O Espírito de Cristo mora em nós.* Cabe a cada pessoa viver de tal modo que esteja permanentemente na comunhão com Jesus Cristo. Se nos deixarmos conduzir pelo Espírito de Jesus que habita em nós, realizamos as obras que agradam a Deus. Morremos para o egoísmo e ressuscitamos no amor. Nosso corpo mortal recebe a graça da imortalidade. Se, porventura, quebramos essa unidade, Deus nos concede a graça da reconciliação. Eis a Quaresma, tempo de conversão, tempo de salvação.

DOMINGO DE RAMOS

13 de abril

A missão do servo sofredor

I. Introdução geral

O domingo de Ramos marca o início da Semana Santa. O conteúdo das leituras bíblicas deste domingo diz respeito à missão do Servo sofredor. Contra todo triunfalismo, Deus age na história, revelando seu plano de amor por meio das vítimas do poder. O movimento profético do Segundo Isaías, em pleno exílio da Babilônia, caracteriza os exilados como o “Servo sofredor”, amado por Deus. Especialmente nos quatro cânticos do Servo, o povo sofredor é retratado como “veículo” da bondade salvadora de Deus. No terceiro cântico, texto deste domingo, o povo que-

Método na catequese

Ver, julgar/iluminar, agir, rever e celebrar no caminho

Adailton Altoé



A obra pretende ajudar no processo de educação da fé, com a participação ativa de todos. É instrumento auxiliar, tanto aos manuais de catequese quanto ao dia a dia da vida.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000

0800-164011

SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





brantado já não opõe resistência à voz de Deus; torna-se seu discípulo, assume o caminho da não violência e confia no socorro do Senhor (I leitura). A comunidade cristã contempla Jesus como o Servo sofredor, que, assumindo a perseguição, a condenação, a paixão e a morte que lhe impõem os seus inimigos, revela a plenitude de seu amor pela humanidade em total confiança no socorro de Deus Pai (evangelho). Jesus “se despojou de sua condição divina, tomando a forma de escravo... Abaixou-se e foi obediente até a morte sobre uma cruz” (II leitura). A celebração do domingo de Ramos constitui momento propício para manifestar gratidão a Deus pelo seu amor sem limites e para refletir sobre nossa responsabilidade no mundo de hoje de nos empenhar, a exemplo de Jesus, pela causa da vida de todos, conforme refletimos ao longo desta Quaresma.

II. Comentário dos textos bíblicos

1. I leitura (Is 50,4-7): O Servo sofredor, discípulo de Deus

O movimento profético do Segundo Isaías surtiu efeito junto ao povo oprimido no exílio da Babilônia. Sua atuação se deu nos últimos anos do exílio, ao redor de 550 a.C. Após um período de prostração e desesperança, o povo vai recuperando o ânimo, especialmente com a perspectiva da volta para a terra prometida. Os quatro cânticos do Servo sofredor refletem o rosto dos exilados em seu processo de construção da esperança. Nessa caminhada, Deus manifesta sua presença amiga e consoladora.

O texto de hoje corresponde aos primeiros versículos do terceiro canto do Servo sofredor. São palavras portadoras de muita fé e confiança em Deus. O Servo revela sua disposição de ouvir os apelos divinos e demonstra ter consciência da missão especial

que Deus lhe dá. É a imagem do povo que não se sente abandonado, mas protegido e conduzido pelo Senhor. Essa certeza o leva a manter a cabeça erguida, resistir e perseverar mesmo no meio da incompreensão, das injúrias e das agressões dos inimigos. Tem a profunda convicção do socorro que vem de Deus. Por isso, tem a postura própria das pessoas pacíficas, a ponto de oferecer as costas aos que batem e o rosto aos que arrancam a barba.

O povo sofredor, Servo de Deus, está firme e confiante; manifesta total autonomia perante os poderosos que o oprimem. Essa situação foi conquistada mediante a intervenção divina. Foi Deus quem abriu os ouvidos do seu Servo amado a fim de que pudesse ouvi-lo numa atitude de discípulo; foi Deus também quem lhe “deu a língua de discípulo para que soubesse trazer ao cansado uma palavra de conforto”. As pessoas servas de Deus, tanto ontem como hoje, demonstram firmeza e determinação em profunda solidariedade com os abatidos e cansados. Elas assumem, na liberdade e na confiança, a missão de espalhar no meio do povo o fermento novo da justiça. Sua fidelidade à missão alicerça-se na escuta atenta e renovada da palavra de Deus “de manhã em manhã”.

2. Evangelho (Mt 26,14-27,66): Jesus, o Servo de Deus

Esse longo texto nos introduz no clima espiritual da Semana Santa, quando acompanhamos o processo de condenação e morte de Jesus. Ele é por excelência o Servo sofredor que, mesmo abandonado pelo seu grupo íntimo, incompreendido e ultrajado, permanece fiel à sua missão.

O processo envolve a traição de Judas, um dos doze. Ele negocia a entrega de Jesus por 30 moedas, o valor de um escravo naquela época. Apesar de Jesus conhecer a decisão que Judas tomou, e sabendo também da tríplice negação de Pedro, não os exclui da



ceia em que institui a eucaristia, sinal de sua presença viva nas comunidades e de sua plena doação pela vida do mundo. Judas vai arrepender-se de seu ato, mas não consegue superar o remorso. Prefere dar fim à vida. Diferentemente vai ser a atitude de Pedro, que, reconhecendo sua covardia, se arrepende e “chora amargamente”.

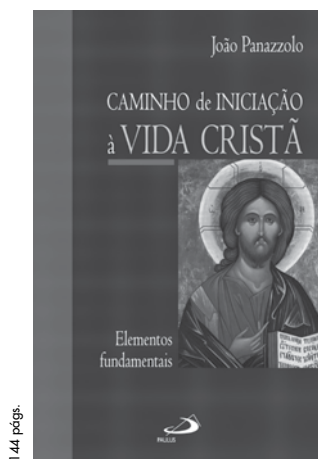
O relato ressalta a humanidade de Jesus em profundo sofrimento, no lugar do Getsêmani. Na sua total solidão, derrama sua alma diante do Pai, em quem pode confiar plenamente. Manifesta-lhe toda a sua fraqueza, pede-lhe socorro e dobra-se à vontade divina, mantendo-se firme na decisão de concluir sua tarefa com todas as consequências. Os discípulos, que deveriam vigiar com Jesus e apoiá-lo nessa hora de extrema dor, preferem abandonar-se ao sono.

Jesus passou a vida fazendo o bem, fiel à missão que recebera do Pai. Sua fidelidade confronta-se com os grupos de poder, concentrados na capital, Jerusalém. O grupo da elite religiosa pertencente ao Sinédrio mantinha seu poder à custa da exploração do povo empobrecido, legitimando suas posturas com interpretações interesseiras da Sagrada Escritura. Apesar de anunciarem a vinda do Messias, conforme as Escrituras, não podiam conceber que essa promessa se cumpriria na figura de alguém despojado de poder e solidário com os fracos e pequeninos. Não só isso: Jesus não adotou a mesma maneira dos rabinos de interpretar a palavra de Deus e toda a tradição de Israel. Seu lugar social era outro. E, por isso, era outro o modo de conceber as coisas. Enquanto a teologia oficial, com base no sistema de pureza, excluía da salvação as pessoas “impuras”, Jesus revela aos “impuros” o seu amor prioritário e oferece-lhes a salvação divina.

O Sinédrio, a instância religiosa judaica central para julgamento das pessoas suspeitas de crimes e de violações da Lei, procura achar um motivo convincente para condenar

Caminho de iniciação à vida cristã **Elementos fundamentais**

João Panazzolo



Esta publicação tem o objetivo de orientar as pessoas que ministram a catequese e a formação de lideranças nas comunidades-Igreja, para que a catequese seja a iniciação à vida cristã.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





Jesus. Após muitos falsos depoimentos, apresentaram-se duas testemunhas (número mínimo necessário para a condenação de uma pessoa suspeita) que, também falsamente, depõem contra Jesus, dizendo que ele pregava a destruição do Templo. Foi motivo suficiente: Jesus mexera com o que havia de mais sagrado. Era por meio do Templo que o Sinédrio alimentava o seu poder.

As autoridades judaicas, porém, não tinham o poder de condenar uma pessoa à morte. Por isso, Jesus é levado à instância política ligada ao império romano. Pilatos é o seu representante. Nada percebe em Jesus que possa condená-lo. Até sua mulher lhe manda dizer que, em sonho (considerado o meio pelo qual Deus se manifesta), lhe fora revelado que Jesus era uma pessoa justa. Enfim, o inocente Jesus, por pressão da elite judaica, vai ser condenado. Pilatos lava as mãos e, no lugar de Jesus, solta Barrabás, acusado de assassinato.

A partir daí, Jesus vai sofrer toda espécie de humilhação. É a figura de um escravo sem defesa, entregue às mãos dos zombadores. É desnudado, vestido com um manto vermelho, coroadado de espinhos, com um caniço na mão direita, e cuspidado no rosto; enquanto lhe batem na cabeça, é saudado como “rei dos judeus”, uma das acusações que o levarão à condenação. Simão Cireneu é requisitado para ajudar Jesus a carregar a cruz, pois ele se encontra muito enfraquecido. Quando crucificado, lançam-lhe injúrias, pedindo-lhe que salve a si próprio, já que anunciou a destruição do Templo, outra acusação no seu julgamento.

Eis o Servo na cruz, considerado “maldito de Deus”, conforme declara o texto do Deuteronômio (21,23). Porém, em seu sofrimento e em sua morte, paradoxalmente, manifesta-se a total solidariedade com os sofredores e realiza-se a redenção da humanidade. O véu do Templo se rasga de cima a baixo: o Santo dos Santos fica exposto. A

morte de Jesus “liberta” Deus, aprisionado pelo sistema religioso excludente. A morte de Jesus ressuscita os mortos. Sua morte resgata a vida de todos. Nessa mesma hora, é reconhecido pelo centurião e pelos guardas como “Filho de Deus”.

3. II leitura (Fl 2,6-11): Jesus se fez Servo

Esse hino cristológico, que Paulo insere em sua carta aos Filipenses, é uma das primeiras formulações de fé das comunidades cristãs. Constitui um caminho essencial da espiritualidade cristã. O caminho, na verdade, é o próprio Jesus, que desceu livremente até o ponto mais baixo, tornando-se o último. O rebaixamento (*quênose*) se dá em quatro degraus: de sua divindade assume a condição humana, torna-se escravo, sofre a morte e morte de cruz. Esvazia-se totalmente de qualquer dignidade; reduz-se a nada.

Esse processo de aniquilamento, que Jesus livremente aceitou, denuncia toda espécie de poder. Renunciou não somente à sua condição divina, mas também aos próprios direitos naturais de uma pessoa comum. Como escravo, perdeu todas as possibilidades de defender-se das acusações injustas e, por isso, foi condenado e morto como “maldito”. Desse ponto mais baixo possível, é elevado pelo Pai ao ponto mais alto. Por causa de sua obediência e humilhação até as últimas consequências, foi exaltado por Deus, recebendo “o nome que está acima de todo nome”.

O rebaixamento de Jesus revela sua solidariedade radical com os últimos da sociedade, com aquelas pessoas sem valor, desprezadas, excluídas e descartadas. Conduziu sua vida não para a realização de seus interesses próprios. Não veio em busca de honra e glória; veio, sim, como servidor voluntário das pessoas necessitadas. Esse Jesus que se fez escravo nos convida ao seu seguimento. É o nosso Mestre. Ele é Deus e Se-



nhor de todas as coisas. A ele dobramos nossos joelhos e prestamos homenagem, juntamente com toda a criação.

III. Pistas para reflexão

– *Deus chama o povo que sofre.* Ele demonstra sua presença amiga e lhe dá força e consolo. Garante-lhe a volta à terra da paz e da liberdade. É o que meditamos na primeira leitura. Deus conta com as pessoas que se sentem fracas e injustiçadas. Enche-as de confiança e firmeza. São suas servas na construção de um mundo novo. Para isso, dá-lhes ouvido e coração de discípulos. Alimenta-as diariamente com sua palavra. Como servos de Deus, mesmo no meio de dificuldades e sofrimentos, somos chamados a erguer a cabeça e encorajar os que estão abatidos e sem esperança. Deus nos sustenta com a Palavra e com a eucaristia na caminhada para uma nova terra.

– *Jesus é o Servo de Deus* que se entrega para a vida do mundo. O domingo de Ramos é o início da caminhada de Jesus em sua entrega total pela causa da vida plena de toda a humanidade. Entra em Jerusalém, aclamado pelo povo. É perseguido, aprisionado e condenado pelos que não aceitam a sua proposta de amor. Permanece firme como Servo de Deus e do povo. Sua fidelidade nos trouxe a salvação. Nesta Semana Santa, ao acompanharmos Jesus em seu caminho de sofrimento e morte, somos convidados a rever como estamos sendo fiéis à sua proposta. Ele nos preveniu: “Quem quiser ser meu discípulo, tome a sua cruz e me siga”.

– *Jesus se fez o último para elevar a todos.* Com liberdade, escolheu a condição de Servo, denunciando toda forma de dominação. No mundo em que vivemos, alguns procuram concentrar o poder e os bens, rompendo com os princípios da igualdade, da justiça e da fraternidade. Nós, como discípulos missionários do Senhor, recebemos a missão de

denunciar todas as situações que prejudicam a vida e escolhemos o serviço mútuo como caminho de transformação do mundo. Relacionar com o tema da CF-2014.

Os Roteiros Homiléticos do Tríduo Pascal (Quinta-Feira Santa; Sexta-Feira Santa e Vigília Pascal) podem ser acessados no site da revista: vidapastoral.com.br

DOMINGO DA PÁSCOA

20 de abril

Testemunhas da ressurreição do Senhor

I. Introdução geral

A verdade da ressurreição mexe com a nossa vida, como aconteceu com as primeiras testemunhas. Tudo adquire um sentido novo. A alegria invade o nosso ser. A esperança se renova, baseada na certeza da vida em plenitude, dom de Deus! A fé na ressurreição imprime novo dinamismo em nossa caminhada terrena. A atitude de Maria Madalena nos inspira a partilhar as descobertas que prenunciam uma boa notícia. A sua atitude, bem como a de Pedro e a do discípulo amado, reflete as reações dos participantes das comunidades cristãs diante do fato da ressurreição (evangelho). Ao participar da comunidade de fé, experimentamos que Jesus está vivo. A ressurreição de Jesus é um fato histórico, com testemunhas oculares; faz parte essencial do credo cristão, conforme percebemos na catequese de Pedro junto à comunidade cristã reunida na casa de Cornélio, um centurião romano. A fé na ressurrei-



reição derruba barreiras que separam os povos e provoca novas relações baseadas no amor fraterno (I leitura). Ela nos faz viver de um novo modo, já não voltados para interesses egoístas, mas para “as coisas do alto” (II leitura). A celebração da Páscoa do Senhor Jesus é oportunidade de nos deixarmos invadir pelo amor misericordioso de Deus e seguir a Jesus com entusiasmo.

II. Comentário dos textos bíblicos

1. Evangelho (Jo 20,1-9): O dia da nova criação

O primeiro dia da semana indica um novo tempo. Tem ligação com o início da criação do mundo. A morte de Jesus significou a passagem das trevas para a luz que nunca mais se apagará. A fé na ressurreição, porém, não se processa da mesma maneira em todas as pessoas. Algumas precisam de um tempo maior para assimilar essa verdade que tudo transforma. Maria Madalena recebe especial distinção: ainda no escuro, dirige-se ousadamente ao túmulo de Jesus. Apesar de ver a pedra removida, não consegue ainda perceber a luz do sol (Jesus, que ressuscitou) anunciando uma nova aurora. Perplexa, corre ao encontro de Simão Pedro e do discípulo que Jesus amava para dizer-lhes de sua preocupação com o que havia constatado. O seu anúncio provoca a movimentação dos dois discípulos na busca do verdadeiro sentido dos últimos acontecimentos.

Maria Madalena, nesse relato de João, é representativa da comunidade que não aceita permanecer acomodada. Busca ansiosamente a explicação do que realmente aconteceu naquele “primeiro dia da semana”. É atitude muito positiva, pois “quem busca encontra e quem procura acha”. Por isso, ela é especialmente valorizada. Jesus deixa-se

encontrar. Impulsionada pelo amor, caminha na direção do Amado. O maravilhoso encontro de Maria Madalena com Jesus ressuscitado se dá logo a seguir (20,11-18).

A comunidade cristã primitiva reconhecia-se no jeito de ser de Maria Madalena, de Pedro e do discípulo amado. Havia pessoas que ainda permaneciam nas “trevas” da morte de Jesus; sentiam-se desamparadas e desorientadas. Havia as que não conseguiam acolher a verdade da ressurreição de Jesus. Diziam que seu corpo fora retirado por alguém e que se inventara a notícia de que ele havia ressuscitado. É o que se percebe na expressão de Maria Madalena: “Retiraram o Senhor do sepulcro e não sabemos onde o colocaram”. Essas pessoas ainda estão no emaranhado de dúvidas, porém, pouco a pouco, receberão a graça de reconhecer a ressurreição de Jesus como um acontecimento verdadeiro e não como uma lenda.

Pedro e o discípulo que Jesus amava, ao ouvirem a notícia de Maria Madalena, correm para o local onde Jesus fora enterrado. Partem juntos, mas Pedro corre menos. É intenção dos autores do Evangelho de João demonstrar a dificuldade de Pedro em entender e aceitar o verdadeiro significado da morte de Jesus. Talvez esteja ainda amarrado à sua vergonha de ter negado o Mestre e de tê-lo abandonado na hora decisiva. Pedro, porém, segue o discípulo que Jesus amava e, na tarde desse mesmo dia, fará a experiência maravilhosa de encontrar-se com o Ressuscitado junto com outros discípulos (20,19-23). Também na comunidade cristã havia pessoas que manifestavam resistência a aderir a Jesus morto e ressuscitado com convicção de fé. Lentamente, porém, com a ajuda dos “discípulos amados”, chegaram a trilhar o caminho do seguimento de Jesus, a ponto de dar a vida por ele, como aconteceu com o próprio Pedro.

O “discípulo que Jesus amava” chega mais depressa ao túmulo. Esse discípulo é



aquele que, junto com algumas mulheres, acompanhou Jesus até a cruz (19,25-27). Testemunhou sua morte e lhe foi solidário. Agora também mostra solidariedade para com Pedro, que chega depois. Dá-lhe preferência para entrar no túmulo. Reconhece sua autoridade. Ao entrar, Pedro vê as faixas de linho e o sudário. O texto não diz que ele acreditou, apenas “viu”. Porém, do discípulo amado, diz que ele “viu e acreditou”. Os mesmos sinais são interpretados de forma diferente. Para quem ama a Jesus e se sente amado, nada o impede de crer na vitória da vida sobre a morte.

Os discípulos voltam para casa. É na casa que as comunidades primitivas se reúnem para ler e compreender a Sagrada Escritura, fazer a memória de Jesus, partilhar a experiência de fé e crescer no amor fraterno. É na casa que se derrubam as barreiras separatistas e se exercita a acolhida respeitosa da alteridade. A Igreja nas casas vai constituir o espaço sagrado por excelência onde Jesus ressuscitado manifesta sua presença, se dá em alimento e convoca seus discípulos à missão.

2. I leitura (At 10,34a.37-43): O querigma cristão

O capítulo 10 dos Atos dos Apóstolos constitui uma página de especial importância. Lucas (o mesmo autor do evangelho) revela uma de suas intenções fundamentais: a salvação trazida por Jesus Cristo é para todos os povos. Pedro, depois de um processo de relutância e discernimento, aceita o convite para entrar na casa de um pagão, centurião romano, chamado Cornélio. É a porta de entrada para o mundo dos gentios, missão que será assumida integralmente por Paulo.

É significativo o fato de ser Pedro aquele que primeiro rompe a barreira do judaísmo exclusivo para dialogar com os estrangeiros. É recebido por Cornélio com muita reverên-

Anjos

Deus cuida de nós

Jerônimo Gasques



O autor conduz o leitor a uma reflexão ponderada a respeito dos anjos, no sentido de verificar o que as Escrituras nos propõem e em que os anjos nos auxiliam.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





cia. Lucas enfatiza a autoridade de Pedro, representante dos apóstolos. Quer fortalecer a fidelidade à tradição apostólica. A atitude de Pedro na casa de um romano legitima a abertura para todos os povos. Jesus é o Salvador universal.

Cornélio revela-se extremamente receptivo à pessoa e à mensagem de Pedro. De fato, a resistência ao anúncio do evangelho é perceptível muito mais entre os judeus do que entre os gentios. O próprio Pedro manifesta dificuldade em desvencilhar-se do exclusivismo judaico e da lei de pureza. Converte-se à medida que se insere no lugar social dos estrangeiros, a ponto de comer com eles. É na casa de Cornélio que ele se abre verdadeiramente para o plano divino de salvação universal: “Dou-me conta de verdade que Deus não faz acepção de pessoas, mas que, em qualquer nação, quem o teme e pratica a justiça lhe é agradável” (10,34-35). O critério de pertença ao povo de Deus já não é a raça ou o cumprimento da Lei, e sim a prática da justiça. Por esse caminho, dá-se a inclusão de todos os povos, sob a ação do Espírito Santo. As comunidades cristãs primitivas concretizaram esse ideal. Formadas por pessoas de culturas diferentes, reuniam-se nas casas, ao redor da mesma mesa e unidas na mesma fé.

O discurso de Pedro constitui um resumo da catequese primitiva. É a síntese do querigma apostólico. Apresenta Jesus de Nazaré desde o seu batismo, passando pela sua missão de resgate da vida e dignidade de todas as pessoas, pela sua morte de cruz, culminando com a sua ressurreição. O anúncio de Pedro é fundamentado em seu próprio testemunho e no de várias outras pessoas: “Nós somos testemunhas de tudo o que Jesus fez” (v. 39); “Nós comemos e bebemos com ele, após sua ressurreição dentre os mortos” (v. 39). O discurso termina com a confissão de fé em Jesus como juiz dos vivos

e dos mortos, constituído por Deus e anunciado pelos profetas. E finalmente: “Todo aquele que nele acreditar receberá a remissão dos pecados” (v. 43).

3. II leitura (Cl 3,1-4): Cristo é a nossa vida!

A comunidade cristã da cidade de Colossas, na Ásia Menor, manifestava certo distanciamento das verdades fundamentais da fé. Havia pessoas que, influenciadas por tendências da época (por exemplo, a importância dada às forças cósmicas, depositando nelas toda a confiança), observavam práticas religiosas, dietas e exercícios de ascese (2,16-23) levadas por “vãs e enganosas filosofias”. Havia também pessoas levadas pela “fornicação, impureza, paixão, desejos maus e a cobiça de possuir” (v. 5). O autor da carta preocupa-se com essa situação e, por isso, escreve aos colossenses no intuito de orientá-los para uma vida coerente com a fé em Jesus Cristo, único mediador entre Deus e as criaturas.

Nessa pequena leitura deste domingo da Páscoa, encontramos quatro pontos do querigma cristão que fundamentam a fé das primeiras comunidades: a morte de Jesus, sua ressurreição, sua exaltação à direita de Deus e sua volta. Cada um desses pontos é indicativo de atitudes que caracterizam o novo modo de viver dos cristãos.

A fé na morte de Jesus Cristo implica a morte de nossos maus comportamentos. Para os cristãos colossenses, implicava morrer para as práticas religiosas que contradiziam a fé cristã; implicava passar de uma mentalidade idolátrica para o mergulho na vida divina, seguindo a Jesus Cristo: “Vós morrestes, e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus”.

A fé na ressurreição e na ascensão de Jesus Cristo implica discernir o que realmente edifica o ser humano em comunidade: “Se, pois, ressuscitastes com Cristo,



procurai as coisas do alto...”. Quem permanece com o pensamento e o coração mergulhados em Deus vive dignamente.

A fé na volta de Jesus nos motiva a viver na esperança militante, com a certeza de estarmos com ele: “Quando Cristo, que é vossa vida, se manifestar, então vós também com ele sereis manifestados em glória”.

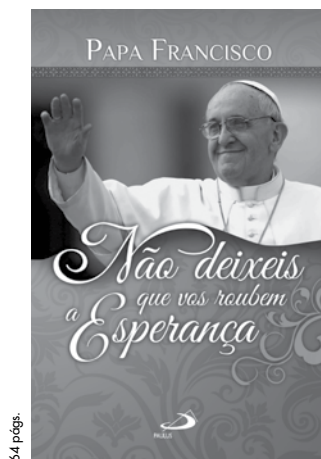
III. Pistas para reflexão

– *Jesus ressuscitou: a vida já não é a mesma.* Maria Madalena se distingue pela sua coragem. Ela vai ao túmulo, mesmo no escuro. Seu amor a Jesus não permite que permaneça afastada. Procura entender o sentido da morte de Jesus. Não é acomodada nem derrotista. Vai ao encontro dos discípulos e lhes anuncia uma notícia inquietante: o túmulo está vazio. A sua ousadia na busca da verdade a levará ao encontro com Jesus ressuscitado. Pedro, apesar de sua boa vontade em seguir a Jesus, ainda permanece na dúvida. O discípulo que Jesus amava é o mais rápido para “ver e crer”. Não precisou ver Jesus com os olhos da carne. Quem ama e se deixa amar por Jesus caminha na certeza de que ele está vivo.

– *A fé na ressurreição derruba barreiras.* O encontro de Pedro com Cornélio corresponde à atitude das pessoas que amam a Deus acima dos preconceitos humanos. A fé em Jesus Cristo como salvador do mundo derruba as barreiras de raças e de tradições culturais e religiosas que dividem as pessoas. Nada pode impedir o diálogo, a reconciliação, o respeito mútuo e a vivência do amor fraterno. O espaço privilegiado para essa vivência é a casa. O que aconteceu na casa de Cornélio nos anima a fortalecer o modelo da Igreja como comunidades eclesiais de base; também nos incentiva ao compromisso com o ecumenismo e com o diálogo inter-religioso.

Não deixeis que vos roubem a esperança

Papa Francisco



A obra tem a finalidade de tornar conhecidos os discursos do Papa Francisco durante as Audiências gerais, Solenidade de Pentecostes e Domingos de Páscoa, realizadas na Praça de São Pedro, em Roma, em 2013.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





– *A vida mergulhada em Jesus Cristo.*

Como aconteceu entre os cristãos colossenses, também hoje corremos o perigo de nos deixar arrastar por ideologias que contradizem o evangelho. É importante cultivarmos a prática do discernimento para assumir os valores que nos conservam na vontade de Deus e edificam a nossa vida. Professar a fé em Jesus Cristo implica viver dignamente, bem como respeitar a dignidade das demais pessoas e da natureza.

2º DOMINGO DA PÁSCOA

27 de abril

Pe. Johan Konings, sj

A fé apostólica, que é nossa

I. Introdução geral

Nos domingos depois da Páscoa, a liturgia nos põe em contato com a primeira comunidade cristã. As primeiras leituras são uma sequência de leituras tomadas dos Atos dos Apóstolos. Nas leituras do evangelho, é-nos apresentada a “suma teológica” do século I, o Evangelho de João. As segundas leituras são tomadas de outros escritos muito significativos quanto aos temas batismais e da fé; no ano A, a primeira carta de Pedro.

O segundo domingo pascal, especificamente, é marcado pelo tema da *fé batismal*. É o antigo domingo *in albis* (“em vestes brancas”). Nesse domingo, os neófitos (os novos fiéis, literalmente “broto novos”), batizados na noite pascal, apresentavam-se vestidos com a veste branca que receberam na noite de seu batismo: são “como crianças recém-nascidas” (como se dizia no canto da entrada). A oração do dia pede que progridamos

na compreensão dos mistérios básicos da nossa fé, os “sacramentos da iniciação cristã” – batismo, eucaristia e confirmação –, e a oração final reza por mais profundo entendimento do mistério da ressurreição e do batismo. Quanto às leituras, embora não exista estrita coerência temática entre as três, todas elas nos fazem participar do espírito do mistério pascal.

II. Comentário dos textos bíblicos

1. I leitura (At 2,42-47)

A primeira leitura nos apresenta o ideal da comunidade cristã: a comunidade primitiva dos cristãos de Jerusalém. A descrição de At 2,42-47 acentua especialmente a comunhão dos bens, que corresponde ao sentido do partir o pão – comemoração do Senhor Jesus. Outros textos semelhantes sobre a vida da comunidade encontram-se em At 3,32-37 e 5,12-16. Tanto essa comunhão perfeita como os prodígios operados pelos apóstolos serviam de testemunho para os demais habitantes de Jerusalém, testemunho que não deixava de ter sua eficácia. Essa leitura é, portanto, mais do que um documento histórico sobre os primeiros tempos depois da Páscoa: é convite para restabelecermos a pureza cristã das origens.

2. II leitura (1Pd 1,3-9)

A segunda leitura é tomada da primeira carta de Pedro, que é uma espécie de homilia batismal. Na perspectiva de seu autor, a volta gloriosa do Senhor estava próxima; os cristãos deviam passar por um tempo de prova, como ouro na fornalha, para depois brilhar com Cristo na sua glória. Nessa perspectiva, a fé batismal se concebe como antecipação da plena revelação escatológica: é amar aquele que ainda não vimos e



nele crer, o coração já repleto de alegria diante da salvação que se aproxima (e já alcançada na medida em que a fé nos põe em verdadeira união com Cristo).

3. Evangelho (Jo 20,19-31)

O evangelho constitui o fim do Evangelho de João: Jo 20,19-31 (o capítulo 21 de João é um epílogo que excede a estrutura literária do evangelho propriamente). O Evangelho de João é composto de dois painéis, introduzidos pelo prólogo (1,1-18). O primeiro painel, 1,19-12,50, narra os “sinais” de Jesus. Esses sinais manifestam que Jesus é o enviado de Deus e que Deus está com ele e, ao mesmo tempo, revelam simbolicamente o dom que Jesus mesmo é. No segundo painel, os capítulos 13-20, Jesus, na hora de sua despedida, abre o seu mistério de união com o Pai e inclui nele os seus discípulos, antes de assumir, livremente, a morte por amor e ser ressuscitado por Deus. Sua ressurreição é o sinal de que ele vive e sobe à glória do Pai (20,17). No trecho que ouvimos hoje, manifesta-se o dom do Espírito de Deus a partir da glorificação/exaltação de Jesus (cf. 7,37-39). Na sua despedida, Jesus prometeu aos seus o Espírito e a paz (14,15-17.26-27). Agora, o Ressuscitado, enaltecido e revestido com a glória do Pai, traz esses dons aos seus (20,21-22), que serão seus enviados como ele o foi do Pai (20,21). Para essa missão, recebem o poder de perdoar, poder que, segundo a Bíblia, é exclusivo de Deus e, portanto, só pode ser comunicado por quem comunga de sua autoridade. De fato, já no início do Evangelho de Marcos, Jesus se caracteriza como o “Filho do homem” (cf. Dn 7,13-14), que recebe de Deus esse poder (Mc 2,10). Segundo Jo 20,19-23, o Ressuscitado dá à comunidade dos fiéis o Espírito de Deus e a missão de tirar o pecado do mundo – também a missão que João Batista re-

conheceu em Jesus no início do evangelho (Jo 1,29). À maneira semítica e bíblica, a missão de perdoar é expressa na forma afirmativa (“a quem perdoardes os pecados, serão perdoados”) e negativa (“a quem os retiverdes [= não perdoardes], serão retidos”, Jo 20,23). Mas isso não significa que os seguidores e sucessores de Jesus poderão administrar o perdão arbitrariamente. Muito antes, trata-se do poder de *administrar o perdão concedido por Deus*: munida do Espírito de Deus, a comunidade reconhecerá quem recebe dele o perdão e quem não. E não deixa de ser significativo que Jesus exprima essa presença do Espírito exatamente pelo perdão e não pelo dom das línguas ou algo assim. Pois o que o ser humano procura, em profundidade, é exatamente esse “estar bem com Deus e com os irmãos”, que o pecado impede, mas o perdão possibilita. Todo o culto judaico girava em torno da reconciliação com Deus e com a comunidade. A carta aos Hebreus explica que Jesus, enquanto sumo sacerdote definitivo, realiza essa reconciliação de uma vez para sempre. O que Jesus confia aos seus em Jo 20,22-23 é mais que mera “jurisdição”. É o dom da vida nova, na “paz”, no *shalom*, o dom do Messias por excelência. Unidos na comunidade da verdadeira videira que é Jesus (Jo 15,1-8), temos a vida em abundância (Jo 10,10).

A segunda parte do evangelho de hoje conta a história de Tomé. O texto põe em evidência Tomé entre os que viram o Ressuscitado (cf. At 10,41; 1Jo 1,1-3), mas visa às gerações seguintes, que, sem terem visto, deverão crer – com base no testemunho das testemunhas privilegiadas. “Felizes os que não viram e, contudo, creram” (Jo 20,28) é bem-aventurança que se dirige a nós (cf. 1Pd 1,8, primeira leitura de hoje). E é para esse fim que os que viram nos transmitiram, por escrito, o testemunho



evangélico, como diz o autor nas palavras finais (Jo 20,30-31).

Daí podermos dizer: “Cremos na fé dos que testemunharam”, a fé dos apóstolos, a fé apostólica. A Tomé é dado experimentar a realidade do Crucificado que ressuscitou, e o apóstolo proclama a sua fé, tornando-se verdadeiro fiel. Mas há outros a quem não será dado esse tipo de provas que Tomé requereu e recebeu; eles terão de acreditar também e são chamados felizes por crerem sem ter visto. Esses “outros” somos todos nós, cristãos das gerações pós-apostólicas. Mas, em vez de provas palpáveis, a nós é transmitido o testemunho escrito das testemunhas oculares, para que nós creiamos e, crendo, tenhamos a vida em seu nome (20,30-31). *A fé dos apóstolos é nossa.*

III. Dicas para reflexão: Nossa fé “apostólica”

Todo o mundo gosta de ter provas palpáveis para acreditar. Mas para que ainda acreditar quando se têm provas palpáveis? E as pretensas provas, que certeza dão? Nossa fé não vem de provas imediatas, mas da fé das “testemunhas designadas por Deus” (At 10,41), principalmente dos apóstolos.

Os apóstolos foram as testemunhas da ressurreição de Jesus. Eles puderam ver o Ressuscitado e por isso acreditaram. Tomé foi convidado por Jesus a tocar nas chagas das mãos e do lado (evangelho). Tomé pôde verificar e acreditou: “Meu Senhor e meu Deus!” Nós não temos esse privilégio. Seremos felizes se crermos sem ter visto (Jo 20,29). Mas, para que isso fosse possível, os apóstolos nos deixaram os evangelhos, testemunho escrito do que eles viram e da fé no Cristo e Filho de Deus que abraçaram

(Jo 20,30-31).

O Cristo descrito nos evangelhos é visto *com os olhos da fé dos apóstolos*. Um incrédulo o veria bem diferente. Nós cremos em Jesus como os apóstolos o viram. A participação na fé dos apóstolos nos dá a possibilidade de “amar Cristo sem tê-lo visto” e de “acreditar nele (como Senhor e fonte de nossa glória futura), embora ainda não o vejamos” (2ª leitura).

Nós acreditamos na fé dos apóstolos e da Igreja que eles nos deixaram. Então, nossa fé não é coisa privada. É apostólica e eclesial. Damos crédito à Igreja dos apóstolos. Os primeiros cristãos faziam isso materialmente: entregavam os seus bens para que ela os transformasse em instrumentos do amor do Cristo. Crer não é somente aceitar verdades. É agir segundo a verdade do ser discípulo e seguidor do Cristo.

É inútil querer verificar e provar nossa fé sem passar pelos apóstolos e pela corrente de transmissão que eles instituíram, a Igreja. É impossível verificar, por evidências fora do âmbito dos evangelhos, a ressurreição de Cristo. Ora, o importante não é “verificar”, ao modo de Tomé, mas viver o sentido da fé que os apóstolos (incluindo Tomé) transmitiram. A fé dos apóstolos exige que creiamos em seu testemunho sobre Jesus morto e ressuscitado e também que pratiquemos a vida de comunhão fraterna na comunidade eclesial que brotou de sua pregação.

Num tempo de hiperindividualismo, como é o nosso, essa consciência de acreditarmos naquilo que os apóstolos acreditaram é muito importante. Deles recebemos a fé, nossa “veste branca”, e, na comunidade que eles fundaram, nós a vivemos. Ora, por isso mesmo é tão importante que essa comunidade, por todo o seu modo de viver o legado do Ressuscitado, seja digna de fé. ●

É tempo de louvar a Deus!

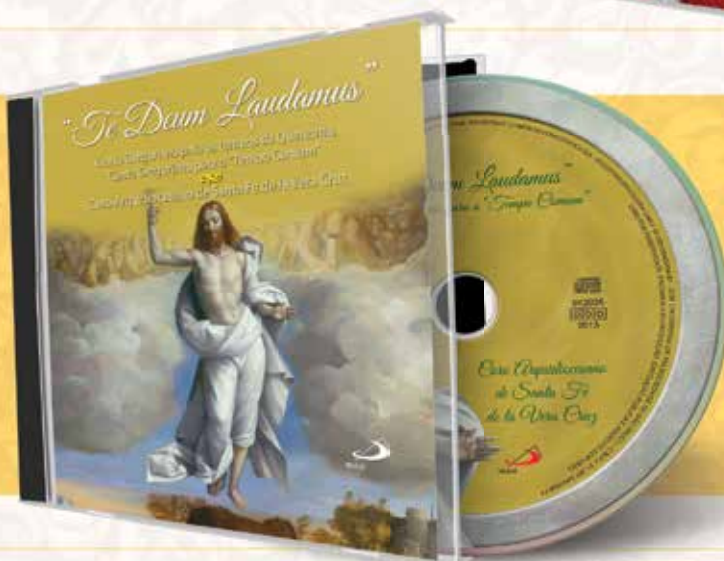
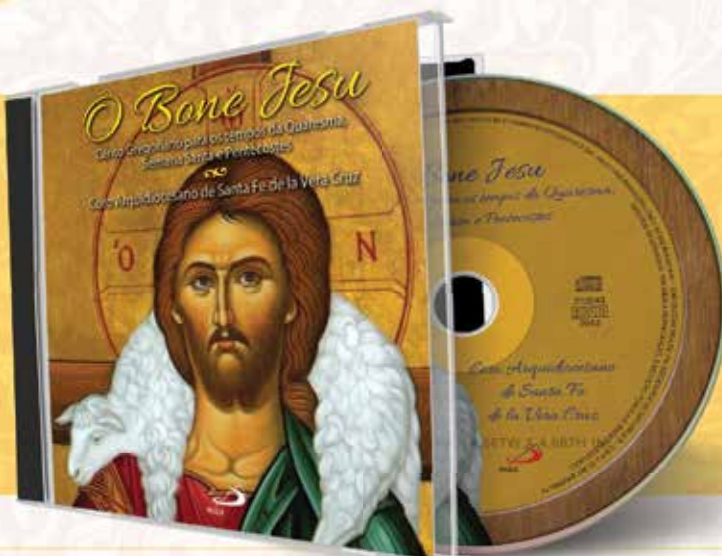
O canto gregoriano é a mais antiga manifestação musical do Ocidente e originou-se a partir dos cantos das antigas sinagogas, desde os tempos de Jesus Cristo. Instrumento eficaz que nos eleva até Deus.

CD O Bone Jesu

Canto Gregoriano para os tempos da Quaresma, Semana Santa e Pentecostes
Coro Arquidiocesano de Santa Fe De La Vera Cruz

Esta coletânea canta a vida e obra de Jesus. Conta com esmero e qualidade vocal, apresenta interpretação musical de grande beleza, em sintonia com o estilo do repertório.

13 faixas



CD Te Deum Laudamus

Canto Gregoriano para o "Tempo Comum"
Coro Arquidiocesano de Santa Fe De La Vera Cruz

Este trabalho concilia o campo da experiência da escuta aliada à meditação de alguns dos mais belos temas da fé cristã. O texto dos cantos pode ser acompanhado pela tradução em português.

15 faixas

PAULUS: 29 livrarias distribuídas por todo o Brasil.

VENDAS: Tel.: (11) 3789-4000 — 0800-164011 — vendas@paulus.com.br

SAC: Tel.: (11) 5087-3625 — sac@paulus.com.br

Visite nossa loja virtual

paulus.com.br

100
ANOS



PAULUS

Saiba mais sobre Padre Cícero, figura tão popular e querida de nosso povo!



18 faixas

CD Padrinho do Povo

Ir. Miria T. Kolling, ICM

O conteúdo e o objetivo desses cantos destina-se a toda a Igreja, aos bispos, sacerdotes e religiosos, bem como aos ministros do canto e da música; aos catequistas, jovens, e também aos devotos do nosso querido "Padim Ciço".



48 págs.

Padre Cícero de Juazeiro

José Comblin

Esta breve biografia é homenagem ao padre Cícero, por causa de seu compromisso com os mais pobres. Todos os que iam até ele, desiludidos dos poderosos, encontravam o carinho de uma palavra ou de um gesto amigo.

Criação PAULUS / A PAULUS se reserva o direito de alterar ou retirar o produto do catálogo sem prévio aviso. Imagens meramente ilustrativas.

PAULUS: 29 livrarias distribuídas por todo o Brasil.

VENDAS: Tel.: (11) 3789-4000 — 0800-164011 — vendas@paulus.com.br
SAC: Tel.: (11) 5087-3625 — sac@paulus.com.br

Visite nossa loja virtual

paulus.com.br

100
ANOS
PAULUS